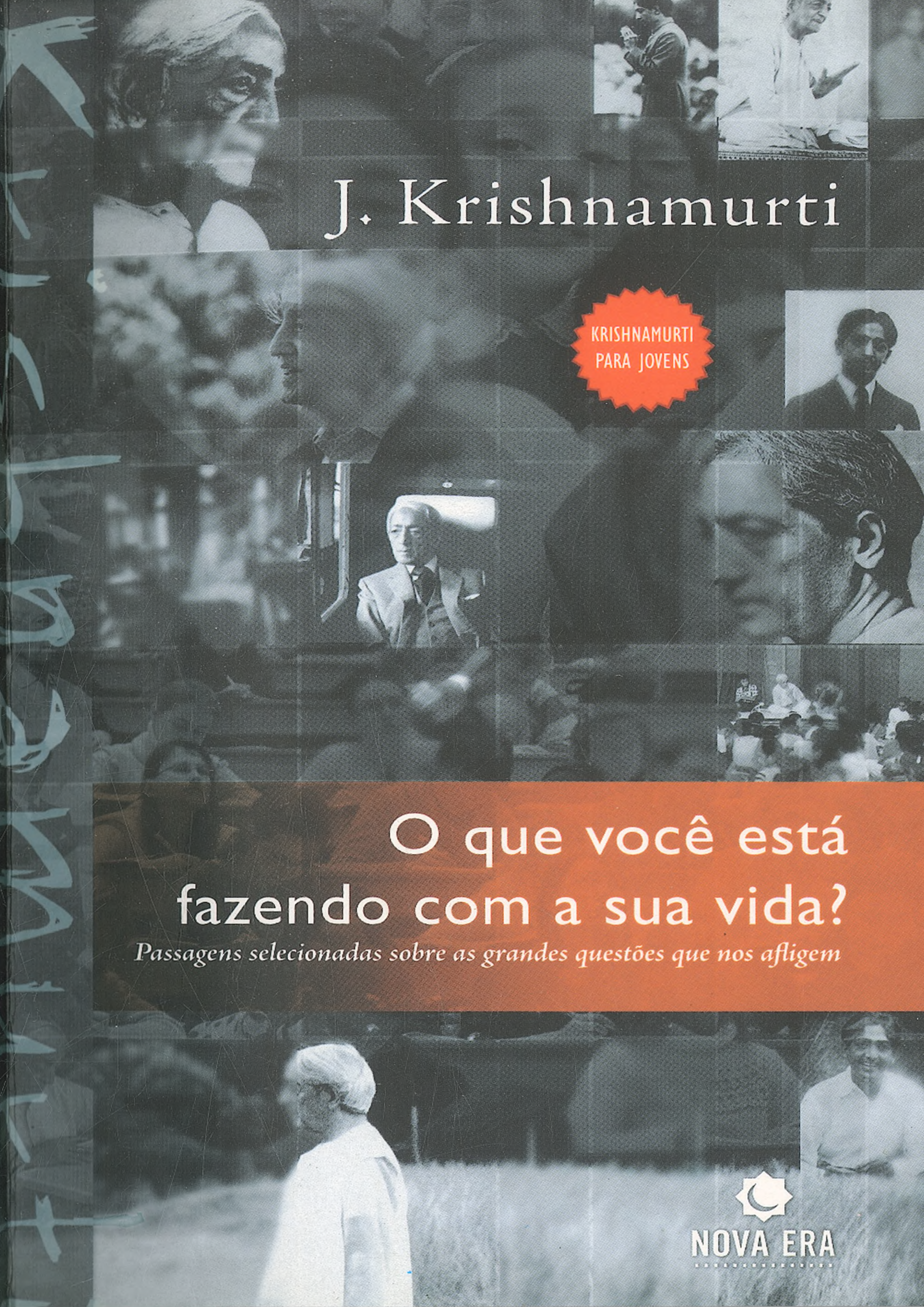


J. Krishnamurti

KRISHNAMURTI PARA JOVENS

O que você está fazendo com a sua vida?

Passagens selecionadas sobre as grandes questões que nos afligem

NOVA ERA

J. Krishnamurti

O que você está fazendo com a sua vida?

Passagens selecionadas sobre as grandes questões que nos afligem

Título original norte-americano:
WHAT ARE YOU DOING WITH YOUR LIFE?

Sumário

PARTE TRÊS
Educação, trabalho e dinheiro

PARTE QUATRO
Relacionamentos

Prefácio

Jiddu Krishnamurti (1895-1986), filho de indianos, foi educado na Inglaterra e deu palestras por todo o mundo. Dizia que não pertencia a nenhuma casta, nacionalidade ou religião e que não era preso a nenhuma tradição.

Seus ensinamentos, mais de 20 milhões de palavras, foram publicados em mais de 75 livros, 700 fitas de áudio e 1.200 fitas de vídeo. Até o momento, foram vendidos quatro milhões de exemplares de seus livros, em 22 idiomas. Assim como o Dalai Lama e Madre Teresa, Krishnamurti foi declarado, pela revista *Time*, um dos cinco santos do século XX.

Viajou pelo mundo durante 65 anos, falando voluntariamente para grandes platéias até o fim de sua vida, à idade de 90 anos. A rejeição de qualquer tipo de autoridade espiritual e psicológica, inclusive a sua, é um tema fundamental. Ele disse que o homem precisa se livrar do medo, do condicionamento, da autoridade e dos dogmas através do conhecimento de si mesmo, e que isso produziria ordem e verdadeira mudança psicológica. Dominado por violentos conflitos, o mundo não pode ser transformado em um lugar de bondade, amor e compaixão por nenhuma estratégia política, social ou econômica. Só pode

ser mudado pela transformação dos indivíduos, que acontece por meio da própria observação, sem a influência de gurus ou de religiões organizadas.

O alto grau de desenvolvimento de Krishnamurti como filósofo original atraiu tanto pensadores tradicionais quanto não tradicionais, assim como outros filósofos. Chefes de Estado, importantes físicos como David Bohm, líderes das Nações Unidas, psiquiatras, psicólogos, líderes religiosos e professores universitários dialogaram com Krishnamurti. Estudantes, professores e milhões de pessoas, dos mais diversos estilos de vida, ouviram Krishnamurti e leram seus livros. Ele estendeu uma ponte entre ciência e religião sem o uso de um jargão, de modo que tanto cientistas como leigos podem compreender suas discussões sobre tempo, pensamento, percepção e morte.

Criou fundações nos Estados Unidos, na Índia, na Inglaterra, no Canadá e na Espanha, que têm o objetivo de propagar sua obra e proteger seus ensinamentos de qualquer distorção, sem autoridade para interpretar as idéias ou deificar os ensinamentos ou a pessoa.

Com as muitas escolas que fundou na Índia, na Inglaterra e nos Estados Unidos, Krishnamurti visualizava uma educação que enfatizasse a compreensão da mente e do coração, e não apenas habilidades acadêmicas e intelectuais, que desenvolvesse habilidades na arte de viver, e não apenas nas técnicas de como viver.

Ele disse: "Escola é o lugar onde aprendemos a totalidade, a inteireza da vida. Excelência acadêmica é absolutamente necessária, mas uma escola inclui muito mais que isso. É um lugar onde quem ensina e quem aprende exploram não apenas o

mundo exterior, o mundo do conhecimento, mas também seu próprio pensamento, seu comportamento."

A respeito de sua obra, Krishnamurti disse: "Não exige crença, não há seguidores, cultos, não há persuasão de nenhum tipo, em nenhuma direção, pois é só assim que podemos nos encontrar na mesma plataforma, no mesmo terreno, no mesmo nível e juntos observar os extraordinários fenômenos da existência humana."

Kishore Khairnar
Diretor do Centro de Estudos Sahyadri
Fundação Krishnamurti, Índia

Introdução

A maneira como nos relacionamos uns com os outros, com nosso cérebro, com bens, dinheiro, trabalho e sexo — esses relacionamentos próximos — cria a sociedade. Nosso relacionamento conosco mesmos e com os outros, multiplicado por seis bilhões, cria o mundo. Os preconceitos, a solidão, a ganância, a fome — física ou emocional —, a raiva e a tristeza de cada um de nós reunidos formam o mundo. Nós somos o mundo.

O mundo não é diferente de nós. O mundo *é* cada um de nós. Então, é simples: se mudarmos cada um de nós, mudaremos o mundo. Se apenas um de nós mudar, isso já causa um movimento. A bondade é contagiosa.

Na escola, aprendemos a ouvir nossos pais e mestres. Isso faz sentido, tecnologicamente. Mas milhares de gerações ainda não aprenderam psicologicamente a parar de sofrer e de causar sofrimento aos outros. A evolução psicológica não acompanhou a evolução biológica nem a científica. Na escola, podemos aprender a *formar* um meio de vida, mas temos de aprender sozinhos a *arte* de viver.

A vida fere a todos, com solidão, confusão, sentimentos de fracasso, desespero. Fere com pobreza, doença emocional, vio-

lência na rua ou em casa. Aprendemos muito, mas muito raramente alguém nos ensina a lidar com os sofrimentos da vida. Ninguém nos ensina que o que fere não é a vida, mas nossas reações ao que nos acontece. É o nosso medo, enraizado em autoproteção, que causa a dor. Proteger o corpo é natural. Mas será natural proteger aquilo que chamamos de "ego"? O que é esse ego que é a raiz das inquietações, da dor psicológica que sentimos quando tentamos protegê-lo?

Se alguém foge da dor e da confusão mentais recorrendo a drogas, entretenimento, sexo, negócios, o problema doloroso continua lá, composto de exaustão e vício. Devemos prestar atenção às maneiras do ego, compreendendo que medo, desejo e raiva são naturais, mas que não precisamos agir por meio deles, nem ter tudo o que desejamos. Essa compreensão dissolve a angústia mental.

Precisamos compreender o ego, para entendermos que ele é a fonte de nossos problemas. Isto não significa ser autocentrados, mas sim prestar atenção aos pensamentos, sentimentos e atividades do ego, seu condicionamento cultural, pessoal e biológico. Isso é meditação.

O homem que deixou essas palestras e escritos viveu como um dos grandes excluídos da sociedade: os rebeldes, os poetas errantes, os filósofos religiosos, os sábios iconoclastas, os cientistas e os psicólogos pioneiros, os grandes mestres viajantes de todos os milênios. Por 65 anos, Krishnamurti falou de liberdade psicológica para quem quisesse ouvi-lo. Fundou escolas onde crianças, adolescentes e jovens adultos estudam todas as matérias normais e aprendem a conhecer a si mesmos. Nessas escolas, assim como nas palestras e no que escreveu, ele mostra

que não serão as guerras — interiores e exteriores — que nos libertarão, mas sim a verdade a respeito de nós mesmos.

Não há caminho, autoridade ou guru a seguir. Você tem capacidade para descobrir o que você é, o que está fazendo com sua vida, seus relacionamentos e seu trabalho. Você precisa vivenciar o que este livro diz. A verdade de outra pessoa é apenas uma opinião, até que nós mesmos a experimentamos. Olhe você mesmo pelo microscópio ou ficará com uma poeira de palavras, não a real percepção da vida.

Em geral, somos ensinados sobre *o que* pensar, mas não *como* pensar. Aprendemos a escapar da solidão e do sofrimento mental, mas não a eliminá-los.

Tudo o que está neste livro foi extraído dos escritos de Krishnamurti, de seus diálogos gravados e de palestras públicas. Leia-o e veja por si próprio o que acontece.

Uma última observação: "K", como esse mestre chamava a si mesmo, freqüentemente pedia desculpas às mulheres por usar as palavras "ele", "dele" e "homem" em seus escritos e palestras. Ele incluía todos os seres humanos em seus ensinamentos.

Dale Carlson
Editor

PARTE UM

Você e sua vida

1

O que você é?

— 1 —

Compreendendo a mente

Parece-me que sem a compreensão de como nossa mente funciona ninguém pode compreender e resolver os problemas complexos da vida. Essa compreensão não é alcançada pelo conhecimento encontrado em livros. A própria mente é um problema difícil. No processo de tentar compreendê-la, talvez possamos entender as crises que todos nós enfrentamos na vida e superá-las.

— 2 —

Parece-me que é muito importante compreendermos o processo de nossa mente...

— 3 —

O que é a mente?

Não sabemos como a mente funciona — a mente como ela é, não como deveria ser ou como gostaríamos que fosse. A mente é o único instrumento que temos, o instrumento com que pensamos, agimos, e no qual reside nosso ser. Se não compreendermos essa mente em operação, funcionando em cada um de nós, qualquer problema com que nos confrontarmos se tornará mais complexo e destrutivo. Então, parece-me que a compreensão da própria mente é a primeira função essencial de toda educação.

O que é nossa mente, a sua e a minha? O que é a mente, não de acordo com o que diz outra pessoa, mas para você? Se você não apenas seguir minha descrição da mente, mas de fato observar sua mente em funcionamento, então talvez seja proveitoso e válido entrar na questão do pensamento. O que é a mente? É o resultado do clima, de séculos de tradição, da assim chamada cultura, de influências sociais e econômicas, do meio ambiente, de idéias, de dogmas que a sociedade imprime na mente através da religião, do que é chamado conhecimento e de informações superficiais. Por favor, observe sua própria mente, em vez de meramente seguir a descrição que estou oferecendo, porque essa descrição tem importância muito pequena. Se pudermos observar as operações da nossa mente, talvez sejamos capazes de lidar com os problemas da vida do modo como se apresentam a nós.

A mente é dividida em consciente e inconsciente. Se não gostarmos de usar estas duas palavras, podemos optar pelos

termos "superficial" e "oculto", as partes superficiais da mente e suas camadas mais profundas. O todo formado pelo consciente e pelo inconsciente, ou pelo superficial e pelo oculto, o processo completo do pensamento — somos conscientes apenas de uma parte desse processo e inconscientes do resto, a parte maior — é o que chamamos de consciência. Essa consciência é fruto do tempo, o resultado de séculos de esforço do homem.

Fizeram-nos acreditar em certas idéias. Desde a infância, somos condicionados por dogmas, crenças, teorias. Cada um de nós é condicionado por várias influências, e desse condicionamento, dessas influências limitadas e inconscientes nossos pensamentos surgem e tomam a forma de um comunista, de um hindu, de um muçulmano ou de um cientista. O pensamento, obviamente, brota do arcabouço da memória, da tradição, e é com essa formação do consciente e do inconsciente, do superficial e das camadas mais profundas da mente que enfrentamos a vida. A vida está sempre em movimento, nunca é estática. Nossa mente, porém, encontra-se estática. Está condicionada, presa, amarrada a dogmas, crenças, experiências e conhecimento. E é com essa mente aprisionada, com essa mente tão condicionada, tão fortemente amarrada, que enfrentamos a vida que está em constante movimento. A vida, com seus problemas complexos e em rápida mudança, nunca fica parada, e exige uma nova abordagem a cada dia, a cada minuto. Assim, quando a enfrentamos, há uma constante luta entre a mente, condicionada e estática, e essa vida em movimento contínuo. É isso que está acontecendo, não é?

Não só há um conflito entre a vida e a mente condicionada, como também essa mente, enfrentando a vida, cria mais

problemas. Adquirimos conhecimento superficial, ciência, novos meios de conquistar a natureza, mas a mente que adquiriu esse conhecimento ainda permanece em estado condicionado, presa a uma particular forma de crença.

Assim, nosso problema não é descobrir como enfrentar a vida, mas como a mente, com todo o seu condicionamento, seus dogmas e crenças, pode libertar-se. Só uma mente livre pode enfrentar a vida, não a mente amarrada a um sistema qualquer, a uma crença, a um determinado conhecimento. Desse modo, é importante compreender o funcionamento da mente, pois, com essa compreensão, pararíamos de criar mais problemas, acabaríamos com a miséria e o sofrimento.

— 4 —

O que é o ego?

Sabemos o que o ego significa? Para mim, significa a idéia, a memória, a conclusão, a experiência, as várias formas de intenção nomináveis e inomináveis, o esforço consciente de ser ou não ser, a memória acumulada do inconsciente, a raça, o grupo, o indivíduo, o clã e o total disso tudo, seja projetado externamente, como ação, ou espiritualmente, como virtude. O esforço por trás disso tudo é o ego. Nele estão incluídos a competição e o desejo de ser. Esse processo todo é o ego, e sabemos realmente, quando o olhamos, que ele é uma coisa má. Estou usando a palavra "má" intencionalmente, porque o ego é divisor, o ego encerra-se em si mesmo, e suas atividades, por

mais nobres, separam e isolam. Sabemos tudo isso. Também conhecemos aqueles momentos extraordinários em que o ego desaparece, em que não há senso de empenho, de esforço, momentos que acontecem quando existe amor.

— 5 —

Conhecer a si próprio é um processo

Então, para compreendermos os inumeráveis problemas que todos nós temos, não é essencial que conheçamos a nós mesmos? Essa percepção de si mesmo é uma das coisas mais difíceis e não significa isolamento ou reclusão. O autoconhecimento é essencial, mas conhecer a si mesmo não significa afastar-se dos relacionamentos. Seria um erro pensar que alguém pode conhecer-se significativa e completamente através do isolamento, da exclusão, procurando psicólogos ou algum tipo de sacerdote, ou que o autoconhecimento se pode aprender através de algum livro. Conhecer a si próprio é um processo, não um fim em si mesmo, e para que alguém se conheça deve perceber a si mesmo quando está em ação, e isso é relacionamento. Não é se isolando, fechando-se em si mesmo, que você se descobre, mas em relacionamentos com a sociedade, seu cônjuge, seu irmão, o homem. Mas descobrir como você reage, quais são suas reações, exige uma extraordinária atenção mental, uma percepção aguda.

— 6 —

O que você é, o mundo é

Qual é o relacionamento entre você e a infelicidade e a confusão que existem em seu íntimo e à sua volta? Essa confusão, essa infelicidade, certamente não se criaram sozinhas. Fomos você e eu que as criamos, não a sociedade, mas você e eu, em nosso relacionamento um com o outro. O que você é por dentro projeta-se para fora, para o mundo. Tudo o que você é, o que pensa, o que sente, o que faz em sua vida diária, é projetado para fora, e é disso que o mundo é constituído. Se somos infelizes, confusos, intimamente caóticos, através de projeção isso se torna o mundo, a sociedade, porque o relacionamento entre mim e você, entre um e outro, é a sociedade — a sociedade é produto de nosso relacionamento —, e se nosso relacionamento é confuso, egocêntrico, estreito, limitado, patriótico, projetamos isso e trazemos o caos para o mundo.

O que você é, o mundo é. Então, seu problema é o problema do mundo. Este é um fato simples e básico, não é? Em nosso relacionamento com um ou com muitos parece que, de alguma forma, ignoramos isso o tempo todo. Queremos fazer alterações através de um sistema ou de uma revolução de idéias e valores baseados em um sistema, esquecendo que somos você e eu que, pelo modo como vivemos, criamos a sociedade, causamos confusão ou ordem. Assim, precisamos começar pelo que está perto, isto é, devemos nos preocupar com nossa existência diária, nossos pensamentos, sentimentos e ações diários, que se revelam na maneira como ganhamos a vida e em nosso relacionamento com idéias ou crenças.

— 7 —

Sua luta é a luta humana

Um revolução completa e enriquecedora não pode acontecer a menos que você e eu compreendamos a nós mesmos como um processo total. Você e eu não somos indivíduos isolados, mas o resultado de toda a luta humana, com suas ilusões, fantasias, buscas, contendas, ignorância e infelicidade. Não podemos começar a alterar a situação do mundo sem a compreensão de nós mesmos. Quando você entende isso, acontece em seu íntimo uma revolução imediata e completa. Então, não há necessidade de nenhum guru, porque o conhecimento de si mesmo vem de momento a momento, não é o acúmulo de coisas que você ouviu dizer, nem está contido nos preceitos de mestres religiosos. Como você está descobrindo a si mesmo no relacionamento com um outro, de momento a momento, esse relacionamento ganha um significado completamente diferente. O relacionamento, então, é uma revelação, um constante processo de descoberta de si mesmo, e com essa autodescoberta vem a ação.

Portanto, o conhecimento de si mesmo só pode vir através do relacionamento, não do isolamento. Relacionamento é ação, e autoconhecimento é o resultado da atenção em ação.

— 8 —

Transforme-se e transformará o mundo

A transformação do mundo resulta da transformação de si mesmo, pois o ego é o produto e parte do processo total da

existência humana. Para transformar a si mesmo, o autoconhecimento é essencial, sem saber o que se é, não há base para o pensamento correto, e sem conhecer a si mesmo, não pode haver transformação.

— 9 —

Por que mudar já?

Não há grande diferença entre os velhos e os jovens, pois ambos são escravos de seus desejos e alegrias. Maturidade não depende de idade, vem com o entendimento. O ardente espírito inquiridor talvez seja mais fácil para os jovens, porque os mais velhos já foram maltratados pela vida, os conflitos deixaram-nos exaustos, e a morte, em diversas formas, está à sua espera. Isso não significa que os velhos não sejam capazes de fazer indagações úteis, mas apenas que é mais difícil para eles. Muitos adultos são imaturos e bastante infantis, e isso é uma das causas da confusão e infelicidade que há no mundo. Os mais velhos são os responsáveis pela crise moral e econômica dominante, e uma de nossas mais tristes fraquezas é a de querermos que outras pessoas ajam por nós e mudem o curso de nossas vidas. Esperamos que outros se revoltem e reconstruam, e permanecemos inativos até termos certeza do resultado. O que mais buscamos é segurança e sucesso, e uma mente que busca segurança, que deseja sucesso, não é inteligente, portanto, é incapaz de ação integrada. Só pode haver ação integrada se cada um de nós estiver consciente de seu próprio condicionamento, de seus

próprios preconceitos raciais, políticos e religiosos, isto é, apenas se percebermos que o ego é sempre separador.

A vida é um poço de águas profundas. Pode-se ir até ele com pequenos baldes e tirar só um pouquinho de água ou chegar com grandes vasilhas e tirar grande quantidade de água, que nutrirá e sustentará. O tempo de investigar, de experimentar tudo, é enquanto se é jovem. A escola deveria ajudar os jovens a descobrir sua vocação e suas responsabilidades, não meramente entulhar suas mentes com fatos e conhecimento técnico. Deveria ser o solo no qual eles pudessem crescer sem medo, com alegria e integralmente.

— 10 —

O pensamento não pode solucionar o problema do ego

Quanto mais refletimos sobre um problema, quanto mais o investigamos, analisamos e discutimos, mais complexo ele se torna. É possível, então, olhar para o problema de um modo que o abranja totalmente? Como isso é possível? Porque essa, penso eu, é nossa maior dificuldade. Nossos problemas estão se multiplicando, acontecem todos os tipos de distúrbios em nossos relacionamentos, e como podemos compreender tudo isso de uma maneira abrangente, como um todo? É óbvio que o problema só pode ser resolvido quando somos capazes de olhá-lo como um todo, não dividido em compartimentos. Quando isso é possível? Só é possível quando o processo do pensamento — que tem sua fonte no ego, na tradição, no condiciona-

mento, no preconceito, na esperança, no desespero — chegar ao fim. Podemos compreender esse ego não através de análise, mas vendo-o como ele é, estando consciente dele como um fato, não uma teoria, não buscando dissolvê-lo para alcançar um resultado, mas vendo a atividade desse ego constantemente em ação. Podemos *olhá-lo* sem nenhum movimento para destruí-lo ou encorajá-lo? Esse é o problema, não? Quando, em cada um de nós, o centro do ego com seu desejo de poder, posição, autoridade, continuação, autopreservação, for inexistente, com certeza nossos problemas terminarão!

O ego é um problema que o pensamento não pode resolver. Precisa haver uma percepção que não seja do pensamento. Perceber as atividades do ego, sem condenação ou justificação — só com percepção —, é suficiente. Se você o percebe a fim de descobrir *como* resolver o problema, a fim de transformá-lo, a fim de produzir um resultado, então essa percepção ainda permanece no campo do ego. Enquanto buscarmos um resultado, seja através de análise, de percepção, do exame constante de cada pensamento, ainda estaremos no campo do "eu", do "mim", do ego ou como você quiser chamar.

Enquanto existir a atividade da mente, não poderá haver amor. Quando houver amor, não teremos mais problemas sociais.

2

O que você quer?

— 1 —

Segurança, felicidade, prazer

O que é que a maioria está procurando? O que é que cada um de nós quer? Neste mundo inquieto, onde todos estão tentando encontrar algum tipo de paz, algum tipo de felicidade, um refúgio, é importante descobrir o que é que estamos tentando buscar, o que estamos tentando descobrir. Provavelmente, a maioria está buscando felicidade, paz. Em um mundo assolado por tumultos, guerras, disputas e lutas, queremos um refúgio onde possamos encontrar um pouco de paz. Penso que é isso o que a maioria quer. Então, começamos a buscar, passamos de um líder para outro, de uma organização religiosa para outra, de um mestre para outro.

Mas estamos procurando felicidade ou estamos em busca de satisfação de algum tipo, da qual esperamos extrair felicidade? Há uma diferença entre satisfação e felicidade. Você pode

procurar felicidade? Talvez possa encontrar satisfação, mas de modo algum pode *encontrar* felicidade. Felicidade é derivativa, é um subproduto de alguma outra coisa. Então, antes de entregar a mente e o coração a algo que demande uma grande dose de dedicação, atenção, pensamento e cuidado, devemos descobrir o que é que estamos procurando, se é felicidade ou satisfação. Receio que muitos de nós estamos procurando satisfação. Queremos ficar satisfeitos, queremos encontrar uma sensação de plenitude ao fim de nossa busca.

Quem está buscando paz, pode encontrá-la muito facilmente. Podemos nos devotar cegamente a uma causa, uma idéia, e esse será nosso refúgio. No entanto, isso não resolve o problema. O mero isolamento no refúgio de uma idéia não nos liberta do conflito. Então, devemos descobrir o que é que queremos, interna e externamente. Se descobrimos isso, não precisamos ir a lugar algum, nem procurar um mestre, uma Igreja, uma organização. Dessa forma, nossa dificuldade reside em sabermos com clareza qual é nossa intenção, não é? Podemos saber com clareza? Isso vem através da busca, da tentativa de descobrir o que os outros dizem, desde o mais elevado mestre até o pregador comum da igreja ali na esquina? É preciso recorrer a alguém para descobrir? No entanto, é isso que estamos fazendo, não é verdade? Lemos inúmeros livros, participamos de muitas reuniões, discutimos, filiamo-nos a várias organizações, tentando achar um remédio para o conflito, para a infelicidade em nossas vidas. Ou, se não fazemos isso tudo, achamos que nossa busca chegou ao fim, isto é, dizemos que uma certa organização, ou determinado mestre, ou um livro específico

nos satisfaz, que encontramos tudo o que queríamos; e assim permanecemos, cristalizados e encerrados.

Nós procuramos, no meio de toda essa confusão, algo permanente, duradouro, algo que possamos chamar de real, Deus, verdade, o que você queira, pois o nome não importa, a palavra, seguramente, não é a coisa que define. Então, não vamos nos enredar em palavras, deixemos isso para os oradores profissionais. A maioria busca por algo permanente. Algo a que possamos nos agarrar, algo que nos dê uma certeza, uma esperança, um entusiasmo duradouro, uma convicção que dure, porque, no íntimo, somos indecisos. Não conhecemos a nós mesmos. Sabemos muito sobre fatos, sabemos o que os livros dizem, mas não sabemos por nós mesmos, não temos uma experiência direta.

E o que é que chamamos de permanente? O que é que estamos procurando, que nos dará ou que esperamos que nos dê permanência? Não estamos procurando felicidade, satisfação e certeza duradouras? Queremos algo que dure para sempre e que nos dê satisfação. Se nos despojarmos de todas as palavras e frases e realmente olharmos para esse algo, veremos o que queremos. Queremos prazer permanente...

— 2 —

A felicidade não pode ser perseguida

O que você quer dizer com "felicidade"? Alguns dirão que felicidade é ter o que se quer. Você quer um carro, consegue um, então é feliz. Eu quero roupas, quero ir à Europa e, se posso ir,

fico feliz. Quero ser o maior político que já existiu e, se consigo, fico feliz, se não consigo, torno-me infeliz. Então, o que chamamos de felicidade é ter o que se quer, é realizar, alcançar sucesso, tornar-se nobre, conseguir qualquer coisa que se queira. Quando quer alguma coisa e pode tê-la, você se sente perfeitamente feliz, não sente nenhuma frustração. Mas, se não pode ter o que quer, sua infelicidade começa. Todos nós nos preocupamos com isso, não só os ricos ou os pobres. Os ricos e os pobres, todos querem algo para si, para sua família, para a sociedade e, se são impedidos, tornam-se infelizes. Não estamos dizendo que os pobres não devem ter o que querem. O problema não é esse. Estamos tentando descobrir o que é felicidade e se ela é alguma coisa da qual estamos conscientes. Será felicidade aquele momento em que tomamos consciência de que somos felizes, que possuímos muito? Esse momento não é felicidade, é? Então, não podemos ir atrás da felicidade. No momento em que temos consciência de que somos humildes, não somos humildes. Portanto, felicidade não é algo que se persiga. Ela vem para nós. Mas, se a procurarmos, ela fugirá.

— 3 —

Prazer e alegria transformam-se em dependência e medo da perda

Na verdade, não gostamos realmente de nada. Olhando para algo, divertimo-nos ou nos entusiasmamos superficialmente, experimentamos uma sensação que chamamos de alegria. Mas

alegria é algo muito mais profundo, que deve ser compreendido e adentrado.

Quando somos jovens, gostamos de coisas e nos deliciamos com elas: jogar, ter roupas, ler um livro, escrever uma poesia, pintar um quadro ou andar por aí empurrando uns aos outros. Quando ficamos mais velhos, embora ainda queiramos gostar dessas coisas, o melhor de nós já se foi, e preferimos outros tipos de sensação: paixão, luxúria, poder, posição.

— 4 —

Quando ficamos mais velhos, as coisas da vida perdem o sentido, a mente torna-se entorpecida, insensível, então tentamos gostar de algo, forçamo-nos a olhar quadros, árvores, a observar criancinhas brincando. Lemos algum livro sagrado, procurando o sentido, a profundidade e o significado do texto. Mas tudo é apenas um esforço, um trabalho, algo com o que lutar.

Penso que é muito importante compreender isso a que chamamos alegria, o gosto pelas coisas. Quando vemos algo muito lindo, queremos possuí-lo, segurá-lo, queremos dizer que é nosso — é *minha* árvore, *meu* pássaro, *minha* casa, *meu* marido, *minha* mulher. Queremos segurá-lo, e, nesse processo, aquilo de que gostávamos se vai, porque no ato de possuir há dependência, medo, exclusão, e o que nos dava alegria, um senso de beleza interior, está perdido, e a vida fica encerrada...

Para conhecer a verdadeira alegria é necessário ir muito mais fundo.

— 5 —

Alegria é a ausência do "eu" que quer

Podemos passar de um refinamento para outro, de uma sutileza para outra, de uma alegria para outra, mas no centro disso tudo está o "eu". É o "eu" que experimenta alegria, que quer mais felicidade, é o "eu" que procura, busca, anseia ser feliz, é o "eu" que luta, é o "eu" que se torna cada vez mais "refinado", mas que nunca quer chegar a um fim. Só quando o "eu", em todas as suas formas sutis, chega ao fim é que existe um estado de bem-aventurança que não pode ser buscado, um êxtase, uma alegria real, sem dor, sem corrupção. Agora, em toda nossa alegria, em toda nossa felicidade, há corrupção, porque atrás disso há dor, atrás disso há medo.

Quando a mente vai além do pensamento do "eu" experimentador, observador, pensador, então, sim, há possibilidade de uma felicidade incorruptível. Essa felicidade não pode ser tornada permanente, no sentido que damos a esta palavra. Mas nossa mente está buscando felicidade permanente, algo que dure, que seja contínuo. Esse próprio desejo de continuidade é corrupção. Mas quando a mente se liberta do "eu", há uma felicidade de momento a momento, que vem sem que a busquemos, uma felicidade que não é preciso juntar, armazenar, economizar. Não é algo a que possamos nos agarrar.

— 6 —

Queremos segurança

Existe o desejo de segurança. Podemos entender esse desejo quando nos deparamos com um animal selvagem, uma serpente ou quando vamos atravessar uma rua. Mas não há outra forma de segurança. Não há, realmente. Você gostaria de ter segurança com sua esposa, seus filhos, seus vizinhos, suas relações, mas não tem. Pode ter mãe e pai, mas vocês não estão ligados, estão completamente separados — veremos isto mais tarde. Não existe segurança, segurança psicológica, em nenhum momento, em nenhum nível, com ninguém, e isso é o mais difícil de reconhecer. Não há segurança psicológica com outro, porque ele é um ser humano, assim como você, é livre, assim como você. Mas queremos segurança em nossos relacionamentos, através de casamento, de votos — você sabe as peças que pregamos em nós mesmos e nos outros. Esse fato é óbvio, não precisa de grande análise.

— 7 —

Reconhecendo o fato da insegurança

Nunca entramos em contato com essa insegurança. Temos medo de ser completamente inseguros. É preciso uma grande inteligência para que se compreenda essa insegurança. Quando alguém se sente completamente inseguro, foge. Ou, não encontrando segurança em coisa alguma, fica desequilibrado, pronto

para cometer suicídio ou ser internado em um hospital psiquiátrico, ou torna-se profundamente religioso — formas de desequilíbrio, todas elas. Reconhecer — não intelectualmente, não verbalmente, não como uma atitude deliberada — o fato de que não há segurança, isto exige um modo de vida extraordinariamente simples, claro e harmonioso.

— 8 —

Por que estamos procurando algo?

Estamos eternamente procurando, e nunca nos perguntamos por quê. A resposta óbvia é que somos insatisfeitos, infelizes, desafortunados, solitários, desamados, temerosos. Precisamos de alguma coisa a que nos agarrar, precisamos de alguém que nos proteja — pai, mãe e assim por diante —, então, seguimos procurando. Quando estamos procurando, estamos sempre achando. Sempre achamos quando estamos procurando, infelizmente.

Assim, o primeiro a fazer é não procurar. Compreende? Sempre lhe disseram que você precisa buscar a verdade, encontrá-la, persegui-la, e que tinha de se disciplinar, controlar. Então, aparece alguém e diz: "Não busque, não faça nada disso." Sua reação, naturalmente, é mandá-lo embora, virar-lhe as costas ou descobrir por que ele diz tal coisa — não aceitando, não negando, mas questionando. E o que você está procurando?

Investigue-se. Você está procurando, está dizendo que interiormente sente falta de alguma coisa nesta vida — não se trata

de um emprego melhor, nem de mais dinheiro. O que é que você está procurando? Estamos sempre procurando porque existe em nós uma profunda insatisfação com nossa família, com a sociedade, com a cultura, com nossa própria pessoa, e queremos nos sentir satisfeitos, vencer esse descontentamento corrosivo e destruidor. E por que estamos descontentes? Sei que é muito fácil satisfazer um descontente. Dê um bom emprego a um jovem descontente — um comunista, um revolucionário — e ele esquecerá rapidamente seu descontentamento. Dê-lhe uma bela casa, um bom carro, um bonito jardim e um ótimo cargo e verá como o descontentamento desaparece. Se ele consegue sucesso ideológico, o descontentamento também desaparece. Mas nunca nos perguntamos por que estamos descontentes, assim como as pessoas que têm um emprego e que querem outro melhor. Devemos compreender a causa que é a raiz do descontentamento antes de podermos examinar toda a estrutura e o significado do prazer e, dessa maneira, do sofrimento.

3

O pensamento, o pensador e a prisão do ego

— 1 —

O pensador e o pensamento

Existe um relacionamento entre o pensador e pensamento ou há apenas pensamento e nenhum pensador? Se não houver pensamento, não pode haver pensador. Quando você tem pensamentos, existe aí um pensador? Percebendo a impermanência dos pensamentos, o próprio pensamento cria o pensador, que dá permanência a si mesmo; então, o pensamento cria o pensador, e o pensador estabelece-se como uma entidade permanente separada dos pensamentos, que estão em constante estado de fluxo. O pensamento cria o pensador, não o contrário. O pensador não cria o pensamento, pois, se não há pensamento, não há pensador. O pensador separa-se de sua origem e tenta estabelecer um relacionamento entre o assim chamado

permanente, que é o pensador criado pelo pensamento, e o impermanente ou transiente, que é o pensamento. Então, na verdade, ambos são transientes.

Siga um pensamento até o fim. Reflita sobre ele, sinta-o e descubra por si mesmo o que acontece. Descobrirá que não existe nenhum pensador, pois, quando o pensamento cessa, não há pensador. Achamos que existem dois estados: o do pensador e o do pensamento. Esses estados são fictícios, irreais. Apenas o pensamento existe, e é ele que cria o "eu", o pensador.

— 2 —

O pensamento é a reação da memória armazenada: raça, grupo, família

O que queremos dizer com "pensamento"? Quando você pensa? O pensamento, obviamente, é o resultado de uma reação, neurológica ou psicológica, a reação da memória armazenada. Há a reação imediata dos nervos a uma sensação e há a reação psicológica da memória armazenada, da influência da raça, do grupo, do guru, da família, da tradição e assim por diante; reação que chamamos de pensamento. Assim, o processo do pensamento é a reação da memória, não é? Não teríamos pensamentos se não tivéssemos memória, pois é a reação da memória a determinada experiência que põe o processo do pensamento em ação.

— 3 —

Qual é a origem do pensamento?

Podemos ver muito facilmente que todo pensamento é uma reação ao passado, sendo esse passado a memória, o conhecimento, a experiência. Todo pensamento é resultado do passado. O passado, o ontem que se estende indefinidamente, é tempo. Tempo como passado, tempo como presente, tempo como futuro. O tempo é dividido nestas três partes, é como um rio fluindo. Dividimos o tempo nestes três fragmentos, e é nestes fragmentos que o pensamento está preso.

— 4 —

A memória manifesta-se como pensamento

Não estamos dizendo que o pensamento deve parar. O pensamento tem uma função definida. Sem pensamento, não poderíamos ir para o trabalho, não saberíamos onde moramos, seríamos incapazes de funcionar.

Mas, para que haja uma revolução radical no todo da consciência, na própria estrutura do pensar, precisamos reconhecer que o pensamento que construiu essa sociedade, com toda sua desordem, não pode realizá-la.

— 5 —

O pensamento busca segurança

O pensamento é a própria essência da segurança, e é isso que a mente burguesa mais deseja: segurança, segurança em todos os níveis! Para uma total mudança da consciência humana, o pensamento precisa funcionar em único nível. O pensamento deve funcionar com o conhecimento, naturalmente, normalmente, no nível diário, física e tecnologicamente, mas não deve transbordar para um campo onde o pensamento não é de modo algum real. Se eu não tivesse pensamento, não poderia falar. Mas uma mudança radical em mim mesmo, como ser humano, não pode acontecer através do pensamento, porque o pensamento só pode funcionar com relação a conflito. O pensamento só pode criar conflito.

— 6 —

Por que mudar?

O homem vive há dois milhões de anos ou mais, mas ainda não solucionou o problema do sofrimento. É sempre perseguido pelo sofrimento, tem o sofrimento como sua sombra ou seu companheiro. Sofrimento por perder alguém, sofrimento por não ser capaz de realizar suas ambições, satisfazer sua ganância, sofrimento da dor física, sofrimento da ansiedade psicológica, sofrimento da culpa, sofrimento da esperança e da desesperança, essa é a sina do homem, tem sido a sina de todo ser humano. O

homem tenta resolver esse problema, tenta acabar com o sofrimento no campo da consciência, evitando-o, suprimindo-o, fugindo da tristeza, identificando-se com algo maior do que ele próprio, ou entregando-se à bebida, procurando mulheres, fazendo de tudo para evitar a ansiedade, a dor, o desespero, essa imensa solidão e o tédio da vida, que são o resultado do tempo e estão sempre no campo da consciência.

— 7 —

O sofrimento não pode ser extinto através do pensamento

O homem tem usado o pensamento como um meio de livrar-se do sofrimento por esforço correto, pensamento correto, vida moral e assim por diante. O exercício do pensamento tem sido seu guia — pensamento com intelecto e todo o resto. Mas o pensamento é resultado do tempo, e o tempo é sua consciência.

Por mais que façamos no campo da consciência, o sofrimento não termina. Ir a um templo ou tomar uma bebida são a mesma coisa. Então, se há aprendizado, vemos que não existe possibilidade de uma mudança radical através do pensamento, mas apenas a continuidade do sofrimento. Se vemos isso, podemos mover-nos em uma dimensão diferente. Estou usando o verbo "ver" não em sentido intelectual ou literal, mas com total compreensão de um fato, o fato de que o sofrimento não pode ser extinto através do pensamento.

— 8 —

Vivendo com o "que é"

É possível observar o fato sem o pensamento? Isto não significa tornar-se inerte, mas sim observar. Só é possível observar quando não há o senso do "eu" interferindo. Compreende? Por exemplo, há o fato de que sou violento. E afastei de mim a idéia tola de que não sou violento, porque isso é pueril demais, absurdo demais, não faz sentido. O que é *o fato*? Sou violento. Vejo também que lutar para me livrar disso, para efetuar uma mudança, exige esforço, e o próprio esforço exercido é parte da violência. Contudo, reconheço que a violência deve ser completamente mudada, transformada. Precisa haver uma mutação.

E como se faz isso? Se você ignorar o assunto porque o acha difícil, perderá um estado de vida extraordinário: existência sem esforço e, assim, uma vida da mais alta sensibilidade, que é a mais alta inteligência. E é apenas essa inteligência extraordinariamente elevada que pode descobrir os limites e a extensão do tempo e ir além dele. Entende a questão, o problema? Até agora, temos usado o ideal como um meio ou um incentivo para nos livrarmos do *que é*, e isso cria contradição, hipocrisia, rigidez, brutalidade. Se pusermos esse ideal de lado, ficamos com o fato. Então, vemos que o fato deve ser alterado, e alterado sem o mínimo de fricção. Qualquer fricção, qualquer luta, qualquer esforço destrói a sensibilidade da mente e do coração.

Então, o que devemos fazer? O que devemos fazer é observar o fato, observar sem qualquer interpretação, identificação, condenação ou avaliação, apenas observar.

— 9 —

A natureza da observação

Disseram-me que um elétron, medido por um instrumento, comporta-se de uma maneira que não pode ser medida num gráfico. Mas, quando o mesmo elétron é observado pelo olho humano através de um microscópio, essa observação feita pela mente humana altera o comportamento desse elétron. Isto é, a observação humana provoca no elétron um comportamento diferente, um comportamento diferente daquele que ocorre quando a mente humana não o está observando.

Quando simplesmente observamos o fato, vemos que há um comportamento diferente, o mesmo que acontece quando o elétron é observado. Quando olhamos o fato sem nenhuma pressão, esse fato sofre uma mutação completa, uma mudança total, sem esforço.

— 10 —

Solidão: viver apenas na prisão do "eu"

E há o sofrimento da solidão. Não sei se você já se sentiu solitário, quando de repente percebeu que não tinha relacionamento com ninguém. Essa solidão é uma forma de morte. Como dizemos, não se morre apenas quando a vida chega ao fim, mas também quando não existe uma resposta, nenhuma saída. Estar na prisão de uma atividade autocentrada, infinitamente, também é uma forma de morte. Quando você se prende em

seus pensamentos, sua agonia, suas superstições, sua rotina diária, mortal, do hábito e da inconsideração, isso também é morte. Então, morte não é apenas o fim do corpo.

Como acabar com isso é algo que também se deve descobrir. O fim do sofrimento é possível.

— 11 —

Percepção

Penso que nosso intento não deve ser solucionar os problemas imediatos, mas descobrir se a mente — tanto a consciente quanto a profunda, inconsciente, na qual estão armazenadas a tradição, as lembranças, a herança do conhecimento racial —, pode ser deixada de lado. Penso que isso só é possível se a mente for capaz de percepção sem nenhum senso de exigência, sem nenhuma pressão. Acredito que ter essa percepção é uma das coisas mais difíceis, porque nos prendemos ao problema imediato e sua imediata solução, de modo que vivemos uma vida superficial.

— 12 —

Pensamento e percepção corretos

Pensamento correto e pensar corretamente são dois estados diferentes. Pensamento correto é aquele que meramente está em conformidade com um padrão ou sistema. O pensamento cor-

reto é estático, envolve o constante atrito da escolha. O modo de pensar correto, ou verdadeiro, precisa ser descoberto. Não pode ser ensinado. Não pode ser praticado. Pensar corretamente é um movimento de autoconhecimento, de momento a momento. Esse movimento de autoconhecimento existe na percepção de relação...

O modo de pensar correto só pode existir quando há percepção de cada pensamento e de cada sentimento, não apenas a percepção de um determinado grupo de pensamentos e sentimentos, mas de todos os pensamentos e sentimentos.

— 13 —

O pensamento nunca é livre

O que devemos compreender claramente é que nosso pensamento é a reação da memória, e a memória é mecânica. O conhecimento é sempre incompleto, e todo pensar nascido do conhecimento é limitado, parcial, nunca é livre. Assim, não existe liberdade de pensamento. Mas podemos começar a descobrir uma liberdade que não é um processo do pensamento e na qual a mente está simplesmente atenta a todos os conflitos e influências que lhe são impingidos.

4

Percepção, inteligência e revolução em sua vida

— 1 —

Intelecto não é inteligência

Treinar o intelecto não produz inteligência. A inteligência existe quando se está em perfeita harmonia, tanto intelectual como emocionalmente. Há uma grande diferença entre intelecto e inteligência. Intelecto é apenas o pensamento funcionando, independente da emoção. Quando o intelecto, sem consideração pela emoção, é treinado em uma determinada direção, pode-se ter um grande intelecto, mas não se tem inteligência, porque na inteligência há a capacidade inerente de sentir, assim como de raciocinar. Na inteligência, essas duas capacidades estão presentes, de modo igual, intenso e harmonioso.

A educação moderna desenvolve o intelecto, oferecendo, cada vez mais, explicações sobre a vida, apresentando mais e

mais teorias, sem a harmoniosa qualidade da afeição. Assim, desenvolvemos mentes astutas para escapar do conflito e ficamos satisfeitos com explicações que cientistas e filósofos nos dão. A mente — intelecto — fica satisfeita com essas inumeráveis explanações, mas a inteligência não se satisfaz, pois, para que haja compreensão, é necessário haver completa unidade de coração e mente em ação.

Enquanto não lidarmos com tudo o que há na vida com inteligência, em vez de meramente com intelecto, nenhum sistema do mundo salvará o homem da incessante labuta pelo pão.

— 2 —

Inteligência e percepção podem extinguir os problemas

Todo pensamento, obviamente, é condicionado. Não existe pensamento livre. O pensamento nunca é livre, é resultado de nosso condicionamento, de nossa formação, da cultura, do clima, do nosso arcabouço social, econômico e político. Os livros que você lê, as muitas práticas que segue, são todos estabelecidos em sua formação, e daí resulta o pensamento. Então, se tivermos percepção — podemos agora analisar o que isso significa, o que é perceber —, talvez possamos livrar a mente do condicionamento, sem o processo da vontade, sem a determinação de realizar esse incondicionamento, porque, no momento em que determinamos, passa a existir uma entidade que deseja, que diz: "Preciso livrar minha mente do condiciona-

mento." Essa própria entidade é produto de nosso desejo de obter certo resultado, de tal modo que aí surge um conflito. Então, é possível perceber nosso condicionamento sem que haja nenhum conflito? Essa percepção, se acontecer, talvez possa extinguir os problemas.

— 3 —

A compreensão chega quando o cérebro está em silêncio

Quando é que compreendemos? Quando acontece a compreensão? Não sei se você notou, mas a compreensão chega quando a mente está em silêncio, mesmo que apenas por um segundo. O brilho da compreensão acontece quando não há verbalização do pensamento. Experimente você mesmo, e verá que recebe o brilho da compreensão, da percepção, quando a mente está silenciosa, quando o pensamento está ausente, quando não há o fardo do barulho sobre a mente. Dessa maneira, a compreensão de tudo — de uma pintura moderna, uma criança, sua mulher, seu vizinho, da verdade que existe em todas as coisas — só pode vir quando a mente está quieta. Mas tal quietude não pode ser cultivada, porque, se você cultiva uma mente quieta, sua mente não estará quieta, estará morta.

Uma mente silenciosa, quieta, é essencial para a compreensão, algo bastante óbvio para aqueles que fizeram essa experiência. Quanto mais você se interessa por alguma coisa, quanto maior sua intenção de compreendê-la, mais simples, clara e

livre a mente se torna. Assim, a verbalização cessa. Afinal, pensamento é palavra, e é a palavra que interfere. É uma tela de palavras, ou seja, a memória, que se põe entre o desafio e a resposta. É a palavra que responde ao desafio, e chamamos a isso de intelecção. Assim, a mente que está tagarelando, que está verbalizando, não pode compreender a verdade, a verdade no relacionamento, não abstrata. Não existe verdade abstrata. Mas a verdade é muito sutil, e é difícil seguir a sutileza. Ela chega tão rapidamente, tão ocultamente, que não pode ser presa pela mente. Como um ladrão no meio da noite, vem secretamente, não quando a esperamos ou estamos preparados para recebê-la. Recebê-la é simplesmente um convite de cobiça.

Então, a mente presa na rede das palavras não pode compreender a verdade.

— 4 —

A inteligência é mutilada pela análise

A primeira coisa a fazer, se posso lhe oferecer uma sugestão, é descobrir por que você está pensando de certa maneira e sentindo de certa maneira. Não tente fazer alterações, não tente analisar seus pensamentos e suas emoções, mas sim tornar-se consciente de como pensa e por quê, e do motivo que o leva a agir assim. Embora possa descobrir o motivo através de análise, embora possa encontrar alguma coisa através de análise, nada disso será real. O que descobrir só será real quando você estiver intensamente consciente no momento do funciona-

mento de seu pensamento e de sua emoção. Então, verá sua extraordinária sutileza, sua refinada delicadeza. Enquanto houver um "devo" e um "não devo" nessa compulsão, você nunca descobrirá a rápida viagem do pensamento e da emoção. Tenho certeza de que você foi criado na escola do "devo" e do "não devo", e destruiu o pensamento e a emoção. Você tem sido amarrado e mutilado por sistemas, métodos e mestres. Então, abandone todos os "devo" e "não devo". Isso não significa que vá se entregar à licenciosidade, mas tornar-se atento à mente, que está sempre dizendo "devo", "não devo". E, como uma flor que desabrocha ao amanhecer, surge a inteligência, que existe, funciona e cria compreensão.

— 5 —

Livre do ego

Para libertar a mente de todo o condicionamento é preciso ver sua totalidade, sem pensamento. Não é nenhum enigma. Experimente e verá. Você já viu alguma coisa sem ter um pensamento? Já ouviu, observou, sem desencadear todo esse processo de reação? Sei que dirá que é impossível ver sem pensamento, que a mente não pode livrar-se do condicionamento. Quando você diz isso, já bloqueou a si mesmo pelo pensamento, pois a verdade é que não sabe.

Posso apenas ver? Pode a mente estar atenta a seu condicionamento? Penso que sim. Por favor, faça a experiência. Você está atento a que é um hindu, um socialista, um comunista,

isto ou aquilo, apenas percebe, sem dizer que é certo ou errado? Como é uma tarefa muito difícil, apenas ver, dizemos que é impossível. Eu digo que o condicionamento acaba, completamente, só quando você percebe a totalidade de seu ser, sem nenhuma reação. Isso é estar livre do ego.

— 6 —

Ignorância é falta de autoconhecimento

Ignorância é falta de conhecimento do procedimento do ego, uma ignorância que não pode ser dissipada por atividades e reformas superficiais, mas por uma constante percepção dos movimentos e das reações do ego em todos os seus relacionamentos.

O que precisamos entender é que não somos condicionados apenas pelo ambiente, mas que *somos* o ambiente, não alguma coisa separada dele. Nossos pensamentos e reações são condicionados pelos valores que a sociedade, da qual fazemos parte, nos impõe.

— 7 —

Nosso cérebro humano tomou um caminho errado, vendo separação entre o ego e o não-ego

Nunca vemos que somos o ambiente total porque há várias entidades em nós, todas girando ao redor do "eu". O ego é formado por essas entidades, que não passam de desejos de várias

formas. Desse conglomerado de desejos surge a figura central, o pensador, a vontade do "eu" e do "meu", e assim se estabelece uma divisão entre o ego e o não-ego, entre o ego e o ambiente, ou sociedade. Essa separação é o começo de conflitos interiores e exteriores.

A percepção desse processo inteiro, tanto do consciente como do oculto, é meditação, e por meio dela transcende-se o ego, com seus desejos e conflitos. Conhecer a si mesmo é essencial para aquele que quer se libertar das influências e valores que dão abrigo ao ego, e nessa liberdade há criação, verdade, Deus, ou qualquer outro termo que se queira usar.

Opinião e tradição moldam nossos pensamentos e sentimentos desde nossa mais tenra idade. As influências e impressões imediatas produzem um efeito poderoso e duradouro que modela todo o curso de nossa vida consciente e inconsciente. A conformidade começa na infância, através da educação e da influência da sociedade.

O desejo de imitar é um fator muito forte em nossa vida, não apenas de modo superficial, mas também profundo. Quase não temos pensamentos e sentimentos independentes. Quando eles ocorrem, são meras reações, não são livres, ainda obedecem a um padrão estabelecido, pois não existe liberdade na reação.

Quando somos internamente dependentes, a tradição tem grande domínio sobre nós, e a mente que pensa de acordo com o que é tradicional não pode descobrir o que é novo. Com essa conformidade, tornamo-nos imitadores medíocres, dentes na engrenagem de uma cruel máquina social. É o que pensamos que importa, não o que os outros *querem* que pensemos. Quando

somos conformados à tradição, logo nos tornamos meras cópias do que deveríamos ser.

Essa imitação do que deveríamos ser gera medo, e o medo mata o pensamento criativo. O medo embota a mente e o coração, de modo que não percebemos a total importância da vida, tornamo-nos insensíveis ao nosso próprio sofrimento, ao movimento das aves, aos sorrisos e à infelicidade dos outros.

— 8 —

Conhecimento, sabedoria, inteligência

Conhecimento não pode ser comparado a inteligência, conhecimento não é sabedoria. Sabedoria não é negociável, não é mercadoria que pode ser comprada com o preço do estudo ou da disciplina. Sabedoria não é encontrada em livros, não pode ser acumulada, memorizada ou armazenada. Sabedoria vem com a abnegação do ego. Ter uma mente aberta é mais importante do que aprender. Não é entulhando a mente de informações que a abrimos, mas estando atentos a nossos pensamentos e sentimentos, observando-nos cuidadosamente, observando as influências que nos rodeiam, ouvindo os outros, olhando os ricos e os pobres, os poderosos e os humildes. Sabedoria não vem através de medo e opressão, mas através de observação e compreensão dos incidentes comuns no relacionamento humano...

Inteligência é muito superior a intelecto, pois é a integração de razão e amor. Mas só pode haver inteligência quando há autoconhecimento, a profunda compreensão do total processo

do próprio ser. Devemos estar alertas quanto ao nosso condicionamento e suas reações, tanto coletivas como pessoais. É apenas quando se está plenamente consciente das atividades do ego, com seus desejos e objetivos contraditórios, seus medos e esperanças, que existe a possibilidade de ir além do ego.

Só o amor e o pensar corretamente trarão a verdadeira revolução, a revolução no nosso íntimo.

5

Fuga, entretenimento, prazer

— 1 —

A tecnologia produz mais ócio

O homem está tendo cada vez mais ócio através da automatização, do desenvolvimento da cibernética, de cérebros eletrônicos e assim por diante. E esse ócio é usado em entretenimento — através da religião e de várias formas de diversão —, ou em propósitos destrutivos do relacionamento humano; ou, tendo esse tempo livre, o homem volta-se para dentro de si mesmo. Há apenas essas três possibilidades. Pela tecnologia, o homem pode ir à Lua, mas isso não soluciona o problema humano. O mero uso do ócio em religião, ou qualquer diversão, também não o soluciona. Ir a uma igreja ou a um templo, ter uma crença, obedecer a dogmas, ler livros sagrados são, na verdade, formas de diversão. Ou, então, o homem aprofunda-se em si mesmo e questiona todos os valores que o ser humano criou no decorrer dos séculos, tentando descobrir se existe

alguma coisa mais do que o mero produto do cérebro. Em todo o mundo, grupos de pessoas estão se revoltando contra a ordem estabelecida, usando drogas, negando-se a ter qualquer tipo de atividade na sociedade e assim por diante.

Por favor, não uso nenhuma droga, porque, para mim, qualquer tipo de estimulante — ouvir um orador, beber, fazer sexo, usar drogas, ir à missa para alcançar determinado estado de tensão emocional — é profundamente prejudicial, pois qualquer estimulante, por mais sutil que seja, entorpece a mente, tornando-a dependente. O estimulante cria um hábito e embota a mente.

— 2 —

Fuga é o desejo de nos esquecermos de nós mesmos

Todos os nossos conflitos, todas as nossas ambições, são muito pequenos, muito insignificantes. Então, queremos nos identificar com alguma coisa. Se não é com Deus, é com o Estado, o governo, as pessoas que comandam, a sociedade. Se não é com nada disso, é com uma utopia, algo muito distante, uma sociedade maravilhosa que vamos construir. Nessa construção, destruiremos muita gente, mas isso não nos importa. Se um homem não acredita em nenhuma dessas coisas, acredita apenas em divertir-se e esquecer a si mesmo nas coisas materiais, é chamado de materialista. O homem que esquece a si mesmo no mundo espiritual é chamado de espiritualista. Ambos têm a mesma intenção: um busca o esquecimento de si mesmo em cinemas; o outro, em livros, rituais, na meditação à margem de

um rio, na renúncia. Não querem nenhum fardo, desejam perder-se em algum tipo de ação, na adoração de alguma coisa. O desejo de perder-se existe porque nos sentimos muito pequenos. O ego pode não parecer pequeno quando somos jovens. Mas, quando ficamos mais velhos, vemos que ele tem pouca substância, pouco valor, que é como uma sombra, com poucas qualidades e muitas lutas, dores, muito sofrimento, mais nada. Então, logo nos entediamos com o ego e vamos em busca de outra coisa que nos ajude a nos esquecer de nós mesmos. É isso que todos estamos fazendo. Os ricos querem esquecer-se de si mesmos em casas noturnas, diversões, carros, viagens. Os inteligentes querem esquecer-se de si mesmos e começam a inventar coisas, a ter crenças extraordinárias. Os estúpidos querem esquecer-se de si mesmos e começam a seguir outras pessoas, a ter gurus que lhes dizem o que precisam fazer. Os ambiciosos também querem esquecer-se de si mesmos, conseguindo alguma coisa. Assim, todos nós, quando amadurecemos, quando ficamos mais velhos, queremos nos esquecer de nós mesmos e tentamos encontrar algo maior com o qual possamos nos identificar.

— 3 —

A fuga do que é *leva à escravidão*

A fuga, coletivamente, é a mais alta forma de segurança. Enfrentando o *que é*, podemos tomar alguma providência, mas fugir do *que é*, inevitavelmente, nos torna estúpidos e entorpecidos, escravos da sensação e da confusão.

— 4 —

A dependência indica o vazio de nossas vidas

É o desejo por sensação que nos torna apegados à música, que nos leva a querer possuir beleza. A dependência de uma forma exterior apenas indica o vazio de nosso próprio ser, que preenchemos com música, arte e silêncio deliberado. Esse invariável vazio é preenchido ou disfarçado com sensações, e, por isso, existe esse eterno medo do *que é*, do que somos. Sensações têm começo e fim, podem ser repetidas e expandidas, mas a experiência não está dentro dos limites do tempo. O essencial é experimentar, e isso é negado na busca da sensação. Sensações são limitadas, pessoais, podem causar conflito e infelicidade, mas experimentar, que é totalmente diferente de repetir uma experiência, não tem continuidade. Apenas no experimentar há renovação, transformação.

— 5 —

Por que o sexo é a fuga mais universal?

Por que o sexo tornou-se um problema tão grande em nossas vidas? Vamos examinar isso, não com restrição, ansiedade, medo ou condenação. Por que o sexo tornou-se um problema? Certamente, para a maioria das pessoas, é um problema. Por quê? Talvez você nunca tenha se perguntado por quê. Vamos descobrir.

O sexo é um problema porque parece que nesse ato o ego está completamente ausente. Naquele momento, você é feliz

porque há a cessação da consciência do "eu". E desejando mais dessa abnegação do ego — na qual há total felicidade, sem o passado ou o futuro, como exige essa completa felicidade através de total fusão, de integração — se torna da maior importância, não é? Como é algo que nos dá alegria sem adulteração, completo esquecimento de nós mesmos, queremos mais e mais. Por que queremos mais? Porque, em qualquer outro momento, estamos em conflito, em qualquer outra situação, em todos os diferentes níveis de existência, há o fortalecimento do ego. Seja econômica, social ou religiosamente, há o constante espessamento da autoconsciência, que é conflito.

Afinal, só temos consciência de nós mesmos quando estamos em conflito. Autoconsciência é, por natureza, resultado de conflito, então, estamos em conflito em qualquer outra situação. Em todos os nossos relacionamentos com propriedades, pessoas e idéias há conflito, dor, luta, infelicidade, mas no ato do sexo acontece a total cessação disso tudo. É natural que você queira mais, porque isso lhe dá felicidade, enquanto todo o resto causa infelicidade, tumulto, conflito, confusão, antagonismo, guerra, destruição. Dessa maneira, o ato sexual torna-se imensamente significativo, imensamente importante. Então, o problema certamente não é o sexo, mas descobrir como nos libertarmos do ego. Experimentamos esse estado de ausência do ego por alguns segundos, por um único dia, pelo tempo que desejamos. Onde o ego está, há conflito, infelicidade, há contenda. Por isso, há o constante desejo por mais daquele estado em que nos livramos do ego. O problema central é o conflito em diversos níveis e também o que fazer para anular o ego. Você está procurando felicidade, aquele estado em que o ego, com todos

os seus conflitos, está ausente, o estado que você alcança momentaneamente no ato sexual. Ou, então, você se disciplina, luta, controla-se, pode até destruir-se através de contenção, o que significa que está procurando livrar-se do conflito porque, com a cessação do conflito, vem a alegria. Se há libertação do conflito, há felicidade em todos os diferentes níveis de existência.

— 6 —

O que há de errado com o prazer?

Agora, por que não deveríamos ter prazer? Vemos um belo pôr-do-sol, uma linda árvore, um rio que flui num movimento largo e sinuoso, um rosto bonito, e isso nos dá grande prazer, um deleite. O que há de errado nisso? Parece-me que a confusão e a infelicidade começam quando aquele rosto, aquele rio, aquela nuvem, aquela montanha, tornam-se memória, e essa memória, então, exige maior continuidade de prazer. Queremos que tais coisas se repitam. Todos nós sabemos disso. Eu tive certo prazer, ou você teve certo deleite com alguma coisa, e queremos que se repita. Seja algo sexual, artístico, intelectual ou qualquer outra coisa, queremos que o momento se repita, e eu penso que é aí que o prazer começa a obscurecer a mente e a criar valores que são falsos, não-reais.

O que importa é compreender o prazer, não tentar eliminá-lo, pois isso é uma grande estupidez. Ninguém pode eliminar o prazer, mas compreender a natureza e a estrutura do prazer é essencial; pois se a vida for apenas prazer, se desejarmos apenas

isso, o prazer se torna infelicidade, confusão, ilusão, falsos valores que criamos e, assim, não há clareza.

— 7 —

Quando o prazer não é realizado

Será que compreendemos o prazer da auto-realização, o prazer de ser alguém, de ser conhecido no mundo como um autor, um pintor, um grande homem? Será que compreendemos o prazer da dominação, o prazer do dinheiro, o prazer de fazer o voto de pobreza, o prazer que se experimenta em tantas coisas? E vemos que o prazer, quando não realizado, gera a frustração, a amargura, o cinismo? Então, é preciso perceber isso tudo, não apenas fisicamente, mas também psicologicamente. É quando começamos a perguntar: que lugar o desejo ocupa no que diz respeito ao prazer?

— 8 —

O prazer é fuga da solidão?

Há dois tipos de vazio. Há o vazio no qual a mente olha para si mesma e diz: "Estou vazia." E há o vazio real. Há o vazio que desejo preencher porque não gosto desse vazio, dessa solidão, desse isolamento, dessa sensação de estar completamente separado de tudo. Todos nós já tivemos essa sensação, de maneira superficial, casual ou intensa e, quando nos tornamos atentos a

ela, obviamente tentamos fugir e tentamos cobri-la com conhecimento ou por meio de um relacionamento, da exigência de uma união perfeita entre homem e mulher e tudo o que isso envolve. É o que realmente acontece, não? Eu não estou inventando nada. Se alguém observou-se, entrou um pouquinho em si mesmo — só um pouco, o muito virá mais tarde —, sabe que isso é um fato. Então, começamos a descobrir que, onde há esse sentimento de inexaurível solidão, esse vazio criado pela mente que se vê vazia, há também uma ânsia, um tremendo desejo de realizar, de conseguir alguma coisa com a qual encobrir essa sensação.

Assim, de modo consciente ou inconsciente, percebe-se esse estado de... não gosto de usar a palavra "vazio", porque "vazio" é uma palavra bonita. Uma xícara ou uma sala são úteis quando estão vazias, mas uma xícara cheia ou uma sala entulhada de móveis são inúteis. Muitos de nós, quando estamos vazios, enchemo-nos com todos os tipos de barulho, prazer e todas as formas de fuga.

— 9 —

Compreender o prazer não é negá-lo

Sem a compreensão do prazer, o sofrimento não termina.

Compreender o prazer não é negá-lo, porque o prazer é uma das exigências básicas da vida, como a alegria. Quando olhamos para uma árvore bonita, um lindo crepúsculo, um sorriso gentil no rosto de alguém, a luz banhando uma folha, gostamos do que vemos, sentimo-nos deleitados.

— 10 —

Não deixe o pensamento interferir

Quando você vê algo extraordinariamente bonito, cheio de vida e beleza, não deve nunca deixar o pensamento interferir, porque, no instante em que o pensamento, sendo velho, toca a beleza, deturpa-a, transformando-a em prazer, e assim começa a exigência de prazer, cada vez mais prazer. E quando o prazer não é alcançado, há conflito, há medo. Então, é possível olhar para uma coisa sem pensamento?

6

Por que devemos mudar?

— 1 —

Mude, e mudará o mundo

Para que haja a compreensão do eu, que por si só pode causar uma revolução radical, uma regeneração, é preciso haver a intenção de compreender todo o processo. O processo do indivíduo não se opõe ao mundo, à massa, seja o que for que esse termo signifique, porque não existe massa separada de você: você é a massa.

— 2 —

Por que queremos mudar?

Em primeiro lugar, por que queremos mudar o *que é*, ou causar uma transformação? Por quê? Porque o que somos não nos

satisfaz. Isso cria conflito, distúrbios, e não gostando dessa situação, queremos algo melhor, mais nobre, mais idealista. Então, desejamos transformação porque há dor, desconforto, conflito.

— 3 —

É necessário

Quando mudamos radicalmente, não o fazemos por causa da sociedade, porque queremos fazer o bem ou porque desejamos ir para o céu, chegar até Deus ou o que quer que seja. Mudamos porque, em si mesmo, isso é necessário. Quando amamos algo por si mesmo, isso traz tremenda clareza, e é essa clareza que trará a salvação para o homem, não boas obras ou reformas.

— 4 —

A mudança que transforma a sociedade é interna, não externa

Conversas, argumentos, explicações não acabam nunca, mas explicações, argumentos e conversas não levam à ação direta porque, para que isso aconteça, precisamos mudar de modo radical, fundamental. Para isso, não há necessidade de argumentos. Nenhuma persuasão, nenhuma fórmula, nenhuma influência exercida por outros nos fará mudar fundamental-

mente, no mais profundo sentido da palavra. Precisamos mudar, mas não de acordo com qualquer idéia, fórmula ou conceito, porque, quando temos idéias a respeito da ação, a ação cessa. Entre ação e idéia há um intervalo de tempo, uma demora, e nesse intervalo de tempo há resistência, conformidade ou imitação daquela idéia ou fórmula e a tentativa de colocá-la em ação. É isso o que acontece com a maioria de nós, o tempo todo. Sabemos que precisamos mudar, não apenas externamente, mas profundamente, psicologicamente.

São muitas as mudanças externas. Estão nos forçando a agir de acordo com determinado padrão de atividade, mas, para enfrentarmos o desafio da vida diária, é preciso que haja uma profunda revolução. Quase todos temos uma idéia, um conceito de como devemos ser ou o que temos de ser, mas nunca mudamos fundamentalmente. Idéias, conceitos do que devemos ser, não nos mudam de maneira alguma. Só mudamos quando é absolutamente necessário, e nunca vemos diretamente a necessidade de mudar. Quando queremos mudar, há conflito e resistência, e gastamos muita energia resistindo, criando barreiras.

Os seres humanos precisam mudar para que seja criada uma sociedade boa. Você e eu temos de encontrar a energia, o ímpeto, a vitalidade para realizar essa radical transformação da mente, e isso não será possível se não temos suficiente energia. Precisamos de grande quantidade de energia para realizar uma mudança em nós mesmos, mas desperdiçamos nossa energia por meio de conflito, resistência, conformismo, aceitação, obediência. Desperdiçamos energia quando tentamos estar de acordo com um padrão. Para conservar energia, temos de ter

percepção de nós mesmos e de como a dissipamos. Esse é um problema perene, porque os seres humanos, em sua maioria, são indolentes. Preferem aceitar, obedecer, seguir. Se nos tornamos atentos a essa indolência, essa preguiça profundamente arraigada, e tentarmos tornar o coração e a mente mais diligentes, a intensidade disso, por sua vez, torna-se um conflito, que também é um desperdício de energia.

Um dos muitos problemas que temos é o de descobrir como conservar essa energia necessária para que aconteça uma explosão na consciência; uma explosão que não é planejada, que não é criada pelo pensamento, mas que ocorre naturalmente quando a energia não é desperdiçada.

Estamos falando da necessidade de reunir toda a energia para causar uma radical revolução na própria consciência, porque é imperativo que tenhamos uma mente nova, que olhemos a vida de maneira completamente diferente.

7

Qual é o propósito da vida?

— 1 —

Qual é o propósito da vida?

O sentido da vida é viver. Vivemos realmente? Vale a pena viver quando há medo, quando toda nossa vida é treinada para imitar, para copiar? Seguir a autoridade, isso é vida? Você está vivendo quando segue alguém, mesmo que esse alguém seja o maior santo, o maior político ou o maior dos eruditos?

Se observar seu modo de viver, você verá que não faz outra coisa a não ser seguir uma pessoa ou outra. Esse processo de seguir é o que chamamos de "viver", então, no fim, você pergunta: "Qual é o sentido da vida?" Nesse momento, sua vida não tem sentido; o sentido só pode existir quando você se livra de toda autoridade, e isso é muito difícil de fazer.

O que é estar livre da autoridade? Pode-se violar uma lei. Isso não é estar livre da autoridade. Mas há liberdade quando

se compreende o processo todo, como a mente cria autoridade, como cada um de nós é confuso e quer ter certeza de que está vivendo o tipo certo de vida. Pelo fato de querermos que nos digam o que devemos fazer, somos explorados por gurus, tanto espirituais como científicos. Não saberemos qual é o sentido da vida enquanto estivermos copiando, imitando, seguindo.

Como pode alguém saber qual é o sentido da vida se tudo o que está procurando é o sucesso? Essa é a nossa vida. Queremos sucesso, queremos nos sentir totalmente seguros, interna e externamente, queremos que alguém nos diga que estamos fazendo o que é correto, que estamos seguindo o caminho certo para a salvação... Em toda nossa vida seguimos uma tradição, a tradição de ontem ou de milhares de anos atrás, e experimentamos de todas as formas seguir uma autoridade, esperando que isso nos ajude a alcançar um resultado. Assim, não conhecemos o sentido da vida. Tudo o que conhecemos é medo, medo do que os outros dizem, medo de morrer, medo de não conseguir o que queremos, medo de errar, medo de fazer o certo. Nossas mentes estão tão confusas, presas em teorias, que não podemos explicar o que a vida significa para nós.

A vida é algo extraordinário. Quando perguntamos "Qual é o sentido da vida", queremos uma definição. E tudo o que teremos será uma definição, meras palavras, não o significado mais profundo, a riqueza extraordinária, a sensibilidade à beleza, a imensidade do que é viver.

— 2 —

O que é a vida?

Falando sobre o propósito da vida, precisamos descobrir o que queremos dizer com "vida" e com "propósito" — não apenas o significado encontrado nos dicionários, mas o significado que damos a essas palavras. A vida envolve as ações, os pensamentos e sentimentos do dia-a-dia, não é? Envolve as lutas, as dores, as ansiedades, as decepções, as preocupações, a rotina do trabalho, dos negócios, da burocracia e assim por diante. Tudo isso é vida, não é verdade? Por vida queremos dizer não apenas uma camada de consciência, mas o processo total de existência, que é nosso relacionamento com coisas, pessoas, idéias. Vida, para nós, é isso, não uma coisa abstrata.

Então, se é isso o que entendemos por vida, terá a vida um propósito? Ou é porque não compreendemos as coisas da vida — dor, ansiedade, medo, ambição, ganância —, porque não compreendemos as atividades rotineiras da existência, que queremos um propósito, remoto ou próximo? Queremos um propósito a fim de podermos guiar nossa vida cotidiana na direção de um fim. É óbvio que é isso o que entendemos como propósito. Mas, se eu compreender como viver, então a vida por si só é suficiente, não é?

Afinal, é de acordo com meus preconceitos, minha vontade, meu desejo, minha predileção, que decido qual deve ser o propósito da vida. Assim, meu desejo cria o propósito. Claro, esse não é o propósito da vida. O que é mais importante: descobrir o propósito da vida ou libertar a mente de seu condicionamento e só então investigar? Talvez, quando a mente

estiver livre de seu condicionamento, essa liberdade seja o propósito. Afinal, é apenas na liberdade que se pode descobrir qualquer verdade.

O primeiro requisito, portanto, é a liberdade, não a busca do propósito da vida.

— 3 —

Qual é a meta da vida?

Qual é o sentido da vida? Qual é o propósito da vida? Por que você faz tais perguntas? Porque em você existe caos e ao seu redor há confusão e incerteza. No meio da incerteza, você quer que alguma coisa seja certa. Quer encontrar algum propósito na vida, uma meta definida, porque em você só há incerteza.

O importante não é saber qual é a meta da vida, mas compreender a confusão na qual você se encontra, a infelicidade, os medos e todo o resto. Não compreendemos a confusão, apenas queremos nos livrar dela. Mas ela está aqui. Um homem angustiado não pergunta qual é o propósito da vida. Está preocupado em acabar com a confusão, com o sofrimento no qual está preso.

— 4 —

Compreender nossas torturas diárias, não fugir delas

Para compreender o pleno significado da vida precisamos compreender as torturas rotineiras de nossa complexa vida. Não

podemos escapar delas. A sociedade em que vivemos precisa ser compreendida por nós, não por algum filósofo, mestre ou guru. Nosso modo de viver precisa ser transformado, completamente modificado. Penso que essa é a mais importante de nossas tarefas. Nenhuma outra tem tanta importância.

— 5 —

Por que vivemos?

Pergunta: Vivemos, mas não sabemos por quê. Para muitos de nós, a vida parece não ter sentido. Pode nos explicar o sentido e o propósito de nossa vida?

Krishnamurti: Por que me faz essa pergunta? Por que está me pedindo que lhe diga qual o sentido e o propósito da vida? O que é a vida para nós? Terá a vida um significado, um propósito? A vida não é, por si só, seu próprio propósito, seu próprio significado? Por que queremos mais? Por estarmos tão insatisfeitos com nossa vida, por ela estar vazia, sem graça, monótona, com as mesmas coisas de sempre, queremos algo mais, algo além de tudo o que estamos fazendo. Como nossa vida diária é tão vazia, apagada e sem sentido, tão tediosa, tão intoleravelmente estúpida, dizemos que ela tem de ter um significado mais amplo, e essa é razão pela qual você faz essa pergunta. Sem dúvida, um homem que tem uma vida rica, que vê as coisas como elas são e que se contenta com o que possui, não é confuso. É lúcido e, portanto, não pergunta qual é o propósito da vida. Para ele, o próprio viver é o começo e o fim. Para nós,

a dificuldade é que, sendo nossa vida vazia, queremos encontrar um propósito para a vida e lutar por ele. Tal propósito só pode ser mera intelecção, sem nenhuma realidade. Quando o propósito da vida é buscado por uma mente estúpida, embotada, por um coração vazio, esse propósito também será vazio. Assim, nosso propósito é saber como enriquecer a vida, não com dinheiro e tudo mais, mas com uma riqueza interior, algo que não é de modo algum um mistério. Quando você diz que o propósito da vida é ser feliz, é encontrar Deus, com certeza esse desejo é uma fuga da vida, e seu Deus é meramente algo conhecido, pois só se pode caminhar na direção de algo que se conhece. Se você construir uma escada para chegar a isso que chama de Deus, o que está lá em cima, certamente, não é Deus. A realidade só pode ser compreendida por quem vive, não por quem foge. Quando você procura um propósito para a vida, na verdade está fugindo, não compreendendo o que a vida é. Vida é relacionamento, vida é ação no relacionamento. Quando não compreendemos o relacionamento, ou quando este é confuso, procuramos um significado mais amplo. Por que nossas vidas são tão vazias? Por que estamos tão solitários, tão frustrados? Porque nunca olhamos para dentro de nós mesmos e não nos compreendemos. Nunca admitimos que esta vida é tudo o que conhecemos e que, assim, deveríamos compreendê-la completamente, profundamente. Preferimos fugir de nós mesmos, e esse é o motivo de procurarmos o propósito da vida longe do relacionamento. Se começarmos a compreender a ação, que é nosso relacionamento com pessoas, propriedades, crenças e idéias, descobriremos que esse relacionamento traz sua própria recompensa. Não é preciso procurar. Seria como procurar o

amor. Você pode encontrar o amor por meio da procura? O amor não pode ser cultivado. Você só encontrará o amor no relacionamento, não fora dele, e é porque não temos amor que queremos encontrar um propósito para a vida. Quando há amor, que é sua própria eternidade, não há a busca por Deus, porque o amor é Deus.

Nossa mente está cheia de coisas técnicas e murmúrios supersticiosos, e é por isso que temos vidas vazias, o que nos leva a procurar um propósito além de nós mesmos. Para encontrar o propósito da vida, devemos atravessar a porta de nós mesmos. De modo consciente ou inconsciente, evitamos encarar as coisas como elas são, e, então, esperamos que Deus nos abra uma porta que está além. Essa questão sobre o propósito da vida só é apresentada por aqueles que não amam. O amor só pode ser encontrado na ação, que é relacionamento.

PARTE DOIS

Autoconhecimento: a chave para a liberdade

1

Medo

— 1 —

Medo interno e medo externo

Carregamos o fardo do medo não apenas externamente, mas também internamente. Temos o medo externo de perder o emprego, de não ter alimento suficiente, de perder a posição, medo do chefe estar mal-humorado. Há também muito medo interno: medo de não ser bem-sucedido, medo da morte, medo da solidão, medo de não ser amado, medo do tédio profundo e assim por diante.

— 2 —

O medo impede a liberdade psicológica

Nosso primeiro problema, nosso problema realmente essencial, é nos libertarmos do medo. Você sabe o que o medo faz?

Obscurece a mente. Entorpece a mente. Medo gera violência. Medo leva à adoração de alguma coisa.

— 3 —

Medo físico é a reação animal

Primeiramente, há o medo físico, que é a reação animal. Herdamos muito dos animais; grande parte da estrutura de nosso cérebro é herança dos animais. Isso é um fato científico. Não é uma teoria, é um fato. Os animais são violentos, os seres humanos, também. Os animais são vorazes, adoram ser lisonjeados, acariciados, gostam de conforto, assim com os seres humanos. Os animais são gananciosos, competitivos, os seres humanos também são. Os animais vivem em grupos, os seres humanos gostam de funcionar em grupos. Os animais têm uma estrutura social, os seres humanos, também. Podemos discorrer muito mais sobre isso, mas é suficiente compreender que em nós existem muitas características que são dos animais.

— 4 —

Podemos nos livrar tanto do condicionamento animal como do cultural?

Será possível nos libertarmos não só do animal mas também ir além disso e descobrir — não apenas investigar verbalmente, mas de fato descobrir — se a mente pode superar o condicio-

namento de uma sociedade, de uma cultura na qual foi gerado? Para descobrirmos algo que é de uma dimensão totalmente diferente é preciso que estejamos livres do medo.

— 5 —

O medo físico que protege o corpo é inteligência; nosso problema é o medo psicológico

A reação de autoproteção, obviamente, não é medo. Precisamos de comida, roupas e abrigo, todos nós, não apenas os ricos, não apenas os importantes. Todo mundo precisa dessas coisas, e isso não pode ser resolvido por políticos. Os políticos dividiram o mundo em países, como a Índia, cada um com seu próprio governo soberano, seu próprio exército e todas as idiotices venenosas sobre nacionalismo. Há apenas um problema político, que é criar a unidade humana. E isso não pode acontecer se você se agarra a sua nacionalidade, a suas insignificantes divisões. Quando a casa está em chamas, senhor, não falamos do homem que está trazendo a água, não falamos da cor dos cabelos do homem que provocou o incêndio. Trazemos água. O nacionalismo dividiu os homens, assim como a religião também os dividiu. O espírito nacionalista e as crenças religiosas separam os homens, põem uns contra os outros. Podemos ver por que isso acontece. É porque cada um de nós gosta de viver em sua própria pequena poça.

Precisamos nos livrar do medo, e isso é muito difícil. Muitos de nós não percebem que têm medo, ou, se percebem, não sabem o que é que temem. E quando sabemos o que nos dá

medo, não sabemos o que fazer. Assim, fugimos do que somos, isso é o medo; mas aquilo para o que fugimos aumenta o medo. Por infelicidade, desenvolvemos uma rede de fugas.

— 6 —

A origem do medo

Como o medo — do amanhã, de perder o emprego, da morte, da doença, da dor — é gerado? O medo envolve um processo de pensamento sobre o futuro, ou sobre o passado. Tenho medo do amanhã, do que pode acontecer. Tenho medo da morte, que ainda está longe, mas que mesmo assim me amedronta. Bem, o que é que gera esse medo? O medo sempre existe em relação a alguma coisa. Se não fosse assim, não haveria medo. Temos medo do amanhã, do que passou e do que está por vir. O que cria o medo? Não é o pensamento?

— 7 —

O pensamento é a origem do medo

O pensamento gera o medo. Penso que perdi o emprego, ou que poderei perder, e esse pensamento cria medo. O pensamento sempre se projeta no tempo, porque pensamento é tempo. Penso na doença que tive e, como não gostei de sofrer, tenho medo de que o sofrimento possa voltar. Senti dor, e pensar nisso, não querer senti-la de novo, cria medo. O medo está

estreitamente relacionado ao prazer. A maioria de nós é guiada pelo prazer. Para nós, assim como para os animais, o prazer é da máxima importância e faz parte do pensamento. Quando penso em algo que me deu prazer, esse prazer aumenta. Concorda? Já notou isso? Você teve uma experiência de prazer — olhando um belo pôr-do-sol, ou fazendo sexo —, e pensa naquilo. Pensar na experiência aumenta o prazer, assim como pensar na dor que teve gera medo. Então, o pensamento cria prazer e medo, não é verdade? O pensamento é responsável por desejarmos o prazer e querermos que ele continue, da mesma forma que é responsável por sentirmos medo. Qualquer um pode ver isso, é um fato real, experimentável.

Então, alguém pergunta: "É possível deixar de pensar no prazer e na dor, é possível pensar apenas quando o pensamento é requisitado, nunca de outro modo?" Quando você está trabalhando em um escritório, ou fazendo qualquer outro trabalho, o pensamento é necessário; do contrário, nada poderia ser feito. Quando você fala, escreve, vai para o trabalho, o pensamento é necessário, lá ele deve funcionar com precisão, de maneira impessoal, lá ele não deve ser guiado por nenhuma inclinação ou tendência. Lá, o pensamento é necessário. Mas o pensamento é necessário em qualquer outro campo de ação?

Por favor, preste atenção. Para nós, o pensamento é muito importante, pois é o único instrumento que temos. O pensamento é a reação da memória, que se acumulou através de experiência, conhecimento, tradição. A memória é o resultado do tempo, foi herdada do animal. E é com essa formação que reagimos. Essa reação é pensar. O pensamento é essencial em certos níveis, mas, quando se projeta psicologicamente como

futuro e passado, cria o medo, assim como o prazer. Nesse processo, a mente fica entorpecida e, desse modo, a inação é inevitável. Senhor, o medo, como já dissemos, é criado pelo pensamento. Pensamos na possibilidade de perder o emprego, na possibilidade de a esposa fugir com alguém, pensamos na morte, pensamos no que já passou e assim por diante. Pode o pensamento parar de pensar no passado ou no futuro, psicologicamente, autodefensivamente?

— 8 —

Atenção sem um centro

Alguém pergunta: "É possível o pensamento acabar, de modo que se possa viver plenamente?" Você já notou que quando dá atenção completamente a alguma coisa não há nenhum observador e, portanto, nenhum pensador, não há um centro onde você se coloca para observar?

— 9 —

A atenção elimina o medo

Quando você presta essa total atenção, não há absolutamente nenhum observador. E é o observador que gera medo, porque é o centro do pensamento, é o "mim", o "eu", o ego. O observador é o censor. Quando não há pensamento, não há observador. Esse estado não é inerte. Exige muita investigação, nunca aceita coisa alguma.

— 10 —

A raiz de todo medo

Depender de coisas, pessoas ou idéias gera medo. A dependência nasce da ignorância, da falta de autoconhecimento, da pobreza interior. O medo causa incerteza na mente e no coração, impedindo a comunicação e a compreensão. Através da percepção de nós mesmos começamos a descobrir e a compreender a causa do medo, não apenas do superficial, mas também dos medos profundamente causais e acumulativos. O medo tanto é inato como adquirido. É relacionado ao passado e, para livrar do medo o pensamento e o sentimento, o passado precisa ser compreendido através do presente. O passado está sempre querendo dar à luz o presente, e isso se torna a memória identificadora do "mim", do "meu" e do "eu". O ego é a raiz de todo medo.

2

Raiva e violência

— 1 —

Raiva pode ser presunção

A raiva tem a qualidade particular do isolamento. Da mesma forma que o sofrimento, a raiva isola, e, durante o tempo em que dura, todos os relacionamentos são interrompidos. A raiva tem a força temporária e a vitalidade do isolado. Há um estranho desespero na raiva, pois isolamento é desespero. A raiva do desapontamento, do ciúme, do ímpeto de ferir, dá-nos alívio violento cujo prazer é a justificação de nossos atos. Condenamos os outros, e essa condenação é a justificação de nós mesmos. Sem algum tipo de atitude, seja de justificação ou de rebaixamento próprio, o que somos? Fazemos uso de todos os meios para sustentar o que somos, e a raiva, assim como o ódio, é um dos mais fáceis. A raiva simples, a súbita chama que é rapidamente esquecida, é uma coisa; mas a raiva delibera-

damente cultivada, fermentada, que busca ferir e destruir, é outra, muito diferente.

— 2 —

Raízes físicas e psicológicas da raiva

A raiva simples que pode ter alguma causa fisiológica pode ser vista e curada, mas a raiva que resulta de uma causa psicológica é muito mais sutil e difícil de lidar. Muitos não se importam com sua raiva, encontram uma desculpa para ela. Por que não sentir raiva quando recebemos maus-tratos ou vemos outros serem maltratados? Assim, justificamos nossa raiva. Nunca dizemos simplesmente que estamos irados e aí paramos. Explicamos, de modo elaborado, as razões de nossa raiva. Nunca dizemos simplesmente que estamos com ciúme ou amargurados, mas explicamos e justificamos esses sentimentos. Perguntamos como pode haver amor sem ciúme, ou dizemos que as ações de alguém nos amarguraram e assim por diante. É a explicação, a verbalização, silenciosa ou falada, que sustenta a raiva, que lhe dá extensão e profundidade. A explicação, muda ou posta em palavras, age como escudo contra a descoberta de nós mesmos, de como realmente somos. Queremos ser elogiados ou lisonjeados, estamos sempre esperando alguma coisa, e quando o que esperamos não acontece, ficamos desapontados, amargurados ou cheios de ciúme. Então, de maneira violenta ou delicada, culpamos outra pessoa e dizemos que ela é responsável por nossa amargura.

— 3 —

Há raiva na dependência

Você é muito importante porque dependo de você para ser feliz, para manter minha posição ou meu prestígio, porque é através de você que me realizo. Então, preciso guardá-lo, possuí-lo. Através de você, fujo de mim, e quando sou lançado de volta para dentro de mim mesmo, com medo de minha situação, fico com raiva. A raiva assume muitas formas: desapontamento, ressentimento, amargura, ciúme e assim por diante.

— 4 —

O problema é a raiva acumulada

A raiva acumulada, que é ressentimento, exige o antídoto do perdão, mas o acúmulo da raiva é muito mais significativo do que o perdão. O perdão é desnecessário quando não há acúmulo de raiva. Se há ressentimento, o perdão é essencial; mas, quando nos livramos do sentimento de lisonja ou injúria, sem a dureza da indiferença, há misericórdia, caridade. A raiva não pode ser eliminada pela ação da vontade, pois a vontade faz parte da violência. A vontade é resultado do desejo, da ânsia de ser, e o desejo, por sua própria natureza, é agressivo, dominador. Tentar suprimir a raiva pelo exercício da vontade é transferi-la para um nível diferente, dando-lhe um novo nome; mas isso ainda é parte da violência. Não que nos livramos da violência cultivando a não-violência, é preciso que haja a compreensão do desejo.

— 5 —

Expectativas causam dor e raiva

Se investigamos a raiva profundamente, sem tentar afastá-la, o que está envolvido? Por que ficamos com raiva? Porque nos magoamos com algo indelicado que alguém disse, e quando ouvimos algo lisonjeiro, ficamos contentes. Por que nos magoamos? Por presunção, não é? E por que há presunção?

Porque temos uma idéia, um símbolo de nós mesmos, uma imagem do que somos, do que deveríamos ser, do que não deveríamos ser. Por que criamos essa imagem? Porque nunca investigamos de fato o que somos. Pensamos que deveríamos ser isto ou aquilo, o ideal, o herói, o exemplo. O que desperta a raiva é o ataque ao nosso ideal, à idéia que fazemos de nós mesmos. E essa idéia é nossa fuga do que realmente somos. Mas quando observamos aquilo que de fato somos, ninguém pode nos ferir. Então, se você mente e lhe disserem que é um mentiroso, isso não significa que ficará magoado, pois é um fato. Mas, quando você finge que não mente e alguém o chama de mentiroso, você fica furioso, violento. Assim, estamos sempre vivendo em um mundo de idealização, um mundo de mito, nunca no mundo real. Para observar o *que é*, para vê-lo realmente, para conhecê-lo, não pode haver julgamento, nem avaliação, nem opinião, nem medo.

— 6 —

A compreensão dissolve a raiva

Você se torna aquilo que combate, sem dúvida. Se estou irado, e você me enfrenta com raiva, qual é o resultado? Mais raiva. Você se torna aquilo que eu sou. Se sou mau, e você me combate com maldade, também se torna mau, por mais que pense estar certo. Se sou brutal, e você usa meios brutais para me vencer, torna-se tão brutal quanto eu. E é isso o que temos feito por milhares de anos. Existe um meio diferente, que não seja o de usar ódio contra ódio? Se uso métodos violentos para abrandar a ira que existe em mim, estou usando meios errados para um fim certo, e com isso o fim certo deixa de existir. Nisso não há compreensão, não há a transcendência da raiva. A raiva precisa ser estudada com compreensão e tolerância, não pode ser dominada através de meios violentos. Para livrarmo-nos da raiva é preciso que haja compreensão de suas causas, que podem ser muitas.

Criamos o inimigo, o bandido, e o fato de nós mesmos nos tornarmos o inimigo de modo algum acabará com a inimizade. Temos de compreender a causa da inimizade e parar de alimentá-la com nossos pensamentos, sentimentos e ações. Essa é uma tarefa árdua, que exige constante percepção de nós mesmos e flexibilidade inteligente, pois aquilo que somos é a sociedade, o Estado. O inimigo e o amigo são o resultado de nossos pensamentos e ações. Somos responsáveis por criar inimizade, de modo que é mais importante estarmos atentos a nossos pensamentos e ações do que preocupados com o inimigo e o amigo,

pois o pensar corretamente põe fim à divisão. O amor transcende o amigo e o inimigo.

— 7 —

A raiva individual é um processo histórico

Vemos que esse mundo de ódio está colhendo o que plantou. Esse mundo de ódio foi criado por nossos pais, pelos ancestrais deles e por nós. A ignorância estende-se interminavelmente pelo passado. O mundo de ódio não se criou sozinho, é resultado da ignorância humana, um processo histórico. Como indivíduos, colaboramos com nossos antepassados que, com os antepassados deles, iniciaram esse processo de ódio, medo, ganância e assim por diante. E agora, como indivíduos, compartilhamos desse mundo de ódio enquanto nos curvarmos a ele.

— 8 —

O que você é, o mundo é

O mundo, então, é uma extensão de você. Se você, como indivíduo, deseja destruir o ódio, então, como indivíduo, deve parar de odiar. Para destruir o ódio você precisa livrar-se do ódio em todas as suas formas grosseiras e sutis, pois, enquanto estiver preso a ele, estará fazendo parte desse mundo de ignorância e medo. O mundo, então, é uma extensão sua, é você duplicado e multiplicado. O mundo não existe separado do indivíduo.

Pode existir como uma idéia, um Estado, uma organização social, mas, para concretizar essa idéia, para fazer funcionar essa organização, seja social ou religiosa, é preciso haver o indivíduo. A ignorância do indivíduo, sua ganância e seu medo mantêm a estrutura da ignorância, da ganância e do ódio. Mudando, o indivíduo pode afetar o mundo, esse mundo de ódio, ganância e assim por diante? O mundo é uma extensão de você, quando você é negligente e está preso à ignorância, à ganância, ao ódio. Mas quando você é zeloso, atento e consciente, não apenas ocorre uma dissociação dessas causas feias que criam dor e sofrimento, como também há, nessa compreensão, uma inteireza, uma totalidade.

— 9 —

As causas da raiva e da violência

Quais são as causas dessa terrível, destrutiva, brutal violência em todo o mundo? Imagino que você já se tenha feito esta pergunta. Ou aceita a violência como inevitável, como parte da vida?

Todos nós, em nossa vida privada, somos violentos. Ficamos com raiva, não gostamos de ser criticados, não toleramos nenhuma intromissão em nossa vida particular, somos muito defensivos e, assim, agressivos, quando nos agarramos a uma determinada crença ou a um dogma, quando veneramos nossa nacionalidade, quando adoramos o trapo que é chamado de bandeira. Assim como, individualmente, em nossa vida privada, secreta, somos agressivos, violentos; também o somos

externamente, em nosso relacionamento com os outros. Quando somos ambiciosos, gananciosos, ávidos, também somos externa e coletivamente agressivos, violentos e destrutivos.

Pergunto-me por que isso está acontecendo agora, neste atual período da história, e por que sempre aconteceu no passado. Houve e há tantas guerras, tantas forças destrutivas soltas no mundo. Por quê? Qual a razão disso? Não que saber a causa e a razão livrará a mente da violência, mas é certo indagar por que os seres humanos, através das eras, têm sido tão violentos, brutais, agressivos, cruéis, destruidores da própria espécie. Qual é a razão disso? Tenhamos em mente que explicações e conclusões de modo algum acabam com a violência. Vamos falar dessa questão de nos libertarmos da violência, mas antes devemos perguntar por que essas reações violentas existem.

— 10 —

Causas biológicas herdadas

Penso que uma das razões é o instinto que herdamos dos animais, através das eras. Você já viu cachorros brigando, ou touros jovens em luta, o mais forte dominando o mais fraco. Os animais são agressivos e violentos por natureza, e como nós, seres humanos, evoluímos deles, herdamos a agressividade, a violência e o ódio, que se manifestam quando direitos territoriais — direitos sobre um pedaço de terra — ou direitos sexuais são ameaçados. Então, essa é uma das causas.

— 11 —

Causas sociais e ambientais

Outra causa é o ambiente — a sociedade em que vivemos, a cultura na qual crescemos, a educação que recebemos. A sociedade em que vivemos nos compele à agressividade, e cada homem luta por si mesmo, cada um querendo uma posição, poder, prestígio. Sua preocupação é consigo mesmo. Embora possa preocupar-se também com a família, o grupo, a nação e assim por diante, ele se preocupa essencialmente consigo mesmo. Pode trabalhar pela família, pelo grupo ou pela nação, mas coloca-se sempre em primeiro lugar. Então, a sociedade em que vivemos é uma das causas da violência, pois nos impõe esse comportamento. É dito que para sobrevivermos precisamos ser agressivos, precisamos lutar. Desse modo, o ambiente tem extraordinária importância como causa da violência, e essa sociedade na qual vivemos é o produto de todos os seres humanos. Nós mesmos a produzimos.

— 12 —

A principal causa da raiva é a necessidade psicológica de segurança

Mas a maior causa da violência, eu penso, é o fato de que todos nós, internamente, psicologicamente, buscamos segurança. Em cada um de nós, o desejo de segurança psicológica, aquele senso interior de estarmos seguros, projeta a ânsia, a ânsia externa

por segurança. Internamente queremos estar seguros, não ter dúvidas. É por isso que há todas essas leis sobre o casamento, para que possuamos uma mulher, ou um homem, e nos sintamos seguros no relacionamento. Se o relacionamento é atacado, ficamos violentos, o que é a exigência psicológica, interior, de termos plena certeza de nosso relacionamento. Mas não existe nada certo, nada seguro, em nenhum relacionamento. Por dentro, psicologicamente, gostaríamos de estar seguros, mas não existe segurança permanente. Sua mulher ou seu marido pode virar-se contra você, ou sua propriedade pode lhe ser tirada em uma revolução.

— 13 —

Ordem universal exterior e interior

Primeiro, é preciso haver ordem externa, e não pode haver ordem a menos que haja uma linguagem universal e um planejamento para toda a humanidade, o que significa o fim de todas as nacionalidades. Depois, internamente, é preciso que a mente liberte-se de toda a necessidade de fuga, de modo que encare o fato do *que é*. Posso ver o fato de que sou violento, sem condenação ou justificação, sem dizer "Não devo ser violento", apenas ver o fato de que sou violento?

— 14 —

Revolta, exércitos

Há revolta no padrão da sociedade, isso é óbvio. Algumas revoltas são respeitáveis, outras, não, mas acontecem sempre no campo da sociedade, dentro dos limites da cerca social. E, naturalmente, uma sociedade baseada em inveja, ambição, crueldade, guerra, só pode esperar revolta. Afinal, quando você vai ao cinema, você vê uma enorme quantidade de violência. Até agora, houve duas grandes guerras globais, numa representação da violência total. Uma nação que mantém um exército é destrutiva para seus próprios cidadãos. Por favor, prestem atenção a tudo isso. Nenhuma nação é pacífica se tem um exército, seja defensivo ou ofensivo. Um exército que tanto é ofensivo como defensivo não cria uma situação de paz. Quando uma cultura estabelece e mantém um exército, está destruindo a si mesma.

Esse é, historicamente, um fato.

— 15 —

Delinqüência juvenil

Somos encorajados, por todos os lados, a ser competitivos, ambiciosos, bem-sucedidos. Competição, ambição e sucesso são os deuses de uma sociedade particularmente próspera, então, o que você espera? O que você quer é que a delinqüência juvenil se torne respeitável. Não toca a raiz do problema, que é parar

todo esse processo de guerra, de manutenção de um exército, de encorajamento da ambição e da competição. Essas coisas, que estão enraizadas em nossos corações, são as cercas da sociedade, dentro das quais há revolta constante, tanto de jovens quanto de velhos. O problema não envolve apenas delinqüência juvenil, mas toda nossa estrutura social, e não haverá solução enquanto você e eu não sairmos completamente da sociedade que representa ambição, crueldade, desejo de ser bem-sucedido, desejo de ser alguém, de estar no topo. Todo esse processo não é mais do que a busca egocêntrica de realização, só que a tornaram respeitável.

— 16 —

Veneramos o competidor assassino, criando assim raiva?

Como um homem bem-sucedido é venerado! Como é condecorado um homem que mata milhares! E há todas aquelas divisões de crenças, de dogmas — o cristão e o hindu, o budista e o muçulmano. Estas são as coisas que provocam conflito. Quando tentamos lidar com a delinqüência juvenil meramente mantendo os filhos em casa, ou disciplinando-os, ou pondo-os no exército, ou recorrendo às várias soluções oferecidas por psicólogos e reformadores sociais, estamos lidando superficialmente com uma questão fundamental. Mas temos medo de lidar com questões fundamentais porque nos tornaríamos impopulares, seríamos rotulados de comunistas e sabe Deus o que

mais, e rótulos parecem ter extraordinária importância para a maioria de nós. Seja na Rússia, na Índia, ou aqui, o problema é essencialmente o mesmo. Só quando a mente compreender essa total estrutura social é que poderemos encontrar um meio totalmente diferente de lidar com esse problema e, talvez, estabelecer paz verdadeira, não a paz espúria dos políticos.

3

Tédio e interesse

— 1 —

As causas que defendemos são uma outra forma de fuga?

Tornar-se um obreiro social, um obreiro político ou um obreiro religioso, será isso? Como não tem mais nada para fazer, você se torna um reformador! Se não tem o que fazer, fica entediado, e por que não? Por que não *ficar* entediado? Se você está pesaroso, *esteja*. Não tente encontrar um meio de fugir do tédio, porque o fato de você estar entediado tem enorme importância e, se pode entender, viva com isso. Se você diz que está entediado e que por isso procurará algo para fazer, está simplesmente tentando escapar do tédio e, porque nossas atividades, na maior parte, *são* fugas, você fará um mal muito maior, tanto socialmente quanto de qualquer outra maneira. O dano é muito maior quando você foge em vez de aceitar e conviver com o tédio. A dificuldade está em não fugir, mas

descobrir como conviver com o tédio, pois, como nossas atividades, a maioria, são processos de fuga, é imensamente difícil parar de fugir e encarar. Assim, fico feliz por dizer a você, que está realmente entediado: "Ponto final, vamos ficar por aqui e encarar o tédio. Por que deveríamos fazer alguma coisa?"

— 2 —

Por que ficamos entediados?

Você está entediado. Por quê? O que é isso que chamamos de tédio? Por que você não sente interesse por nada? Tem de haver razões para esse entorpecimento da mente, essa inflexibilidade do coração: sofrimento, fugas, crenças, atividade incessante. Se você pudesse descobrir por que está entediado, por que perdeu o interesse, certamente resolveria o problema, não é? Então, o interesse desperto funcionaria. Mas, se você não se interessa em descobrir a causa do tédio, não pode se forçar a sentir interesse por uma atividade, simplesmente para estar fazendo alguma coisa, como um esquilo dando voltas em uma gaiola. Sei que é a esse tipo de atividade que a maioria de nós se entrega. Mas podemos encontrar internamente, psicologicamente, a razão de estarmos nesse estado de profundo tédio: esgotamento emocional e mental. Nós nos esgotamos experimentando coisas demais, sensações demais, divertimentos demais. Foram tantas as nossas experiências que nos entorpecemos, ficamos exauridos. Entramos para um grupo, fazemos tudo o que exigem de nós, depois partimos, em busca de outra coisa para experimentar.

Se não nos damos bem com um psicólogo, procuramos outro, ou um sacerdote; e se isso também falha, vamos em busca de um mestre e assim por diante. Estamos constantemente buscando. Esse processo contínuo de experiências *é* exaustivo, não é? Como todas as sensações, logo entorpece a mente.

— 3 —

Tédio pode ser exaustão

É isso o que fazemos, vamos de uma sensação para outra, de uma excitação para outra, até ficarmos realmente exaustos. Agora que percebe isso, não continue, pare para descansar. Fique quieto. Deixe que a mente ganhe forças sozinha. Não a obrigue a isso. Como o solo se renova durante o inverno, a mente também se renova quando lhe permitimos aquietar-se. Mas é muito difícil permitir que a mente fique quieta, em repouso depois de tanta atividade, porque ela própria quer estar fazendo alguma coisa o tempo todo. Quando você chega ao ponto em que realmente se permite ser como é — entediado, ruim, horrível, o que for —, então há a possibilidade de lidar com esse fato.

O que acontece quando você aceita alguma coisa, quando aceita o que você é? Quando você aceita que é o que é, onde está o problema? Só há problema quando não aceitamos uma coisa como ela é e desejamos modificá-la, o que não significa que estou defendendo a conformação, muito pelo contrário. Quando aceitamos o que somos, vemos que aquilo que temía-

mos e que chamamos de tédio, de desespero ou de medo, sofreu uma completa mudança. O que temíamos passou por total transformação.

— 4 —

Nosso interesse por alguma coisa é baseado apenas na recompensa?

O que queremos dizer com "interesse"? Como acontece essa mudança de interesse para tédio? O que significa "interesse"? Você se interessa por aquilo que o agrada, que lhe dá uma recompensa, não é? O interesse não é um processo de ganância? Você se interessaria por alguma coisa da qual não tirasse algum proveito? Não. O interesse é mantido enquanto você está ganhando alguma coisa. Ganho é interesse, não é? Você tenta obter satisfação de todas as coisas com que entra em contato, e, depois de usá-las completamente, perde o interesse por elas, fica entediado. Toda aquisição é uma forma de tédio, de enfado. Queremos trocar nossos brinquedos. Tão logo perdemos o interesse por um, queremos outro, e sempre há um novo brinquedo para o qual nos voltamos. Nós nos voltamos para alguma coisa a fim de obtê-la. Em tudo há o desejo de obter: no prazer, no conhecimento, na fama, no poder, na eficiência, na formação de uma família e assim por diante. Quando não há nada mais a obter em uma religião, em um salvador, perdemos o interesse e vamos procurar outro. Alguns adormecem em uma organização qualquer e nunca mais despertam, e aqueles

que despertam, adormecem novamente, juntando-se a outra organização. Esse movimento de aquisição é chamado de expansão do pensamento, de progresso.

"O interesse sempre é aquisição?"

Você se interessa por algo que não lhe dá alguma coisa, seja uma brincadeira, um jogo, uma conversa, um livro ou uma pessoa? Se uma pintura não lhe dá alguma coisa, você a ignora. Se uma pessoa não o estimula, nem o perturba de alguma maneira, se não há dor nem prazer em um relacionamento, você perde o interesse, fica enfadado. Já notou isso?

"Notei, mas nunca vi isso dessa maneira."

Você não viria aqui, se não quisesse alguma coisa. O que você quer é livrar-se do tédio. Como não posso libertá-lo, você ficará novamente entediado. Mas se nós, juntos, pudermos entender esse processo de adquirir, de interesse e de tédio, talvez, então, possa haver liberdade. Não se pode adquirir liberdade. Se você a obtiver, logo ficará entediado. Adquirir não embota a mente? A aquisição, de modo positivo ou negativo, é um fardo. Assim que temos o que queríamos, perdemos o interesse. Enquanto estamos tentando possuir, ficamos alertas, interessados, mas posse é tédio. Você pode querer mais, mas a busca de mais é apenas um movimento em direção ao tédio. Você tenta várias formas de aquisição e, enquanto há esforço para isso, há interesse, mas quando algo é obtido, sempre vem o tédio. Não é isso o que está acontecendo?

— 5 —

A renovação encontra-se entre um pensamento e outro

A dificuldade é a mente estar quieta, pois ela está sempre preocupada, sempre atrás de alguma coisa, obtendo ou negando, procurando e achando. A mente nunca está quieta, está em constante movimento. O passado, ofuscando o presente, faz seu próprio futuro. É um movimento no tempo, e quase nunca há intervalo entre os pensamentos. Um pensamento segue outro, sem pausa. A mente está sempre se afiando e, assim, desgastando-se. Se um lápis for apontado incessantemente, logo não sobrará nada dele. Da mesma forma, a mente faz uso constante de si mesma e fica exausta. Está sempre com medo de chegar ao fim. Mas, viver é chegar ao fim, dia após dia. É morrer para as aquisições, para as lembranças, para as experiências, para o passado.

4

Autopiedade, tristeza, sofrimento

— 1 —

O que é tristeza?

O homem tem tentado vencer a tristeza de muitas maneiras — através de adoração, de fuga, de bebida, de entretenimento —, mas ela está sempre aí. A tristeza precisa ser compreendida como compreendemos qualquer outra coisa. Não a negue, não a omita, não tente vencê-la, mas procure compreendê-la, vê-la como ela é. O que é tristeza? Você sabe?

— 2 —

Tristeza é solidão

Tristeza é você perder alguém a quem pensava amar. Tristeza é não poder realizar alguma coisa, de modo total, completo. Tristeza acontece quando lhe são negadas oportunidade e capaci-

dade. Tristeza é você ser confrontado por seu próprio vazio, pela solidão. E tristeza é carregada de autopiedade. Você sabe o que é "autopiedade"?

— 3 —

Autopiedade é um fator de tristeza

Autopiedade é você queixar-se de si mesmo, de modo consciente ou inconsciente, é sentir pena de si mesmo, é dizer: "Não posso fazer nada contra o ambiente onde me encontro, o lugar onde estou." É chamar a si mesmo de inútil, lamentando sua própria sorte. Então, há tristeza.

Para compreender a tristeza, em primeiro lugar, é preciso estar atento a um de seus fatores, a autopiedade. Quando alguém morre, você perde quem lhe fazia companhia e percebe sua solidão. Ou, se alguém morre e o deixa sem nenhum dinheiro, você se sente inseguro. Como viveu na dependência de outros, você começa a se queixar, começa a sentir autopiedade. Esse é um fato, como é um fato você ter ficado sozinho. Isso é *o que é*. Observe a autopiedade, não tente suprimi-la, não a negue, não pergunte: "O que vou fazer com ela?" O fato é: há autopiedade. O fato é: você está solitário. Será que pode observar isso sem nenhuma comparação com o passado, quando você se sentia extremamente seguro, quando tinha aquele dinheiro, aquela pessoa ou determinada capacidade? Apenas observe, então verá que não há lugar para a autopiedade.

— 4 —

A tristeza da solidão

Um dos fatores de tristeza é a extrema solidão do homem. Podemos ter companheiros, podemos ter deuses, podemos ter muito conhecimento, podemos ser extraordinariamente ativos na sociedade, mas, ainda assim, a solidão persiste. Por isso, o homem busca encontrar sentido na vida e inventa um sentido, um significado. A solidão, porém, persiste. Você pode observá-la sem fazer nenhuma comparação, apenas vê-la como ela é, sem tentar fugir, sem tentar encobri-la? Se puder, verá que a solidão torna-se algo completamente diferente.

— 5 —

Solidão é tristeza, ser sozinho é liberdade

O homem precisa ser sozinho. E não é. Somos o resultado de milhares de influências, milhares de condicionamentos, de heranças psicológicas, propaganda, cultura. Não somos sozinhos, de modo que somos seres humanos de segunda mão. Quando alguém é sozinho, totalmente sozinho, quando não pertence a nenhuma família, embora possa ter uma, quando não pertence a nenhuma nação, nenhuma cultura, não tem nenhum compromisso, sente-se um estranho a qualquer forma de pensamento, de ação, de família, de nação. Apenas é inocente aquele que é completamente sozinho. E é essa inocência que livra a mente da tristeza.

— 6 —

Essas lágrimas são por você ou por aquele que morreu?

Você sente tristeza tão intensamente quanto sentiria uma dor de dente? Quando tem dor de dente, você age: vai ao dentista. Mas, quando sente tristeza, foge dela através de explicação, crença, bebida e assim por diante. Você age, mas sua ação não é do tipo que liberta a mente da tristeza, é?

— Não sei o que fazer, por isso estou aqui.

Antes de poder saber o que fazer, você não deveria, primeiro, descobrir realmente o que é tristeza? Será que apenas não formou uma idéia, um julgamento a respeito de tristeza? Claro, a fuga, a avaliação e o medo impedem que você a sinta diretamente. Quando está sofrendo com uma dor de dente, você não forma idéias ou opiniões a respeito. Você sente dor e age. Mas na tristeza não há ação, imediata ou remota, porque você não está de fato sofrendo. Para sofrer e compreender o sofrimento, você deve encará-lo, não fugir.

— Meu pai se foi, e estou sofrendo com isso. O que devo fazer para escapar do sofrimento?

Sofremos porque não vemos a verdade do sofrimento. O fato e nossa ideação a respeito do fato são inteiramente distintos, levando a duas direções diferentes. É o fato real que o aflige, a realidade, ou simplesmente a idéia de sofrimento?

— Não está respondendo a minha pergunta, senhor — ele insistiu. — O que devo fazer?

— 7 —

Libertação do veneno da autopiedade

Você quer fugir do sofrimento ou realmente libertar-se dele? Se apenas deseja fugir, então uma pílula, uma crença, uma explicação, uma diversão pode "ajudá-lo", trazendo, como inevitáveis conseqüências, dependência, medo e assim por diante. Mas, se deseja libertar-se da tristeza, deve parar de fugir e observá-la, sem julgamento, sem escolha. Você deve observá-la, aprender sobre ela, conhecer todas as suas íntimas complexidades. Então, não terá mais medo dela, e não haverá mais o veneno da autopiedade. Compreendendo a tristeza, libertamo-nos dela. Para compreendê-la, é preciso haver a real experiência dela, não a ficção verbal do que ela é.

— 8 —

Como, então, viver minha vida diária?

— Posso fazer só uma pergunta? — alguém pediu. — De que maneira deve uma pessoa viver sua vida diária?

Como se essa pessoa fosse viver aquele dia apenas, aquela única hora.

— Como?

Se você tivesse apenas uma hora para viver, o que faria?

— Não sei — ele respondeu, ansioso.

Não faria os arranjos externos necessários, em seus negócios, em seu testamento e assim por diante? Não reuniria sua

família e seus amigos para pedir-lhes perdão por algum mal que possa ter feito a eles, e perdoá-los por algum mal que lhe possam ter feito? Não morreria completamente para as coisas da mente, para os desejos e para o mundo? E se isso pode ser feito por uma hora, pode ser feito pelos dias e anos que possam lhe restar.

— Isso é realmente possível, senhor?

Experimente e descubra.

— 9 —

A compreensão do sofrimento

Quando estou sofrendo, que bem me faz perguntar se há felicidade? Posso compreender o sofrimento? Meu problema é esse: não saber como ser feliz. Sou feliz quando não estou sofrendo, mas quando tomo consciência disso, não é felicidade... Então, preciso compreender o que é sofrer. Posso compreender o sofrimento quando parte de minha mente está correndo em busca da felicidade, em busca de uma maneira de sair do sofrimento? Não é preciso, então, que eu seja um com o sofrimento, sem rejeitá-lo, justificá-lo, condená-lo, ou compará-lo, mas que seja com ele e o compreenda?

A verdade sobre o que é felicidade virá se eu souber ouvir. Preciso saber ouvir o sofrimento. Se posso ouvi-lo, posso ouvir a felicidade, porque isso é o que eu sou.

— 10 —

Sofrimento é sofrimento: o cérebro e a dor de todos nós são iguais

Seu sofrimento é diferente do meu, ou do sofrimento de um homem da Ásia, dos Estados Unidos ou da Rússia? As circunstâncias e os incidentes podem variar, mas, em essência, o sofrimento de outro homem é igual ao meu e ao seu, não é? Sofrimento é sofrimento, com certeza, não o seu ou o meu. Prazer não é o seu prazer ou o meu, é prazer. Quando você sente fome, a fome não é apenas sua, é também de toda a Ásia. Quando você é guiado pela ambição, quando é implacável, essa implacabilidade é a mesma que move o político, o homem que está no poder, esteja ele na Ásia, nos Estados Unidos ou na Rússia.

Compreenda, é isso que não aceitamos. Não vemos que somos todos uma única humanidade, retidos em diferentes esferas de vida, em diferentes áreas. Quando você ama alguém, esse amor não é seu. Se é, torna-se tirânico, possessivo, ciumento, ansioso, brutal. Da mesma forma, sofrimento é sofrimento, não é seu, nem meu. Não estou tornando o sofrimento impessoal. Não o estou tornando algo abstrato. Quando alguém sofre, sofre. Um homem que não tem alimento, roupas, abrigo, está sofrendo, viva ele na Ásia ou no Ocidente. As pessoas que agora estão sendo mortas ou feridas, vietnamitas ou americanas, estão sofrendo. Para compreender esse sofrimento — que não é seu, nem meu, que não é impessoal, nem abstrato, mas real, de todos nós — é preciso muita perspicácia, muita percepção. O fim desse sofrimento naturalmente trará a paz, não apenas a interior, mas também a externa.

5

Ciúme, possessividade, inveja

— 1 —

Pensar que possuímos um ser humano faz com que nos sintamos importantes

O ciúme é uma das maneiras de prender o homem ou a mulher, não é? Quanto mais sentimos ciúme, maior o sentimento de posse. Possuir alguma coisa nos deixa felizes, dizer que algo, até um cachorro, é exclusivamente nosso faz com que nos sintamos bem. Ter posse exclusiva nos dá segurança e certeza a respeito de nós mesmos. Possuir alguma coisa nos torna importantes, e é a essa importância que nos agarramos. Pensar que possuímos, não um lápis, não uma casa, mas um ser humano, faz com que nos sintamos fortes e estranhamente contentes. O ciúme não é por causa do outro, mas por causa do valor, da importância de nós mesmos.

— Mas não sou importante, não sou ninguém, meu marido é tudo o que tenho. Nem meus filhos contam.

Todos nós temos apenas uma coisa a que nos agarramos, embora ela tome diferentes formas. Você se agarra a seu marido, a outras pessoas, aos filhos, ou a alguma crença, mas a intenção é a mesma. Sem o objeto ao qual nos agarramos, nós nos sentimos irremediavelmente perdidos, não é? Temos medo de ficar totalmente sozinhos. Esse medo é ciúme, ódio, dor. Não há muita diferença entre ciúme e ódio.

— 2 —

Ciúme não é amor

— Mas nós nos amamos.

Então, como pode haver ciúme? O fato é que não amamos, e isso é triste. Você está usando seu marido — como ele está usando você — para ser feliz, ter companhia, não se sentir sozinha. Pode não possuir muitas coisas, mas pelo menos tem alguém com quem ficar. Chamamos essa necessidade e esse uso mútuos de amor.

— Mas isso é horrível.

Não é horrível, apenas um fato que nunca encaramos. Dizemos que é horrível, damos-lhe um nome e desviamos o olhar rapidamente, e é isso o que você está fazendo.

— Eu sei, mas não quero encarar. Quero continuar assim como sou, mesmo que isso signifique ser ciumenta, porque não consigo ver mais nada em minha vida.

Se visse outra coisa em sua vida, não teria mais ciúme de seu marido, teria? Mas se agarraria a essa outra coisa, como agora se agarra a seu marido, e teria ciúme dela. Você quer

encontrar algo que substitua seu marido, não está procurando libertar-se do ciúme. Nós todos somos assim: antes de desistirmos de uma coisa, queremos ter certeza sobre outra. Quando estamos completamente incertos, não há lugar para o ciúme. Há ciúme quando há certeza, quando sentimos que temos alguma coisa. Exclusividade é esse sentimento de certeza. Possuir é ter ciúme. Posse gera ódio. Na verdade odiamos o que possuímos, e isso se mostra no ciúme. Onde há posse, jamais poderá haver amor. Possuir é destruir o amor.

— 3 —

Apego à reputação, a coisas, a uma pessoa, causa sofrimento

A cultura atual é baseada na inveja, na cobiça... Várias formas de sucesso são perseguidas: sucesso como artista, sucesso como empresário, sucesso como religioso. Tudo isso é uma forma de inveja. Mas só tentamos nos livrar da inveja quando ela se torna angustiante, dolorosa. Enquanto for gratificante e prazerosa, a inveja é aceita como parte de nossa natureza. Não vemos que nesse prazer mesmo há sofrimento... Apego dá prazer, mas também gera ciúme e dor, e isso não é amor. É nessa área de atividade que vivemos, sofremos e morremos. É só quando a dor dessa ação restritiva se torna insuportável que lutamos para rompê-la e sair.

— Acho que entendo tudo isso vagamente, mas o que preciso fazer?

Antes de falarmos sobre o que fazer, vamos ver qual é o problema. Qual é o problema?

— Sou torturada pelo ciúme e quero me livrar dele.

Você quer se livrar da dor do ciúme. Mas será que não quer continuar agarrada àquele prazer peculiar dado pela posse e pelo apego?

— Claro que quero. Não espera eu que renuncie a tudo o que possuo, espera?

Não estamos nos referindo à renúncia, mas ao desejo de possuir. Queremos possuir pessoas, assim como coisas, agarramo-nos a crenças e a esperanças. Esse desejo de possuir coisas e pessoas, esse apego ardente, por que existem?

— Não sei. Nunca pensei nisso. Parece natural ter ciúme, mas ele se tornou um veneno, um violento fator de perturbação em minha vida.

Precisamos de certas coisas, como alimento, roupas, abrigo e assim por diante, mas elas são usadas para prover satisfação psicológica, o que dá origem a muitos problemas. Da mesma maneira, depender psicologicamente de pessoas gera ansiedade, ciúme e medo.

— Suponho que, nesse sentido, eu dependa de certas pessoas. Elas são uma necessidade compulsiva para mim. Sem elas, eu estaria totalmente perdida. Se eu não tivesse meu marido e meus filhos, acho que enlouqueceria lentamente, ou então me apegaria a outras pessoas. Mas não entendo o que há de errado com o apego.

Não estamos dizendo que é certo ou errado, mas analisando sua causa e efeito, não é? Não estamos condenando ou

justificando a dependência. Mas por que uma pessoa é psicologicamente dependente de outra?

— Sei que sou dependente, mas a verdade é que nunca pensei realmente nisso. Achava normal as pessoas serem dependentes de outras.

— 4 —

Dependência física não é dependência psicológica

Claro que somos e sempre seremos fisicamente dependentes uns dos outros, isso é natural e inevitável. Mas, enquanto não compreendermos nossa dependência *psicológica* de outras pessoas, a dor do ciúme continuará, você não acha? Por que existe essa necessidade psicológica de outras pessoas?

— Preciso das pessoas de minha família porque as amo. Se não as amasse, não me importaria com elas.

Você quer conservar o prazer do apego e livrar-se da dor que ele causa. Acha que é possível?

— Por que não?

Apego envolve medo, não é? Você tem medo do que é, ou do que será, se o outro a abandonar ou morrer, e é apegada por causa desse medo. Enquanto está ocupada com o prazer do apego, o medo fica oculto, trancado, mas infelizmente está sempre lá. E, até que você esteja livre desse medo, a tortura do ciúme continuará.

— 5 —

O topo da pilha

Você sabe o que é a vida? Ela se estende do momento em que nascemos até o momento em que morremos, e talvez vá além. A vida é um todo vasto e complexo. É como uma casa em que tudo está acontecendo ao mesmo tempo. Você ama e odeia. Você é ganancioso, invejoso, e ao mesmo tempo sente que não deveria ser. Você é ambicioso, e tanto pode haver frustração como sucesso seguindo o rastro de ansiedade, medo e implacabilidade, e mais cedo ou mais tarde você percebe a futilidade disso tudo. E há também os horrores e a brutalidade da guerra, e a paz através do terror; há o nacionalismo, a soberania, que sustentam a guerra, há a morte no fim da estrada da vida ou mesmo antes, em algum ponto ao longo dela. Há a busca de Deus, com suas crenças conflitantes e as brigas entre as religiões organizadas. Há a luta para conseguir e manter um emprego, há o casamento, os filhos, a doença, há a dominação da sociedade e do Estado. A vida é tudo isso, e muito mais, e somos jogados nessa bagunça. Em geral, nós nos afundamos nela, infelizes e perdidos, e se sobrevivemos subindo até o topo da pilha, ainda somos parte da confusão. O que chamamos de vida é luta eterna, é tristeza, com um pouco de alegria de vez em quando. Quem vai ensinar a vocês tudo isso? Ou melhor, como vocês vão aprender? Mesmo que alguém tenha capacidade e talento, fica atado pela ambição, pelo desejo de fama, com todas as suas frustrações e dores. Tudo isso é a vida, não é? E ir além de tudo isso também é a vida.

— 6 —

A estrutura viciosa

É isso o que é. Todo mundo diz que deve abrir seu caminho através da vida. Cada um avança em favor de si mesmo, seja em nome da profissão, da religião ou do país. Você quer ficar famoso, seu vizinho também quer, da mesma forma que o vizinho *dele*. E é assim com todos, do mais alto ao mais baixo na escala. É assim que construímos uma sociedade baseada em ambição, inveja e cobiça, na qual cada homem é inimigo do outro. E vocês são "educados" para estar de acordo com essa sociedade em desintegração, para se ajustarem a essa estrutura viciosa.

— O que temos de fazer, então? — pergunta outra pessoa. — Parece-me que devemos nos ajustar à sociedade para não sermos destruídos. Existe alguma saída, senhor?

Vocês, atualmente, estão recebendo isso que chamam de educação para ajustarem-se à sociedade; para desenvolverem habilidades que os capacitarão a viver a vida de acordo com os padrões. Seus pais, educadores, seu governo, estão todos preocupados com sua eficiência e segurança financeira, não é verdade?

Sim, eles querem que vocês sejam "bons cidadãos", o que significa serem respeitavelmente ambiciosos, eternamente gananciosos e dedicados àquela implacabilidade socialmente aceita e chamada de competição, de modo que vocês e eles possam estar seguros. É isso o que quer dizer ser um bom cidadão; mas será algo bom, ou muito mau? Amar significa deixar aque-

le que é amado totalmente livre para crescer em toda plenitude, para ser algo maior do que uma simples máquina social. O amor não força, nem abertamente nem através da sutil ameaça de deveres e responsabilidades.

— 7 —

O dever é amor?

O que os pais chamam de dever não é amor, é uma forma de coerção, e a sociedade apóia os pais, porque o que eles estão fazendo é muito respeitável... Eles consideram necessário que os filhos se ajustem à sociedade, que sejam respeitáveis e tenham segurança. Isso é chamado de amor. Mas é amor? Ou é medo, disfarçado pela palavra "amor"?

— 8 —

Ambição é inveja, divisão, guerra

Os mais velhos dizem que vocês, a nova geração, precisam criar um mundo diferente, mas não estão falando realmente a sério. Ao contrário, dedicando muito pensamento e cuidado, eles "educam" vocês para que se ajustem aos velhos padrões, com algumas modificações. Embora possam falar de maneira diferente, professores e pais, apoiados pelo governo e pela sociedade em geral, providenciam para que vocês sejam treinados para estarem de acordo com a tradição, aceitarem a ambição e a inveja

como o natural modo de vida. Não estão nem um pouco preocupados com um novo modo de vida, e é por isso que o próprio educador não é educado corretamente. A velha geração criou este mundo de guerra, este mundo de antagonismo e divisão entre os homens, e a nova geração está seguindo seus passos diligentemente.

— Queremos ser educados de modo correto, senhor. O que devemos fazer?

Em primeiro lugar, observem atentamente um simples fato: nem o governo, nem seus professores e pais importam-se em educá-los corretamente. Se educassem, o mundo seria completamente diferente, e não haveria guerras. Então, se querem ser educados corretamente, vocês mesmos terão de fazer isso. E quando forem adultos, cuidarão para que seus filhos recebam a educação correta.

— Mas como poderemos educar corretamente a nós mesmos? Precisamos de alguém que nos ensine.

Vocês têm professores que lhes ensinam matemática, literatura e assim por diante; mas educação é algo mais profundo e amplo do que o mero acúmulo de informações. Educação é o cultivo da mente, de modo que a ação não seja egocêntrica. É aprender a derrubar, durante toda a vida, os muros que a mente ergue a fim de ficar em segurança, e dos quais surge o medo com toda sua complexidade. Para serem educados corretamente, vocês não podem ser preguiçosos, precisam estudar muito. Sejam bons nos esportes, não para derrotar um ao outro, mas por divertimento. Comam de maneira adequada e mantenham-se fisicamente em forma. Deixem a mente alerta e capaz de lidar com os problemas da vida, não como hindus, comunistas

ou cristãos, mas como seres humanos. Para serem educados adequadamente, vocês precisam compreender a si próprios, precisam continuar a aprender a respeito de si mesmos. Quando alguém pára de aprender, a vida se torna feia e triste. Sem bondade e amor vocês não serão educados corretamente.

6
Desejo e ânsia

— 1 —

A dor do desejo é medo da frustração

Para muitos de nós, o desejo é um grande problema. Desejo de possuir, de posição, de poder, de conforto, de imortalidade, de continuidade, desejo de ser amado, de ter algo permanente, satisfatório, algo que vença o tempo. Agora, o que é o desejo? O que é essa coisa que nos instiga, que nos impele? O que é essa coisa que nos diz que não deveríamos estar satisfeitos com o que temos ou somos, que é o oposto do que queremos. Estamos tentando entender o que é o desejo e, se pudermos insistir nisso, mesmo que cautelosamente, de modo hesitante, creio que causaremos uma transformação que não será uma simples substituição de um objeto de desejo por outro. Mas é geralmente isso o que queremos dizer com "mudança", não é? Insatisfeitos com um objeto de desejo, nós o substituímos por outro. Estamos eternamente mudando de um objeto de desejo

para outro, que consideramos mais elevado, mais nobre, mais refinado, mas, por mais refinado que seja, desejo é sempre desejo, e nesse movimento de desejo há uma luta interminável, o conflito dos opostos.

Assim, não é importante descobrir o que é o desejo e se ele pode ser transformado? Será possível dissolver esse centro de desejo, não um desejo em particular, um apetite, um anseio, mas a total estrutura de desejo, de ânsia, de esperança, na qual sempre há o medo da frustração? Quanto mais me sinto frustrado, mais força dou ao "eu". Enquanto houver esperança, ânsia, sempre haverá um fundo de medo, que por sua vez fortalece esse centro.

Além das necessidades físicas, qualquer forma de desejo — de grandeza, de verdade, de virtude — torna-se um processo psicológico pelo qual a mente cria a idéia do "eu" e a fortalece em seu centro.

— 2 —

Siga o movimento do desejo

Desejo significa o impulso de satisfazer variados apetites que exigem ação — ânsia por sexo, desejo de ser grande, desejo de possuir um carro...

Então, o que é desejo? Você vê uma bela casa, um carro de luxo ou um homem de alta posição, poderoso, e deseja que aquela casa fosse sua, que você fosse aquele homem ou que andasse em meio a aplausos. Como surge esse desejo? Primeiro, acontece a percepção visual: a visão da casa. O "você" vem mui-

to depois. A visão da casa é uma atração visual, assim como a atração da elegância, da beleza, da cor de um carro, e, então, vem a percepção.

Por favor, siga esse movimento. É você que deve fazer isso, não eu. Eu estou oferecendo as palavras, explicando, mas é você quem deve fazer. Estamos compartilhando o processo. Você não está simplesmente ouvindo o que o orador diz, está observando seu próprio movimento de pensamento enquanto desejo. Não há divisão entre ver e pensar, os dois são um único movimento. Entre pensamento e desejo não há nada que os separe.

— 3 —

O aparecimento do desejo

Assim, há a visão e, em seguida, a percepção, que cria a sensação. Depois, há o toque e, então, o desejo — o desejo de possuir —, para dar continuidade à sensação. Isso é muito simples. Vejo uma bela mulher, ou um homem bonito, sinto o prazer de ver, e esse prazer exige continuidade. Então penso, pois um pensamento nasceu desse prazer. E quanto mais penso sobre esse prazer, há a continuidade do prazer, ou da dor. Desse modo, onde há continuidade, o "eu" aparece: eu quero, eu não quero. É isso o que todos nós fazemos, o dia todo, adormecidos ou despertos.

Vemos, então, como surge o desejo. Percepção, contato, sensação e a necessidade da continuidade da sensação, que é o desejo. Não há nada de misterioso a respeito do desejo. No

entanto, ele fica muito complicado quando há uma contradição, não no desejo em si, mas no objeto através do qual ele se realizará. Certo? Quero ser muito rico, isto é, meu desejo me diz que preciso ser muito rico, porque vejo pessoas com propriedades, carros e tudo mais. O desejo, então, diz: "Tenho de ter, tenho de me realizar."

— 4 —

O desejo precisa ser compreendido, não sufocado

O desejo quer ser satisfeito de todas as maneiras. Os objetos que lhe darão essa satisfação são muito atraentes, mas um contradiz o outro.

E assim vivemos, ajustando-nos, buscando satisfação, sofrendo frustração. Essa é nossa vida. Os chamados religiosos, santos, papas, monges, freiras, servidores sociais, dizem: "Para encontrar Deus, é preciso sufocar o desejo, sublimá-lo, identificar-se com Deus a fim de que o desejo desapareça. Quando vir uma mulher, vire-lhe as costas. Não seja sensível à vida, a nada, não ouça música, não admire uma árvore e, acima de tudo, não olhe as mulheres!" Essa é a vida do homem medíocre que é escravo da sociedade!

Sem compreender — compreender, não reprimir — o desejo, o homem nunca se libertará da submissão ou do medo. Você sabe o que acontece quando reprime alguma coisa? Seu coração fica entorpecido! Já viu como são os ascetas, monges, freiras, pessoas que fogem da vida? São frígidos, duros, virtuosos,

santos, vivendo sob severa disciplina! Falam incansavelmente sobre o amor, e por dentro estão fervendo. Seus desejos nunca são satisfeitos, ou nunca são compreendidos. Essas pessoas são seres mortos sob um manto de virtude!

Estamos falando de algo completamente diferente... É preciso descobrir, aprender o que é o desejo — aprender o que é, não o que fazer quanto a ele, não sufocá-lo.

— 5 —

Com compreensão o desejo acontece mas não cria raízes

O desejo gera contradição, e como a mente que é alerta não gosta de viver em contradição, tenta livrar-se do desejo. Mas, se a mente puder compreender o desejo sem tentar afastá-lo, sem dizer "Este desejo é bom, mas este é ruim, então vou ficar com o primeiro", se estiver atenta a todo o campo do desejo sem rejeitá-lo, sem fazer escolhas, sem condenar, então você verá que ela ficará muito quieta. Os desejos vêm, mas não causam mais impacto, não têm mais grande importância, não se enraízam na mente, onde criam problemas. A mente reage, ou não estaria viva, mas a reação é superficial e não cria raiz. Por isso é importante compreender todo esse processo de desejo em que muitos de nós estão presos.

— 6 —

Podemos ter desejo sem precisar agir em relação a ele?

Para muitos de nós, desejo significa auto-indulgência e auto-expressão: desejo isso e preciso tê-lo. Seja uma pessoa bonita, uma casa, ou uma idéia, eu preciso tê-la. Por quê? Por que esse "preciso"? Por que o desejo diz "Preciso ter isso", se isso traz a agonia, a pressão, a ânsia, as exigências de uma existência compulsiva? É muito simples, muito claro, o motivo dessa insistência por auto-expressão, que é uma forma de desejo. É grande o prazer de nos expressarmos, de sermos alguém, porque somos reconhecidos. As pessoas dizem: "Olhe, sabe quem é ele?", e toda esta tolice. Talvez você diga que isso não é apenas desejo, não é apenas prazer, porque existe algo por trás do desejo que é muito mais forte. Mas não se pode chegar a essa conclusão sem compreender o prazer e o desejo. O processo ativo do desejo e do prazer é o que chamamos de ação. Quero alguma coisa, então trabalho, trabalho, trabalho para adquiri-la. Quero ser famoso como escritor, ou pintor, e faço tudo o que posso imaginar para alcançar a fama. Muitas vezes caio na beira do caminho e nunca sou reconhecido pelo mundo, então fico frustrado, agoniado, para depois me tornar um cínico, ou me revestir de falsa humildade, e aí começa todo o resto desse contra-senso.

— 7 —

Por que somos tão cheios de ânsia?

Então nos perguntamos: por que insistimos em satisfazer o desejo? Querer um casaco, uma camisa, uma gravata, um par de sapatos, e comprá-los, é uma coisa. Mas, por trás desse persistente impulso de buscar satisfação certamente há o sentimento de insuficiência, de solidão. Não posso viver sozinho, não posso estar sozinho, porque por mim mesmo sou insuficiente. Você sabe mais do que eu, é mais bonito, mais intelectual, mais inteligente, você é mais isso, mais aquilo, e eu quero ser assim, e muito mais. Por quê? Não sei se você já se fez esta pergunta. Se fez, e se não foi apenas uma sabida pergunta teórica, encontrará a resposta.

Quero saber por que as pessoas querem tantas coisas, ou mesmo uma só. Querem ser felizes, encontrar Deus, ter riqueza, ter fama, ser completas, ou liberadas — seja lá o que isso signifique —, enfim, querem todas as coisas, é uma ânsia de acumular. Querem um casamento perfeito, um perfeito relacionamento com Deus e assim por diante. Por quê? Primeiro, isso mostra como a mente é superficial, não? Mostra também nosso próprio sentimento de solidão, de vazio, não é verdade?

— 8 —

O problema não é o desejo em si, mas o modo como lidamos com ele

Vamos analisar o desejo. Conhecemos o desejo que se contradiz, que é torturado, tentando seguir direções diferentes. Co-

nhecemos a dor, o tumulto e a ansiedade do desejo. E conhecemos a disciplina, o controle. Na eterna batalha com o desejo, nós o torcemos tanto que lhe tiramos toda a forma e o deixamos irreconhecível. Mas ele está lá, em constante observação, à espera, pressionando. Faça o quiser com o desejo, sublime-o, fuja dele, negue-o ou aceite-o, deixe-o tomar as rédeas, e ele estará sempre lá. Sabemos que mestres religiosos e outros têm dito que não devemos ter desejo, que precisamos nos libertar dele, cultivar o desapego, o que é um absurdo, pois o desejo precisa ser compreendido, não destruído. Destruí-lo seria destruir a própria vida. Quando deturpamos o desejo, quando o moldamos, controlamos, dominamos, reprimimos, podemos estar destruindo algo extraordinariamente belo.

7

Auto-estima: sucesso e fracasso

— 1 —

Auto-estima

Nós nos colocamos em vários níveis e estamos constantemente caindo das alturas. São as quedas que nos envergonham. A auto-estima é a causa de nossa vergonha, de nossa queda. É a auto-estima que deve ser compreendida, não a queda. Se não há um pedestal sobre o qual nos colocarmos, como pode haver queda?

— 2 —

Você é o que é

Por que você se colocou em um pedestal a que chama de auto-estima, dignidade humana, o ideal e assim por diante? Se compreender isso, não haverá a vergonha do passado, ela será

totalmente eliminada. Você será o que realmente é, sem o pedestal. Se não há pedestal, não há altura que o faça olhar para cima ou para baixo, então você *é* aquilo que sempre evitou ser. É evitar o *que é*, o que você é, que causa confusão e antagonismo, vergonha e ressentimento. Não é preciso que você diga a mim ou a qualquer outro o que é, mas que esteja atento ao que é, seja o que for, agradável ou desagradável. Viva sem se justificar ou resistir ao que é. Viva com o que é, sem lhe dar nome, pois um termo já é condenação ou identificação. Viva com isso sem medo, porque o medo impede a comunhão.

— 3 —

A ambição obscurece a clareza

Pergunta: Senhor, qual é a função do pensamento na vida cotidiana?

Krishnamurti: A função do pensamento é ser razoável, pensar com clareza, objetivamente, com eficiência e precisão, e você não poderá pensar claramente, com precisão e eficiência, se estiver atado a sua vaidade pessoal, a seu sucesso, a sua realização.

— 4 —

Ambição é medo

O que a ambição tem causado ao mundo? São poucos os que alguma vez pensaram nisso. Quando alguém está lutando para

estar acima dos outros, quando todo mundo está tentando realizar, ganhar, o que há no coração de todos? Você sabe? Se olhar para seu próprio coração quando está sendo ambicioso, quando está lutando para ser alguém, espiritualmente ou no mundo, descobrirá dentro dele o verme do medo. O homem mais ambicioso é o mais temeroso, porque tem medo do que é, porque fica pensando: "Se eu for o que sou, não serei ninguém. Preciso ser alguém, preciso ser o engenheiro, o maquinista, o magistrado, o juiz, o ministro."

— 5 —

Interesse é o mesmo que ambição?

Pergunta: Se alguém tem a ambição de ser engenheiro, isso não significa que ele está interessado nessa profissão?

Krishnamurti: Você diria que ter interesse por alguma coisa é ambição? Podemos dar qualquer significado à palavra "ambição". A ambição, como a conhecemos, é resultado do medo. Se sou garoto e estou interessado em me tornar engenheiro porque amo a engenharia, porque quero construir lindas casas, porque quero ter o melhor sistema de irrigação do mundo, porque quero construir as melhores estradas, isso significa que eu amo isso tudo, então, não é ambição. Nisso não há medo.

Assim, ambição e interesse são duas coisas diferentes, não são? Estou interessado em pintura, algo que amo, mas não pretendo competir com o melhor ou mais famoso pintor, apenas gosto de pintar. Você pode ser um pintor melhor do que eu,

mas não faço comparação entre nós. Quando pinto, estou fazendo o que amo, então isso me basta.

— 6 —

Faça o que ama

Você que é jovem, que está aqui, não acha importante que o ajudem a despertar sua inteligência, para que você, de modo natural, encontre sua vocação? Então, quando a encontrar, e se for verdadeira, você a amará por toda a vida. Nisso não haverá ambição, competição, luta por uma posição, por prestígio; e talvez, então, você possa criar um novo mundo. Nesse mundo, não existirá nenhuma das coisas feias da velha geração: as guerras, a maldade, os deuses que causam divisão, os rituais que não significam absolutamente nada, o governo, a violência. Num lugar desse tipo, sua responsabilidade e a do professor são muito grandes, porque vocês podem criar um mundo novo, uma nova cultura, um novo modo de vida.

— 7 —

Se você ama as flores, seja um jardineiro

O que acontece no mundo é que todo mundo está lutando contra alguém. Um homem é inferior a outro. Não há amor, consideração, nem pensamento. Cada homem deseja tornar-se alguém. Um parlamentar quer ser o líder do Parlamento, tor-

nar-se primeiro-ministro e assim por diante. Há luta perpétua, nossa sociedade é formada por homens que estão constantemente combatendo outros, e chamam a isso de ambição de ser alguma coisa. Os mais velhos encorajam vocês, jovens, a fazer isso. Vocês precisam ser ambiciosos, precisam ser alguma coisa, precisam casar-se com uma pessoa rica, precisam ter o tipo certo de amigo. Os da geração mais velha, aqueles que sentem medo, que têm um coração feio, tentam fazer com que vocês sejam iguais a eles, e vocês querem ser iguais porque vêem o fascínio de tudo aquilo. Quando o governador aparece, todos se voltam para ele.

Por essa razão, é muito importante que vocês encontrem sua verdadeira vocação. Sabem o que significa "vocação"? Algo que você ama fazer, que lhe é natural. Afinal, a função da educação, de uma escola como esta, é ajudá-los a crescer com independência, de modo que não sejam ambiciosos, mas encontrem sua verdadeira vocação, algo que o homem ambicioso nunca encontrou.

Fazer alguma coisa completamente, maravilhosamente, de acordo com o que vocês pensam, não é ambição; portanto, aí não há medo.

— 8 —

Comparação gera competição, ambição

Estamos sempre nos comparando com outras pessoas. Se sou um tanto estúpido, quero ser mais inteligente. Se sou superficial, quero ser profundo. Se sou ignorante, quero ser mais cul-

to. Estou sempre me comparando com outros, medindo-me por eles, que têm um carro melhor, uma alimentação melhor, uma casa melhor, um modo de pensar melhor. Comparação gera conflito. Você compreende alguma coisa fazendo comparações? Quando compara dois quadros, duas peças musicais, dois crepúsculos, quando compara uma árvore com outra, você os compreende? Ou compreende alguma coisa apenas quando não faz nenhuma comparação?

Você acha possível viver sem comparação de qualquer tipo, sem nunca traduzir-se em termos de comparação com alguém, com alguma idéia, algum herói ou um exemplo? Quando está se comparando, quando se está medindo com "o que deveria ser" ou "o que foi", você não está vendo o *que é*. Por favor, ouça isto. É muito simples, mas, provavelmente, você, sendo racional, perspicaz, não entenderá. Estamos perguntando se é possível viver neste mundo sem fazer comparações. Não diga "não". Você nunca tentou. Também não diga: "Não posso, é impossível, porque fui condicionado a comparar." Em uma sala de aula, um aluno é comparado a outro, e o professor diz: "Você não é tão inteligente quanto ele." O professor destrói B, quando compara B com A. Esse processo continua por toda a vida.

— 9 —

A comparação impede a clareza

Acham que a comparação é essencial ao progresso, à compreensão, ao desenvolvimento intelectual. Eu não acho. Quando estamos comparando um quadro com outro, não estamos

olhando para nenhum deles. Só podemos olhar um quadro quando não fazemos comparação. Da mesma maneira, é possível você viver a vida sem nunca se comparar psicologicamente com outro? Sem nunca comparar-se com Rama, Sita, Gita, com o herói, com seus deuses, seus ideais? A mente que não faz nenhuma comparação, em nenhum nível, torna-se extraordinariamente eficiente, extraordinariamente viva, porque está vendo o *que é*.

— 10 —

Sucesso e fracasso

Enquanto nossa meta for o sucesso não poderemos nos livrar do medo, pois o desejo de sucesso inevitavelmente gera o medo do fracasso. Por essa razão, os jovens não devem ser ensinados a venerar o sucesso. As pessoas buscam o sucesso de uma forma ou de outra, seja em uma quadra de tênis, no mundo dos negócios ou na política. Queremos estar no topo, e esse desejo cria conflito constante em nosso íntimo e com os outros, leva à competição, à inveja, à animosidade e, por fim, à guerra.

Como os da velha geração, os jovens também buscam sucesso e segurança. Embora a princípio relutem, descontentes, logo tornam-se respeitáveis e ficam com medo de dizer "não" à sociedade. Os muros de seus próprios desejos começam a fechar-se sobre eles, levando-os a manter-se em ordem e a assumir as rédeas da autoridade. Seu descontentamento, que é a chama da indagação, da busca, do entendimento, enfraquece e morre, e em seu lugar vem o desejo de um emprego melhor, de

um casamento rico, de uma carreira de sucesso, e tudo isso é ânsia por mais segurança.

Não há uma diferença significativa entre um velho e um jovem, pois ambos são escravos de seus próprios desejos, de sua própria satisfação. Maturidade não é uma questão de idade, vem com o entendimento. O ardente espírito de busca talvez seja mais fácil para os jovens, porque os mais velhos foram maltratados pela vida, os conflitos os desgastaram e a morte os espera. Não estou dizendo que os velhos são incapazes de uma indagação significativa, apenas que é mais difícil para eles.

Muitos adultos são imaturos, bastante infantis, e essa é uma das causas da confusão e da infelicidade que há no mundo...

As pessoas estão em busca de segurança e sucesso, e uma mente que busca segurança, que anseia pelo sucesso, não é inteligente, é incapaz de ação integrada. Só pode haver ação integrada quando estamos atentos ao nosso condicionamento, a nossos preconceitos raciais, nacionais, políticos e religiosos, isto é, apenas quando compreendemos que os hábitos do ego sempre causam separação.

8

Solidão, depressão, confusão

— 1 —

Solidão é o mesmo que estar sozinho?

Conhecemos a solidão, o medo, a infelicidade, o antagonismo, o verdadeiro pavor de uma mente que está atenta a sua solidão. Sabemos todos disso, não? Esse estado de solidão não é estranho para nenhum de nós. Você pode ter todas as riquezas, todos os prazeres, felicidade, pode ter grande capacidade, mas por dentro a sombra da solidão está sempre à espreita. O rico, o pobre, o que está sempre lutando, o que escreve, cria, o que leva uma vida de adoração, todos conhecem a solidão. O que a mente faz quando se encontra nesse estado? Liga o rádio, abre um livro, foge do *que é* para algo que não é. Senhores, ouçam o que estou dizendo, mas não se prendam às palavras, e sim à sua aplicação, à observação de sua própria solidão.

Quando a mente percebe sua solidão, corre para longe, foge. A fuga, seja a contemplação religiosa ou uma ida ao cine-

ma, é exatamente a mesma, uma fuga do *que é*. O homem que usa a bebida como fuga não é mais imoral do que aquele que foge através da adoração a Deus. Ambos são iguais, ambos estão fugindo. Se não há fuga quando você observa o fato de que está solitário, e, portanto, nenhuma luta para conseguir o oposto, a mente, então, tende a condenar isso de acordo com seu conhecimento, mas, se não há condenação, a atitude da mente em relação ao estado que chamamos de solidão sofre uma total mudança, não é?

— 2 —

Solidão é depressão, estar sozinho é alegria

Afinal, solidão é um estado de isolamento, porque a mente se fecha e se afasta de todos os relacionamentos, de tudo. Nesse estado, a mente conhece a solidão e, se não condená-la, se percebe o que acontece e não cria uma fuga, a solidão, com certeza, passa por uma transformação. Essa transformação pode ser chamada de "estar sozinho", mas não importa o termo que se queira usar. Nesse estar sozinho não existe medo. A mente que se sente solitária porque se isolou através de várias atividades tem medo da solidão. Mas, se há a percepção de que não há escolha, o que significa não haver condenação, a mente não está mais solitária, mas em um estado no qual não há corrupção, e ela não passa pelo processo de fechar-se em si mesma. Precisamos estar sozinhos. A solidão é um estado de frustração, mas estar sozinho não, e estar sozinho não é o oposto de solidão.

Sem dúvida, senhores, precisamos estar sozinhos, isolados de todas as influências, de toda a compulsão, de todas os anseios, as exigências, as esperanças, de modo que a mente não esteja mais no movimento da frustração. Esse estar sozinho é essencial, é algo religioso. Mas a mente não pode chegar a isso sem compreender todo o problema da solidão. A maioria de nós é solitária, todas as nossas atividades são as atividades da frustração. O homem feliz não é um homem solitário. A felicidade é sozinha, e a ação de estar sozinho é inteiramente diferente das atividades da solidão.

— 3 —

É possível viver com a solidão?

Estamos conscientes de um estado de vazio íntimo, de desesperança, solidão, uma sensação de que não podemos depender de nada, nem de ninguém, não é verdade? Não experimentamos todos, sem nenhuma razão, um momento de extraordinária solidão, de imensa tristeza, um momento de desespero no auge do pensamento, no auge do amor? Não conhecemos essa solidão? E não é essa solidão que nos impele sempre para que sejamos alguém, para que tenhamos boa reputação?

Podemos viver com essa solidão, sem fugir, sem tentar preenchê-la com uma ação qualquer? Podemos viver com ela, sem tentar transformá-la, sem tentar moldá-la e controlá-la? Se a mente puder, talvez supere essa solidão, esse desespero, o que não significa voltar-se para a esperança, para um estado de

devoção, pelo contrário. Se eu puder compreender isso e viver nessa solidão — não fugir dela, mas viver nessa estranha solidão que vem quando estou entediado, com medo ou apreensivo, não por uma causa qualquer ou com uma causa —, se eu conhecer essa sensação de solidão, será possível para a mente viver com ela, sem tentar rejeitá-la?

— 4 —

As dependências terminam quando a mente consegue ficar quieta

Se a mente pode ter a extraordinária sensação de estar desligada de tudo, de todas as idéias, de todas as muletas, de todas as dependências, também não poderá ir mais longe, não teoricamente, mas de modo real? É só quando a mente experimenta plenamente esse estado de solidão, esse estado de vazio, esse estado de não-dependência, que se torna possível a ação... que não é a ação que passa através do funil estreito do "eu".

— 5 —

Sem o ego, não há solidão

Quanto mais você tem consciência de si mesmo, mais isolado fica, pois essa autoconsciência é o processo do isolamento. Mas estar sozinho não é estar isolado. Esse estar sozinho acontece quando a solidão acaba. Estar sozinho é um estado no qual

toda influência desaparece completamente, tanto a influência externa quanto a interna, da memória. E é apenas nesse estado que a mente pode conhecer o incorruptível. Mas, para chegarmos a isso precisamos compreender a solidão, esse processo de isolamento que é o ego em sua atividade. Assim, a compreensão do ego é o início da cessação do isolamento e, portanto, da solidão.

— 6 —

Com seis bilhões de pessoas no mundo, a solidão é uma realidade ou uma atitude?

Quando nos aprofundamos mais nessa questão, surge um problema: aquilo que chamamos de solidão é uma realidade ou apenas uma palavra? A solidão é uma realidade ou meramente uma palavra que encobre algo que pode não ser aquilo que pensamos que é? A solidão não será um pensamento, resultado do raciocínio? Isto é, será o pensamento uma verbalização baseada na memória? Não estaremos observando o estado que chamamos de solidão com esse pensamento, essa verbalização, essa memória? O próprio fato de darmos um nome a esse estado pode ser a causa do medo que nos impede de observá-lo mais de perto. E se não lhe dermos um nome, que é fabricado pela mente, esse estado é solidão?

— 7 —

Esteja sozinho, sem fuga, e veja o que acontece

Já tentou estar sozinho? Quando tentar, verá que é extremamente difícil, verá como precisamos ser inteligentes para conseguir isso, porque a mente não nos deixa estar sozinhos, fica inquieta, ocupa-se procurando fugas. E o que estamos fazendo? Estamos tentando preencher esse imenso vazio com o que já é conhecido. Sabemos ser ativos, sociais, sabemos estudar, sabemos ligar o rádio. Preenchemos o desconhecido com aquilo que conhecemos. Tentamos preencher o vazio com vários tipos de conhecimento, relacionamentos, ou coisas, não é assim? Esse é o nosso processo, essa é a nossa existência. Quando percebe o que está fazendo, você ainda acha que pode preencher esse vazio? Já tentou todos os meios para preencher o vazio da solidão. Conseguiu? Tentou ir ao cinema e não conseguiu, então procurou gurus e livros, tornou-se muito ativo socialmente. Conseguiu preencher o vazio, ou meramente o escondeu? Escondeu-o apenas; ele ainda está lá, e voltará. Se conseguir fugir completamente, você se trancará em um asilo, ou se tornará muito, muito estúpido. É isso o que está acontecendo no mundo.

— 8 —

O fato é: somos vazios

Pode esse vazio, este vão, ser preenchido? Se não pode, será possível fugir dele? Experimentamos uma fuga e ela foi inútil; não

serão todas as fugas igualmente inúteis? Não importa se tentamos preencher o vazio com isto ou aquilo. A chamada meditação também é fuga. Não importa muito mudar o modo de fugir.

Como, então, você pode saber o que fazer com essa solidão? Só poderá saber quando houver parado de fugir, não é? Quando estamos dispostos a encarar o *que é* — e isso significa não ligar o rádio, não dar as costas à civilização —, essa solidão acaba, porque foi totalmente transformada: não é mais solidão.

— 9 —

Depressão: a vida vivida interiormente

Pergunta: Qual a diferença entre percepção e introspecção?

Krishnamurti: Primeiro, vamos analisar o que "introspecção" significa para nós. Significa olhar para dentro de nós mesmos, examinarmo-nos. Por que você se examina? A fim de melhorar, de mudar, de se modificar, de tornar-se alguma coisa, do contrário não se entregaria a uma introspecção. Você não se examinaria se não tivesse o desejo de mudar, de tornar-se diferente do que é. Essa é a razão óbvia para a introspecção. Estou zangado, então faço uma introspecção, examino-me, a fim de me livrar da raiva ou de modificá-la. Quando há introspecção, que é o desejo de modificar ou mudar as reações do ego, sempre há uma finalidade em vista. Quando essa finalidade não é alcançada, há melancolia, depressão. Desse modo, a introspecção, invariavelmente, corre em paralelo com a depressão.

— 10 —

Auto-análise traz depressão

Não sei se você já notou que, quando faz uma introspecção, quando olha para dentro de si mesmo a fim de mudar, sempre experimenta uma onda de depressão. É uma onda de melancolia contra a qual você tem de lutar. É preciso que você se examine novamente para poder vencer esse humor. A introspecção é um processo no qual não há alívio, porque transforma o *que é* em algo que não é. É isso o que acontece quando fazemos uma introspecção, quando nos entregamos a essa ação peculiar. Sempre ocorre um processo acumulativo nessa ação, em que o "eu" examina alguma coisa a fim de mudá-la. Assim, sempre há um conflito, e, portanto, um processo de frustração. Nunca há alívio. E reconhecer a frustração gera depressão.

Percepção é algo totalmente diferente. É observação sem condenação. Percepção traz compreensão, porque não há condenação ou identificação, apenas observação silenciosa. Se quero compreender alguma coisa, preciso observá-la, sem criticá-la, condená-la, persegui-la como a um prazer, ou evitá-la como algo desagradável. É preciso que haja a simples observação de um fato. Não há finalidade em vista, mas sim a observação de tudo o que surge. Essa observação e a compreensão dela cessam quando há condenação, identificação ou justificação.

— 11 —

Introspecção ou percepção?

Introspecção é auto-aperfeiçoamento, portanto, é egocentrismo. Percepção não é auto-aperfeiçoamento, ao contrário, é o fim do "eu", com todas as suas idiossincrasias, lembranças, exigências e buscas. Na introspecção há identificação e condenação. Na percepção não há, portanto, não há auto-aperfeiçoamento. É grande a diferença entre as duas coisas.

O homem que deseja melhorar-se não pode ter percepção, porque melhoramento implica condenação e obtenção de um resultado, enquanto que na percepção há observação sem condenação, sem negação ou aceitação. A percepção começa com coisas externas, de modo que perceber é estar em contato com objetos, com a natureza. Primeiro, há a percepção de coisas a respeito de si mesmo, a sensibilidade a objetos, natureza, pessoas, o que significa relacionamento, depois vem a percepção de idéias. Essa percepção, sendo a sensibilidade a coisas, natureza, pessoas e idéias, não consiste de processos separados, mas é um processo unitário. É uma constante observação de tudo, de cada pensamento, sentimento e ação, quando eles surgem em nosso interior.

— 12 —

Precisamos de psicanalistas para acabar com nossa confusão?

Pergunta: É fato estabelecido que muitas de nossas doenças são psicossomáticas, causadas por profundas frustrações e confli-

tos, dos quais nem sempre nos apercebemos. Devemos procurar psicanalistas, como estamos acostumados a consultar médicos que cuidam do físico, ou existe uma maneira pela qual um homem pode livrar-se do tumulto interior?

Krishnamurti: Isso levanta uma questão: qual é a posição dos psicanalistas? E qual é a posição daqueles de nós que sofrem de alguma doença? A doença é causada por nossos distúrbios emocionais ou o fator emocional não tem importância? Muitos de nós são perturbados. Muitos de nós são confusos, vivem em tumulto, mesmo os muito prósperos, que têm refrigeradores, carros e todo o resto. Como não sabemos lidar com a perturbação, ela, inevitavelmente, age sobre o físico e produz doença, o que é muito óbvio. A pergunta é: devemos correr a um psiquiatra que nos ajude a curar nossos distúrbios e recuperar a saúde ou será que podemos descobrir sozinhos como nos livrar da perturbação, do tumulto, das ansiedades, dos medos?

Por que ficamos perturbados? O que é perturbação? Quero alguma coisa, mas não posso tê-la, e isso me perturba. Quero me realizar através de meus filhos, minha esposa, meus bens, minha posição, meu sucesso, e estou impedido disso, o que significa que estou perturbado. Sou ambicioso, mas alguém me empurra para o lado, passa à minha frente, e novamente estou no caos, em tumulto, o que produz uma reação física.

— 13 —

O que é confusão?

Podemos nos livrar de todo esse tumulto, dessa confusão? O que é confusão? Confusão só existe quando há o fato acrescido do que eu penso sobre ele: minha opinião a respeito do fato, meu desdém pelo fato, minha fuga do fato, minha avaliação do fato e assim por diante. Se pudermos observar o fato sem atribuir-lhe qualquer qualidade, não haverá confusão. Se eu reconheço o fato de que determinada estrada leva a Ventura, não há confusão. A confusão acontece apenas quando eu penso ou insisto que a estrada leva para qualquer outro lugar, e esse é o estado em que a maioria se encontra.

— 14 —

Nossas opiniões confundem os fatos

Nossos desejos, ambições, opiniões e crenças são tão fortes que vergamos sob seu peso e nos tornamos incapazes de ver o fato.

Assim, fato somado a opinião, julgamento, avaliação, ambição e todo o resto cria confusão. Você e eu, estando confusos, podemos agir? Qualquer ação nascida da confusão só pode levar a mais confusão, mais tumulto, e tudo isso age sobre o corpo, o sistema nervoso, e produz doença. Estar confuso e reconhecê-lo exige não coragem, mas uma certa clareza de pensamento e de percepção. Nós, a maioria, temos medo de reco-

nhecer que estamos confusos, e é nessa confusão que escolhemos os líderes, professores, políticos, e quando escolhemos alguma coisa da confusão, essa escolha tem de ser confusa, de modo que o líder escolhido também é confuso.

— 15 —

Compreender a confusão é clareza

É possível, então, estarmos conscientes de nossa confusão, conhecermos sua causa, e não agir? Quando a mente confusa age, só pode produzir mais confusão. Mas a mente que tem a percepção de que está confusa, e compreende todo esse processo de confusão, não precisa agir, porque essa mesma clareza é sua ação. Penso que para a maioria essa compreensão é muito difícil, porque estamos acostumados demais a agir, a fazer...

— 16 —

Você pode ver tudo isso por si mesmo

Penso que um analista não pode resolver esse problema. Pode ajudar você, temporariamente, a estar de acordo com certo padrão da sociedade, o que ele chama de existência normal, mas o problema é muito mais profundo que isso, e ninguém pode solucioná-lo, a não ser você mesmo. Fomos nós que criamos esta sociedade, ela é produto de nossos pensamentos, ações, do

nosso próprio ser, e enquanto meramente tentarmos reformá-la, sem compreender a entidade que a produziu, teremos mais doença, mais caos, mais delinqüência. A compreensão do ego traz sabedoria e ação correta.

9

O fim do ego — não seu aperfeiçoamento — é o fim do sofrimento

— 1 —

Por que fortalecer a fonte de seu sofrimento?

Parece-me que uma das coisas mais difíceis de compreender é o problema da mudança. Vemos o progresso em suas diferentes formas, a chamada evolução, mas haverá uma mudança fundamental em andamento? Não sei se vocês foram atingidos pelo problema, ou se alguma vez sequer pensaram nele, mas acredito que será bom entrarmos nessa questão agora.

Vemos que existe progresso no sentido óbvio da palavra: novas invenções, carros melhores, aviões melhores, refrigeradores melhores, a paz superficial de uma sociedade progressista e assim por diante. Mas esse progresso provoca uma mudança radical no homem, em você, em mim? Altera superficialmente a conduta de nossa vida, mas poderá transformar nosso pensa-

mento de modo fundamental? Como acontecerá essa transformação fundamental? Acredito que esse é um problema que merece reflexão. Há progresso no auto-aperfeiçoamento: amanhã poderei ser melhor, mais gentil, mais generoso, menos invejoso, menos ambicioso. Mas será que esse auto-aperfeiçoamento provoca uma total mudança em nosso pensamento? Ou não há mudança alguma, apenas progresso? Progresso envolve tempo, não é verdade? Sou uma coisa hoje, amanhã serei algo melhor. Isto é, no auto-aperfeiçoamento, na negação de si mesmo, no sacrifício, há uma progressão, um movimento gradual em direção a uma vida melhor, o que significa adaptação superficial ao ambiente, conformidade com um padrão melhorado, uma maneira mais nobre de condicionamento e assim por diante. Vemos esse processo acontecendo o tempo todo. Você já deve ter questionado, como eu, se o progresso causa realmente uma revolução fundamental.

Para mim, o importante não é o progresso, mas a revolução. Por favor, não fique horrorizado com a palavra "revolução", como acontece com tanta gente desta nossa sociedade progressista. Parece-me que, a menos que compreendamos a enorme necessidade de promovermos não apenas um melhoramento social, mas também uma mudança radical em nosso panorama, o mero progresso será progresso com sofrimento. O progresso pode amenizar, mas não fazer cessar o sofrimento, que está sempre latente. Afinal, progresso, no sentido de alcançar melhoramento no decorrer de certo tempo, é na verdade o processo do "eu", do ego. Há, evidentemente, progresso no auto-aperfeiçoamento, que é o esforço determinado de sermos bons, sermos mais isso ou menos aquilo. Há o aperfeiçoamento de refrigeradores e aviões, então, também

há o aperfeiçoamento do ego, mas esse progresso, esse aperfeiçoamento, não livra a mente do sofrimento.

— 2 —

Não se limite a decorar

Se queremos compreender o problema do sofrimento e resolvê-lo, não podemos pensar em termos de progresso, porque um homem que pensa em termos de progresso, de tempo, que diz que será feliz no futuro, está levando uma vida de sofrimento. Para entender esse problema, precisamos lidar com toda essa questão da consciência, não é? Será este tema tão difícil? Vou continuar, e veremos.

Se quero realmente compreender o sofrimento e como darlhe fim, preciso descobrir não apenas quais são as implicações do progresso, mas saber quem é essa entidade que deseja melhorar-se e conhecer o motivo desse seu desejo. Tudo isso é consciência. Há a consciência superficial das atividades normais: o trabalho, a família, a constante adaptação ao ambiente social, seja com alegria, de maneira fácil, ou contraditória, com neurose. E há também um nível mais profundo de consciência, que é a vasta herança social do homem através dos séculos.

Estamos tentando descobrir por nós mesmos o que é consciência, e se é possível para a mente livrar-se do sofrimento — não mudar o padrão de sofrimento, não decorar a prisão do sofrimento, mas livrar-se completamente de sua semente, de sua raiz. Investigando isso, veremos a diferença entre o progresso

e a revolução psicológica, que é essencial para que nos libertemos do sofrimento.

— 3 —

Observe a residência do sofrimento: sua própria consciência

Não estamos querendo alterar a conduta de nossa consciência, só a estamos observando. Se formos um pouco observadores, se estivermos levemente atentos às coisas, sabemos o que é consciência superficial. Podemos ver que nossa mente é ativa na superfície, sempre ocupada em ajustar-se, ocupada com emprego, meio de vida, com a expressão de certos dons, talentos, tendências, ou com a aquisição de algum conhecimento técnico, e a maioria está satisfeita vivendo nessa superfície.

— 4 —

Por que aceitamos a dor de uma vida superficial?

Podemos ir mais fundo e ver o motivo desse ajuste superficial? Se você está um pouco atento a todo esse processo, sabe que esse ajuste à opinião, aos valores, essa aceitação da autoridade e assim por diante, são motivados por autopreservação e autoproteção. Se for além, você descobrirá que há essa vasta corrente abaixo da superfície, formada de instintos grupais, nacionais e raciais, de tudo o que foi acumulado pela luta humana, co-

nhecimento, esforço, dogmas e tradições dos hindus, budistas ou cristãos, o resíduo da chamada educação através dos séculos — tudo o que condicionou a mente a determinado padrão herdado. Se você for ainda mais longe, encontrará o desejo primitivo de ser, de ter sucesso, de tornar-se, que se mostra na superfície em várias formas de atividades sociais e cria ansiedade e medo de raízes profundas. Falando de modo sucinto, a soma de tudo isso é nossa consciência. Em outras palavras, nosso pensamento tem como base essa ânsia fundamental de ser, de tornar-se, e no topo disso estendem-se as muitas camadas de tradição, cultura, educação e condicionamento superficial de uma sociedade, forçando-nos a estar em conformidade com um padrão que nos permita sobreviver. Há muitos detalhes e sutilezas, mas, em essência, nossa consciência é isso.

— 5 —

O sofrimento não é eliminado pelo aperfeiçoamento

Qualquer progresso no campo dessa consciência é auto-aperfeiçoamento, e auto-aperfeiçoamento é progresso com sofrimento, não o fim do sofrimento. Se a mente está preocupada em livrar-se de todo o sofrimento, o que ela faz? Não sei se você já pensou nesse problema, mas, por favor, faça isso agora.

Sofremos, não é verdade? Sofremos não apenas com doenças físicas, distúrbios, mas também com a solidão, com a pobreza de nossa existência; sofremos porque não somos amados.

Quando amamos alguém e esse amor não é retribuído, sofremos. Pensar é sofrer, de modo que parece melhor não pensar, então aceitamos uma crença e ficamos estagnados nela, que é o que chamamos de religião.

Então, quando a mente vê que não pode pôr fim ao sofrimento através do auto-aperfeiçoamento, do progresso, o que ela faz? Pode a mente superar essa consciência, esses anseios e desejos contraditórios? E superar é uma questão de tempo? Por favor, siga isso, não apenas verbalmente, mas de modo real. Se é uma questão de tempo, voltamos para a outra coisa, que é o progresso, entende? Na estrutura da consciência, qualquer movimento, em qualquer direção, é auto-aperfeiçoamento e, assim, continuação do sofrimento. O sofrimento pode ser controlado, disciplinado, subjugado, racionalizado, refinado, mas sua qualidade potencial de sofrimento ainda permanece e, para que nos libertemos do sofrimento, precisamos nos livrar dessa potencialidade, dessa semente do "eu", desse processo de nos tornarmos alguma coisa. Para superar é preciso parar esse processo.

— 6 —

O sofrimento não termina por meio do progresso

Quando você se pergunta como pode superar, esse "como" torna-se o método, a prática, e isso ainda é progresso, de maneira que não há superação, mas apenas o refinamento da consciência do sofrimento. Espero que você compreenda o que estou dizendo.

A mente pensa em termos de progresso, de aperfeiçoamento, de tempo, então, será possível para tal mente ver o chamado progresso, o progresso com sofrimento, chegar ao fim, não com o tempo, não amanhã, mas imediatamente? Ou isso é possível, ou voltamos à antiga rotina, à antiga roda de sofrimento. Se o problema for enunciado claramente e for claramente compreendido, encontraremos a resposta definitiva.

— 7 —

Morrer para tudo, dia após dia

Superar tudo isso exige enorme atenção. Essa atenção total, na qual não há escolha, nenhuma sensação de tornar-se, de mudar, de alterar, liberta por completo a mente do processo de consciência de si mesma. E é só quando não há nenhum eu acumulativo que a mente pode ser verdadeiramente considerada livre do sofrimento. A acumulação é a causa do sofrimento. Não morremos para tudo, dia após dia. Não morremos para as inumeráveis tradições, para a família, para nossas próprias experiências, para nosso desejo de ferir os outros. Temos de morrer para tudo isso, para essa memória acumulativa, momento após momento, para que a mente livre-se do ego, que é a entidade da acumulação.

PARTE TRÊS

Educação, trabalho e dinheiro

1

O que é educação?

— 1 —

O tipo certo de educação

O homem ignorante não é o inculto, mas o que não conhece a si mesmo, e o homem culto é estúpido quando confia que livros, conhecimento e autoridade lhe darão entendimento. É através do conhecimento de si mesmo, que é a percepção de seu total processo psicológico, que o homem adquire entendimento. Assim, educação, no verdadeiro sentido, é a compreensão de nós mesmos, pois é dentro de cada um de nós que se encontra o todo da existência.

O que agora chamamos de educação é acúmulo de informações e de conhecimento encontrado em livros, que qualquer letrado pode ter. Tal educação oferece uma sutil forma de fuga de nós mesmos e, como todas as fugas, inevitavelmente cria infelicidade. Conflito e confusão resultam de nosso relacionamento errado com pessoas, coisas e idéias, e até que compreen-

damos esse relacionamento e o alteremos, a mera aprendizagem, a coleta de fatos e o desenvolvimento de várias habilidades só poderão nos levar ao caos e à destruição.

Como a sociedade é agora organizada, mandamos nossos filhos para a escola para que aprendam alguma técnica que, mais tarde, eles possam usar para ganhar a vida. Queremos fazer com que a criança se torne, em primeiro lugar, especialista em alguma coisa, com isso esperamos dar-lhe uma situação econômica segura. Mas o cultivo de uma técnica nos dá a habilidade de compreender a nós mesmos?

Conquanto, obviamente, seja necessário saber ler e escrever, aprender engenharia ou qualquer outra profissão, a técnica nos dará a capacidade de compreender a vida? Claro, a técnica é secundária, e se dedicarmos apenas a ela nossos esforços, estaremos negando algo que é, de longe, a melhor parte da vida.

Vida é dor, alegria, beleza, fealdade, amor, e quando a compreendemos como um todo, em todos os níveis, essa compreensão cria sua própria técnica. Mas o contrário não é verdadeiro: a técnica nunca pode fazer surgir a compreensão criativa.

— 2 —

Ter capacidade para ganhar a vida não é viver completamente

A educação de hoje é um completo fracasso porque dá ênfase exagerada à técnica, e com isso destrói o homem. Cultivar a capacidade e a eficiência sem compreender a vida, sem ter uma

percepção abrangente das atividades do pensamento e do desejo só nos tornará cada vez mais desapiedados, o que engendra guerras e põe em perigo nossa segurança física. O exclusivo cultivo da técnica tem produzido cientistas, matemáticos, construtores de pontes, conquistadores do espaço, mas eles compreendem o total processo da vida? Pode um especialista conhecer a vida como um todo? Somente quando deixa de ser um especialista.

— 3 —

Mera ocupação não basta

O progresso tecnológico soluciona certos problemas para algumas pessoas em determinado nível, mas também introduz outros, mais amplos e profundos. Viver em um nível, negligenciando o total processo da vida, é um convite à infelicidade e à destruição. A mais premente necessidade de todos os indivíduos é ter uma compreensão integral da vida, que os capacitará a enfrentar suas complexidades cada vez maiores.

O conhecimento técnico, embora necessário, de modo algum resolve nossos conflitos e pressões íntimos, psicológicos. E é porque adquirimos conhecimento técnico, sem a compreensão do total processo da vida, que a tecnologia tornou-se um meio de destruirmos a nós mesmos. O homem que sabe dividir o átomo, mas não tem amor no coração, torna-se um monstro.

Seguimos uma vocação de acordo com nossa capacidade, mas será que segui-la nos tirará do conflito e da confusão? Al-

guma forma de treinamento técnico parece necessária, e nos tornamos engenheiros, médicos e contadores, mas e depois? O exercício de uma profissão é a realização da vida? Para muitos de nós aparentemente é. Nossas várias profissões podem nos manter ocupados durante a maior parte da vida, mas as próprias coisas que produzimos e que nos deixam extasiados estão causando destruição e miséria. Nossas atitudes e valores transformam as coisas e ocupações em instrumentos de inveja, amargura e ódio.

Se não compreendemos a nós mesmos, a simples ocupação nos leva à frustração e às inevitáveis fugas através de todos os tipos de atividades danosas.

— 4 —

O indivíduo ou o sistema

A educação não deveria encorajar o indivíduo a sujeitar-se à sociedade, nem estar em harmonia negativa com ela, mas ajudá-lo a descobrir os verdadeiros valores trazidos pela investigação sem preconceito e a percepção de si mesmo. Quando um indivíduo não se conhece, a expressão de si mesmo torna-se auto-afirmação, com todos os seus conflitos agressivos e ambiciosos. A educação deveria despertar no indivíduo a capacidade de perceber a si mesmo, não meramente de entregar-se à satisfação da auto-expressão.

De que vale aprender se no processo de viver estamos nos destruindo? Estamos tendo uma série de guerras devastadoras,

uma após a outra, portanto, é óbvio que há alguma coisa extremamente errada em nosso modo de criar nossos filhos. Penso que todos nós percebemos isso, mas não sabemos o que fazer a respeito.

Sistemas, sejam educacionais ou políticos, não mudam misteriosamente. São transformados quando acontece uma fundamental mudança em cada um de nós. O indivíduo é o primeiro em importância, não o sistema, e enquanto o indivíduo não compreender o total processo de si mesmo, nenhum sistema, seja de esquerda ou de direita, trará ordem e paz ao mundo.

— 5 —

A função da educação

O tipo certo de educação preocupa-se com a liberdade individual, que por si só pode promover uma verdadeira colaboração com o todo, com a maioria. Essa liberdade não é conseguida através da busca do engrandecimento próprio e do sucesso, mas vem pelo autoconhecimento, quando a mente vai acima e além dos obstáculos que criou para si mesma na ânsia de garantir sua segurança.

É função da educação ajudar cada indivíduo a descobrir todos esses obstáculos psicológicos, e não simplesmente impor-lhe novos padrões de conduta, novos modelos de pensamento. Tais imposições nunca despertarão a inteligência, a compreensão criativa, apenas condicionarão ainda mais o in-

divíduo. É isso o que está acontecendo em todo o mundo, essa é a razão de nossos problemas persistirem e se multiplicarem.

— 6 —

Nossos filhos são nossa propriedade?

É só quando começamos a compreender o profundo significado da vida humana que pode haver verdadeira educação. Mas, para compreender, a mente deve inteligentemente livrar-se do desejo de recompensa, que gera medo e conformidade. Se virmos nossos filhos como nossa propriedade, se para nós eles forem a continuação de nosso ser insignificante e a satisfação de nossas ambições, estaremos construindo um ambiente, uma estrutura social onde não há amor, apenas a busca de vantagens egocêntricas.

— 7 —

Qual é nossa necessidade?

Qual é nossa necessidade? De acordo com a educação de agora, temos universidades, escolas, exames. Mas apenas falar estritamente sobre divisões lingüísticas me parece tremendamente infantil. O que temos de fazer como seres humanos maduros — se tais entidades existem — é penetrar esse problema. Você quer que seus filhos sejam educados para tornarem-se gloriosos funcionários, burocratas, vivendo uma vida inútil, profun-

damente infeliz, funcionando como máquinas de um sistema? Ou quer que eles sejam seres humanos completos, inteligentes, capazes, sem medo? Acabaremos por descobrir, talvez, o que queremos dizer com "inteligência". A mera aquisição de conhecimento não é inteligência, nem faz de alguém um ser humano inteligente. Um indivíduo pode ter todas as técnicas, mas isso não significa que é inteligente, um ser humano integrado.

— 8 —

Conhecimento é acumulação do passado: o aprendizado está sempre no presente

Há diferença entre adquirir conhecimento e aprender, mas precisamos dos dois. Precisamos ter conhecimento, do contrário não saberíamos onde moramos, esqueceríamos nosso nome e assim por diante. Então, em certo nível, o conhecimento é necessário, mas só quando é usado para compreendermos a vida, que é um movimento, que é viva, dinâmica, mudando a cada momento. Quando não nos movemos com a vida, estamos vivendo no passado e tentando compreender essa coisa extraordinária chamada vida. E para compreendermos a vida precisamos aprender sobre ela a cada minuto e nunca chegar a ela acreditando que já aprendemos.

2

Comparação e competição, ou cooperação?

— 1 —

Comparação gera medo

Uma das coisas que nos impedem de nos sentirmos seguros é a comparação. Quando alguém é comparado com outra pessoa, nos estudos, nos esportes ou na aparência, fica ansioso, experimenta uma sensação de medo, de incerteza. Então, como estávamos conversando ontem com alguns dos professores, é muito importante eliminar de nossa escola essa idéia de comparação, esse sistema de avaliação por notas ou marcas e, assim, o medo dos exames.

Vocês estudam melhor quando há liberdade, alegria, quando existe algum interesse. Todos vocês sabem que aprendem com muito mais facilidade quando estão jogando um jogo, fazendo teatro, passeando, olhando para um rio, quando há feli-

cidade geral e boa saúde. Mas, quando há o medo da comparação das notas, dos exames, não estudam nem aprendem tão bem.

O professor só se preocupa em fazer com que vocês sejam bem-sucedidos nos exames e passem para a série seguinte, o mesmo que querem seus pais. Nenhum deles está interessado em fazer com que vocês deixem a escola como seres humanos inteligentes e livres do medo.

— 2 —
Competição

Pergunta: Eu gostaria de não ser competitivo, mas como se pode viver sem competir nessa sociedade altamente competitiva?

Krishnamurti: Temos como certo que precisamos viver nessa sociedade competitiva, de modo que uma premissa é estabelecida, e é daí que partimos. Enquanto vocês disserem que têm de viver nessa sociedade competitiva, serão competitivos. A sociedade é ambiciosa, idolatra o sucesso, e se vocês também quiserem ter sucesso, naturalmente terão de ser competitivos.

Mas o problema envolve algo muito mais profundo e importante do que a mera competição. O que há por trás do desejo de competir? Todas as escolas ensinam os alunos a competir, não é? A competição é exemplificada pela atribuição de notas, pela comparação entre alunos pouco inteligentes com outros, mais inteligentes, pelo eterno comentário de que um menino pobre pode vir a ser o presidente ou um diretor da General

Motors. Bem, vocês sabem muito bem como isso funciona. Por que enfatizamos tanto a competição? Qual é o significado por trás disso? Competição envolve disciplina, não é? Vocês precisam estar no controle, vocês precisam ser ajustados, vocês precisam puxar a fila, vocês precisam ser como todos os outros, apenas melhores, de modo a disciplinarem-se para alcançar o sucesso. Por favor, entendam isso. Onde a competição é incentivada, há necessariamente o processo de disciplina da mente de acordo com certo padrão, e essa é uma das maneiras de controlar um garoto ou uma menina, concordam? Se vocês querem ser alguma coisa, precisam controlar-se, disciplinar-se, competir. Fomos criados assim, e é isso que passamos para nossos filhos. E ainda falamos em dar às crianças a liberdade de explorar, de descobrir!

A competição disfarça a condição do próprio ser. Se quiserem compreender a si mesmos, vocês irão competir uns com os outros, irão se comparar com outras pessoas? Compreendem a si mesmos através de comparação? Compreendem qualquer coisa através de comparação, de julgamento? Compreendem um quadro comparando-o com outro ou apenas quando sua mente está completamente atenta ao quadro, sem a interferência da comparação?

— 3 —

A competição apenas esconde o medo do fracasso

Encorajamos o espírito de competição em nossos filhos porque queremos que eles obtenham sucesso onde nós falhamos;

queremos realizar-nos através dos nossos filhos ou do nosso país. Acredita-se que o progresso, a evolução, ocorra através do julgamento, da comparação, mas quando comparamos? Quando competimos? Somente quando estamos incertos quanto a nós mesmos, quando não nos compreendemos, quando há medo em nossos corações. Compreender a si mesmo é compreender o total processo da vida, e o autoconhecimento é o começo da sabedoria. Mas sem autoconhecimento não há compreensão; só há ignorância, e a perpetuação da ignorância não é crescimento.

— 4 —

A competição é a veneração de uma exibição externa

Então, para compreender a si mesmo, é necessária a competição? Para compreender a mim mesmo tenho de competir com você? E por que essa veneração do sucesso? O homem que é estéril, que não tem nada em si mesmo, é ele que está sempre buscando, esperando adquirir, esperando tornar-se algo; e como a maioria está internamente pobre, internamente assolada pela pobreza, competimos para nos tornar externamente ricos. A exibição externa do conforto, da posição, da autoridade, do poder, embevece-nos, porque isto é o que queremos.

— 5 —

A cooperação é a ausência do egocentrismo

Pode haver cooperação somente quando vocês e eu somos nada. Descubram o que isso significa e meditem a respeito. Não se limitem a fazer perguntas. O que significa o estado de nada? Só conhecemos o estado de atividade do ego, a atividade egocêntrica.

Então, sabemos que não pode haver cooperação fundamental, embora possa haver persuasão superficial através do medo, da recompensa, da punição e assim por diante, e isso, obviamente, não é cooperação.

Assim, quando há a atividade do ego, com uma finalidade em vista, uma utopia, isso não passa de destruição, separação, não há cooperação. O que alguém deve fazer, quando deseja realmente descobrir, não superficialmente, mas de modo profundo, o que é cooperação e como fazê-la acontecer? Se vocês querem a cooperação da esposa, do filho, do vizinho, como a conseguem? Amando a pessoa. Isso é evidente!

O amor não é uma coisa da mente, o amor não é uma idéia. Só pode haver amor quando a atividade do ego deixa de existir. Dizem que a atividade do ego é positiva; no entanto, causa a destruição, a separação, a infelicidade e a confusão que vocês conhecem muito bem. E ainda falamos de cooperação, de fraternidade. O que queremos, basicamente, é nos agarrar às atividades do ego.

— 6 —

Isso tudo diz respeito a mim ou a nós?

Um homem que realmente deseja buscar e descobrir a verdade da cooperação precisa eliminar a atividade egocêntrica. Isso é inevitável. Quando vocês e eu não somos egocêntricos, amamos uns aos outros, estamos interessados na ação, não no resultado, não na idéia, mas em fazer a ação. Sentimos amor uns pelos outros. Quando minha atividade egocêntrica colide com sua atividade egocêntrica, projetamos uma idéia pela qual disputamos. Estamos cooperando superficialmente, mas, na verdade, estamos nos agarrando pelo pescoço o tempo todo.

Então, ser nada não é o estado consciente, e quando você e eu nos amamos, estamos cooperando não para fazer algo sobre uma idéia que tivemos, mas para fazer qualquer coisa que precisa ser feita.

Se nós nos amássemos, vocês acham que existiriam aldeias imundas? Agiríamos. Não ficaríamos tecendo teorias, nem falando de fraternidade. É óbvio que nossos corações não têm calor nem sustento, e falamos de tudo: métodos, sistemas, partidos, governos e legislações. Não sabemos que palavras não podem captar aquele estado de amor.

A palavra "amor" não é o amor. É apenas um símbolo, nunca poderá ser real. Então, não fiquem fascinados pela palavra "amor".

— 7 —

Saber quando não cooperar

Quando vocês souberem como cooperar, porque aconteceu essa revolução íntima, também saberão quando não cooperar, o que é muito importante, talvez o mais importante de tudo. Agora cooperamos com qualquer pessoa que promete uma reforma, uma mudança, o que apenas perpetua o conflito e a infelicidade. Mas, se soubermos o que é espírito de cooperação, que vem com a compreensão do total processo do ego, haverá a possibilidade de criarmos uma nova civilização, um mundo completamente diferente, onde não haverá ganância, inveja, nem comparação. Isso é não é uma utopia, mas o real estado da mente que está sempre pesquisando e buscando o que é verdadeiro e bom.

3

Trabalho: como decidir?

— 1 —

Sua vida não deve destruir outra

Vocês não gostariam de descobrir se é possível viver neste mundo ricamente, plenamente, com felicidade e criatividade, sem a compulsão destrutiva da ambição, sem competição? Não gostariam de saber como viver de modo que sua vida não destrua outra, ou lance uma sombra em seu caminho?

Pensamos que isso é um sonho utópico que nunca poderá se realizar, mas não estou falando de utopia, o que seria absurdo. Podemos, vocês e eu, pessoas simples, comuns, viver criativamente neste mundo, sem a compulsão da ambição, que se mostra como desejo de poder, de posição e de muitas outras maneiras? Descobrirão a resposta quando amarem o que estão fazendo. Se você é engenheiro porque precisa ganhar a vida, ou porque seu pai ou a sociedade esperam isso de você, essa é ou-

tra forma de compulsão, e compulsão, sob qualquer forma, cria contradição, conflito. Mas, se você realmente ama ser engenheiro, ou cientista, ama plantar uma árvore, pintar um quadro, ou escrever uma poesia, não para ser admirado, mas apenas porque ama o que faz, então descobrirá que não está competindo com ninguém. Penso que o segredo é esse: amar o que se faz.

— 2 —

Descubra o que você ama

Sei que você, jovem, pode achar difícil decidir o que de fato ama fazer, porque quer fazer muitas coisas. Quer ser engenheiro, maquinista de trem, piloto de aviões cruzando o céu azul ou, talvez, um famoso orador ou político. Pode querer ser pintor, químico, poeta ou carpinteiro. Talvez queira trabalhar com a cabeça, ou produzir algo com as mãos. Alguma dessas coisas é o que você realmente ama ou seu interesse é meramente uma reação à pressão social? Como descobrir? O verdadeiro propósito da educação é *ajudá-lo* a descobrir o que quer, para que você, quando for adulto, possa entregar-se de mente, coração e corpo àquilo que realmente ama fazer.

Descobrir o que realmente gosta de fazer exige bastante inteligência, porque, se tiver medo de não ser capaz de ganhar a vida, ou de não se encaixar nessa sociedade podre, nunca descobrirá. Mas, se não tiver medo, se recusar-se a ser puxado para o caminho da tradição por seus pais, professores, pelas exigências superficiais da sociedade, você poderá descobrir o que real-

mente ama fazer. Portanto, para descobrir, você não pode ter medo de não conseguir sobreviver.

Mas muitos de nós têm esse medo. "O que será de mim se eu não fizer o que meus pais querem, se não me encaixar na sociedade?", perguntam-se. Com medo, fazemos o que nos mandam fazer, e nisso não há amor, há apenas contradição, e essa contradição íntima é um dos fatores que criam ambição destrutiva.

Desse modo, a função básica da educação é ajudá-lo a descobrir o que realmente ama fazer, para que você entregue a mente e o coração àquilo, porque isso cria dignidade humana, varre para longe a mediocridade, a mesquinha mentalidade burguesa. Por essa razão é tão importante ter os professores certos...

— 3 —

Ensinar é a mais nobre das profissões

Ensinar é a mais nobre das profissões, se é que se pode chamar essa atividade de profissão. É uma arte que requer não apenas capacidade intelectual, mas também paciência e amor infinitos. Quando somos realmente instruídos, compreendemos nosso relacionamento com todas as coisas — dinheiro, bens, pessoas, a natureza — no vasto campo da existência.

— 4 —

A horrível confusão

Pergunta: Em seu livro sobre educação, o senhor sugere que a educação moderna é um completo fracasso. Eu gostaria que me explicasse isso.

Krishnamurti: E não é um fracasso? Quando sai à rua, você vê o pobre e o rico, e quando olha à sua volta, vê pelo mundo todo pessoas que se dizem instruídas envolvidas em lutas e contendas, matando-se em guerras. Há agora bastante conhecimento científico para que possamos dar alimento, roupas e abrigo para todos os seres humanos, mas não é isso o que acontece. Os políticos e outros líderes de todo o mundo são pessoas instruídas, têm títulos, diplomas, barretes e becas, são doutores e cientistas; no entanto, não conseguem criar um mundo no qual o homem possa viver em paz. Então, a educação moderna fracassou, não é? E se você se contentar em ser educado da mesma antiga maneira, fará da vida uma horrível confusão.

— 5 —

Você é massa de modelar?

Pergunta: Posso saber por que não deveríamos nos ajustar aos planos de nossos pais, se eles querem o nosso bem?

Krishnamurti: Por que você haveria de ajustar-se aos planos de seus pais, por mais dignos e nobres que eles possam ser? Você

não é massa de modelar, não é gelatina para ajustar-se a uma forma. Sabe o que acontece quando alguém se ajusta? Torna-se um bom menino, ou uma boa menina, mas e depois? Sabe o que significa ser bom? Não significa apenas fazer o que a sociedade quer, ou o que seus pais o mandam fazer. A bondade é algo totalmente diferente. Você só é bom quando tem inteligência, quando tem amor, quando não tem medo. Ninguém pode ser bom quando tem medo. Você pode tornar-se respeitável, fazendo o que a sociedade exige. Então, essa sociedade lhe dá uma coroa, diz que você é uma boa pessoa, mas ser meramente respeitável não é ser bom.

Quando somos jovens, não queremos nos ajustar, e ao mesmo tempo queremos ser bons. Queremos ser gentis, amorosos, queremos ter pensamentos bons e fazer coisas boas, mas não sabemos o que isso tudo significa, e nos tornamos "bons" porque temos medo. Nossos pais nos dizem para sermos bons, e somos, na maioria, mas tal "bondade" é meramente viver de acordo com os planos que eles fazem para nós.

— 6 —

O que é um meio de vida correto?

Pergunta: Quais são as bases de um meio de vida correto? Como posso saber se estou ganhando a vida corretamente? Como vou encontrar um meio correto, nessa sociedade basicamente errada?

Krishnamurti: Em uma sociedade basicamente errada, não pode haver meio de vida correto. O que está acontecendo no

mundo atualmente? Nosso meio de vida, qualquer que seja, leva à guerra, à miséria geral e à destruição, e isso é perfeitamente óbvio. Nossa ocupação, seja qual for, contribui inevitavelmente para que haja conflito, decadência, implacabilidade e sofrimento. Então, a atual sociedade é basicamente errada, fundada na inveja, no ódio e no desejo de poder, de modo que cria meios de vida errados, como as profissões de soldado, policial, advogado. Por sua própria natureza, essas profissões são um fator de desintegração da sociedade, e quanto mais soldados, policiais e advogados, mais evidente se torna a decadência da sociedade. No mundo todo há cada vez mais soldados, policiais e advogados, e os homens de negócios os acompanham. Tudo isso precisa ser mudado para que seja fundada uma sociedade correta, e achamos que essa é uma tarefa impossível. Não é, mas somos você e eu que temos de cumpri-la. Hoje, qualquer meio de vida que escolhamos cria infelicidade para um outro ou contribui para a destruição da humanidade, como vemos diariamente. Como pode isso ser mudado? Só haverá mudança quando você e eu não estivermos buscando poder, quando não formos invejosos, cheios de ódio e antagonismo. Quando, em nossos relacionamentos, causamos alguma transformação, estamos ajudando a criar uma nova sociedade, formada por pessoas que não estão presas à tradição, que não pedem nada para si mesmas, que não estão em busca de poder, porque são ricas por dentro, encontraram a realidade. Só o homem que busca a realidade pode criar uma nova sociedade, só o homem que ama pode transformar o mundo.

— 7 —

Façam o melhor que puderem, vocês precisam comer

Sei que essa resposta não satisfaz uma pessoa que deseja descobrir um meio de vida correto na atual estrutura da sociedade. Vocês devem fazer o melhor que puderem, seja como fotógrafos, comerciantes, advogados, policiais, ou qualquer outra coisa. Estejam conscientes do que fazem, sejam inteligentes, atentos, saibam o que estão perpetuando, reconheçam a total estrutura da sociedade, com sua corrupção, seu ódio, sua inveja e, se não se renderem a essas coisas, talvez possam criar uma nova sociedade. Mas, no momento em que me perguntam qual é o meio de vida correto, todas essas questões são inevitáveis, não é verdade? Vocês não estão satisfeitos com o modo como ganham a vida. Querem ser invejados, querem ter poder, querem maior conforto, mais luxo, posição, autoridade, e, assim, estão inegavelmente criando ou mantendo uma sociedade que os destruirá, que destruirá a humanidade.

Se puderem ver claramente esse processo de destruição no modo como ganham a vida, se percebem que esse é o resultado de sua própria busca pela subsistência, então, naturalmente, encontrarão o meio certo de ganhar dinheiro. Mas primeiro precisam ver a sociedade como ela é: corrupta e em desintegração. E quando virem isso claramente, encontrarão o meio correto de ganhar a vida. Isso só acontecerá quando virem o mundo como ele é, com suas divisões nacionais, crueldade, ambição, seu ódio e controle. Quando virem tudo isso clara-

mente, um meio correto de ganhar a vida surgirá, não será preciso procurá-lo. Mas nossa maior dificuldade nesse aspecto é que temos muitas responsabilidades, por exemplo, nossos pais esperam que ganhemos dinheiro e os sustentemos. Como, na sociedade atual, é difícil conseguir um emprego, aceitamos qualquer um; então caímos nas engrenagens da máquina da sociedade. Mas aqueles que não têm necessidade imediata de arrumar um trabalho e podem examinar o quadro todo, têm a responsabilidade. No entanto, esses que não estão preocupados em conseguir um emprego imediatamente são apanhados em outra engrenagem: estão preocupados em expansão pessoal, conforto, luxo e diversão. Têm tempo, mas o estão desperdiçando. E os que têm tempo deviam ser responsáveis pela alteração da sociedade. Os que não são pressionados pela necessidade imediata de ganhar a vida deviam se interessar realmente por todo o problema da existência e não se enredar em mera ação política, em atividades superficiais. Os que têm tempo e o chamado lazer deveriam buscar a verdade, porque são eles que podem promover uma revolução no mundo, não o homem que está de estômago vazio. Mas, infelizmente, os que têm esse lazer não se ocupam do que é eterno. Ocupam-se em preencher o tempo. Assim, eles também são responsáveis pela infelicidade e confusão que há no mundo. Então, aqueles de vocês que me estão ouvindo, aqueles de vocês que têm um pouco de tempo, deveriam refletir sobre esse problema, pois, transformando a si mesmos, promoverão uma revolução mundial.

— 8 —

O que é meio de vida?

Senhores, o que queremos dizer com "meio de vida"? É ganhar o suficiente para suprir nossas necessidades — alimento, roupas, abrigo. A dificuldade disso aparece quando usamos essas coisas essenciais como um meio de agressão psicológica, isto é, quando as usamos como meio de engrandecimento próprio, como uma expansão psicológica de nós mesmos.

— 9 —

Retribua

Tudo o que podemos fazer, quando somos sinceros, quando somos inteligentes a respeito de todo esse processo, é rejeitar o atual estado de coisas e dar à sociedade tudo o que pudermos. Aceitamos alimento, roupas e abrigo da sociedade, então, devemos dar a ela alguma coisa em troca.

O que você está fazendo pela sociedade? O que é sociedade? É o relacionamento com um ou com muitos, é seu relacionamento com o outro. O que você está dando a esse outro? Está dando algo, no verdadeiro sentido da palavra, ou simplesmente aceitando pagamento por alguma coisa?

É só quando não está dependendo do outro para suprir suas necessidades psicológicas que você pode ter um meio de vida correto.

Talvez você diga que toda essa resposta é muito complicada, mas não é. A vida não tem respostas simples. O homem

que procura uma resposta simples para a vida evidentemente tem mente obtusa, estúpida. A vida não oferece conclusões, não tem um padrão definido. Vida é viver, alterando, mudando.

Se seu relacionamento é baseado na necessidade, não na ganância, você encontrará o meio correto de ganhar a vida onde está, mesmo que a sociedade seja corrupta.

— 10 —

O verdadeiro trabalho do homem é descobrir a verdade

Qual é o verdadeiro trabalho do homem? Sem dúvida, seu verdadeiro trabalho é descobrir a verdade, Deus; é amar e não se deixar prender por atividades que o fechem em si mesmo. Na descoberta da verdade há amor, e esse amor, no relacionamento entre os homens, criará uma civilização diferente, um mundo novo.

4
Qual é a base da ação correta?

— 1 —

Por que devemos mudar?

Em primeiro lugar, porque queremos mudar o *que é* ou promover uma transformação? Por quê? Porque não estamos satisfeitos com o que somos, e isso cria conflito e distúrbio. Assim, não gostando dessa situação, queremos algo melhor, mais nobre, mais idealista. Desejamos transformação porque há sofrimento, desconforto, conflito.

— 2 —

Primeiro, estamos entediados

As atividades do ego são assustadoramente monótonas. O ego é um tédio. É intrinsecamente irritante, sem graça, fútil. Seus

desejos opostos e conflitantes, suas esperanças e frustrações, suas realidades e ilusões são cativantes, e, no entanto, vazias. Suas atividades provocam seu próprio enfado. O ego está sempre subindo e sempre caindo, sempre procurando e sempre se decepcionando, sempre ganhando e sempre perdendo, sempre querendo fugir dessa enfadonha rotina de futilidade. Foge através de atividade externa ou de gratificantes ilusões, através de bebida, sexo, rádio, livros, conhecimento, diversão e assim por diante. Seu poder de criar ilusão é complexo e vasto.

— 3 —

O problema do ego não pode ser resolvido através de fuga

O esquecimento de si mesmo é procurado internamente e também externamente. Alguns voltam-se para a religião, outros, para o trabalho e várias atividades. Mas não há como esquecer o ego. O barulho interno ou externo pode reprimir o ego, mas logo ele volta sob uma forma diferente, pois o que é reprimido precisa soltar-se. Tentar esquecer o ego através de bebida ou sexo, de religião ou conhecimento, cria dependência, e aquilo do que se depende gera um problema.

— 4 —

Um problema nunca é resolvido em seu próprio nível

Onde as atividades do ego são dominantes, sempre existirão problemas. É preciso estar em constante vigilância para perceber quais são e quais não são as atividades do ego.

Um problema nunca é resolvido em seu próprio nível, pois, sendo complexo, precisa ser compreendido em seu total processo. Tentar solucionar um problema em apenas um nível, seja físico ou psicológico, leva a mais conflito e confusão. Para a solução de um problema, é preciso haver percepção, essa vigilância passiva que o revela em seu processo completo.

— 5 —

A posição dos jovens em relação a problemas

Não penso que os problemas da juventude, da meia-idade e da velhice podem ser separados. A juventude não tem um problema especial. Pode parecer assim porque os jovens estão no início da vida. Podemos fazer de nossa vida uma confusão desde o começo, sendo apanhados numa rede de problemas, incertezas, insatisfação e desespero, ou, então, na juventude — penso que talvez seja o único momento — construímos um bom alicerce para a vida.

Parece-me que quando um indivíduo é jovem, sem compromisso com família, trabalho, atividades e tristezas, esse é o

momento em que ele pode plantar uma semente que germinará e produzirá frutos durante toda sua vida, em vez de perder-se em todas essas buscas absurdas e sem sentido da existência diária.

— 6 —

A moldagem da mente é condicionamento

Como vocês sabem, sempre nos disseram o que pensar e o que não pensar. Livros, professores, pais, a sociedade em que vivemos, todos nos dizem o que devemos pensar, mas nunca nos ajudam a aprender *como* pensar. Saber *o que* pensar é relativamente fácil, porque desde a infância nossa mente foi condicionada por palavras, frases, atitudes estabelecidas e preconceitos. Não sei se vocês notaram que a mente da maioria dos velhos é fixa, como argila endurecida num molde, muito difícil de quebrar. Essa moldagem da mente é condicionamento.

— 7 —

Solucionar problemas, agir corretamente, é ouvir a vida quando ela muda, não memorizando regras

Criativa é a *compreensão*, não a memória, não a lembrança. Fator de liberação é a compreensão, não aquilo tudo que armazenamos na mente.

A vida é algo que ouvimos, que compreendemos de momento a momento, sem acumular experiências. Como um rio,

a vida corre, rápida, em constante movimento, nunca parada. E quando você vive a vida carregando o fardo pesado da memória, naturalmente nunca entra em contato com ela. Não há nada de novo quando as lembranças nos sobrecarregam e, sendo a vida sempre nova, não somos capazes de compreendê-la. Desse modo, nossa vida é muito enfadonha, e nos tornamos letárgicos, ficamos mental e fisicamente gordos e feios.

— 8 —

Ação correta não é obediência (mas isso não quer dizer desrespeito às regras de trânsito, de cortesia e do bem público)

Nós, não importa a idade, obedecemos, seguimos, copiamos, porque intimamente temos medo da insegurança. Queremos estar seguros, tanto de nossa condição financeira como moral; queremos merecer aprovação. Queremos estar seguros, sempre protegidos, nunca enfrentar problemas, dor, sofrimento. É o medo da punição que nos impede de fazer alguma coisa que possa ferir os outros.

— 9 —

Entendam, por si mesmos, todos os problemas da vida

Quando ficamos mais velhos e deixamos a escola, depois de receber o que chamam de educação, temos de enfrentar muitos

problemas. Precisamos decidir que profissão vamos escolher, para que nos sintamos realizados e felizes. Em que profissão ou emprego sentiremos que não estamos sendo cruéis com os outros, ou explorando-os? Temos de enfrentar o problema do sofrimento, do desastre, da morte. Temos de compreender a fome, a superpopulação, o sexo, a dor, o prazer. Temos de lidar com as muitas coisas confusas e contraditórias da vida, as lutas entre homem e homem, as lutas entre homem e mulher, os conflitos internos e externos. Temos de compreender a ambição, a guerra, o espírito militar, e essa coisa extraordinária chamada paz, que é muito mais vital do que percebemos. Temos de compreender o significado da religião, não uma que seja mera especulação e adoração de imagens, e também aquela coisa complexa e estranha chamada amor. Temos de ser sensíveis à beleza da vida, de um pássaro em pleno vôo, e sensíveis ao mendigo, à esqualidez do pobre, aos hediondos edifícios que as pessoas constroem, à rua suja e ao templo, ainda mais sujo. Temos de enfrentar todos esses problemas. Temos de enfrentar a questão de escolher a quem seguir e a quem não seguir, ou de decidir se realmente devemos seguir alguém.

Estamos preocupados em fazer uma pequena mudança aqui e ali, e ficamos satisfeitos com isso. Quanto mais avançamos em idade, menos queremos uma mudança profunda, fundamental, porque isso nos dá medo. Não pensamos em termos de uma total transformação, apenas em termos de uma mudança superficial, e, se vocês observarem, verão que mudança superficial não é mudança alguma. Não é uma revolução radical, mas simplesmente uma continuidade modificada daquilo que era antes. Todas essas coisas vocês precisam enfrentar, des-

de sua felicidade e infelicidade até a felicidade e a infelicidade de muitos, desde suas ambições e buscas autocentradas até as ambições, motivações e buscas de outros. Precisam enfrentar a competição, a corrupção em si mesmos e nos outros, a deterioração da mente, o vazio do coração. Vocês precisam conhecer todas essas coisas, precisam enfrentar e compreender isso tudo por si mesmos.

— 10 —

Nenhum pensador solucionou seus problemas

Pensar não tem resolvido nossos problemas. Os inteligentes, os filósofos, eruditos, líderes políticos, não resolveram nenhum dos problemas humanos, que são nossos relacionamentos, os relacionamentos entre vocês e outros, entre mim e vocês.

— 11 —

Inteligência é estar livre do ego

Só é possível haver inteligência quando nos libertamos realmente do "eu", isto é, quando a mente não é mais o centro da demanda pelo "mais", quando não está mais presa ao desejo pela maior, mais ampla, mais extensa experiência.

— 12 —

Não enfrentem violência com violência

Penso que o mais importante, quando vocês deixam a escola e vão para a faculdade, é não sucumbir, não curvar a cabeça às várias influências, mas enfrentá-las e vê-las como elas são, ver seu verdadeiro significado e seu valor, com espírito gentil e grande força interior, para não criar mais discórdia no mundo.

PARTE QUATRO

Relacionamentos

1

O que é relacionamento?

— 1 —

O relacionamento é entre nós ou entre nossas imagens?

O que queremos dizer com a palavra "relacionamento"? Alguma vez nos relacionamos com alguém ou nossos relacionamentos são entre as duas imagens que criamos um a respeito do outro? Tenho uma imagem de você, como esposa ou marido, ou o que quer que seja, e você tem uma imagem de mim. O relacionamento é entre essas duas imagens e nada mais. Ter um relacionamento com outro só é possível quando não há imagem. Quando você e eu podemos olhar um para o outro sem a imagem da memória, dos insultos e tudo mais, isso é relacionamento, mas a própria natureza do observador é a imagem, não é? Minha imagem observa a sua, quando é possível observá-la, e isso é chamado de relacionamento, mas é um

relacionamento que não existe, porque é entre duas imagens. Relacionar-se significa estar em contato. E contato tem de ser algo direto, não entre imagens. Preciso estar muito atento para perceber uma pessoa, sem ver a imagem que tenho dela, uma imagem que é formada de memórias, a lembrança de como ela me insultou, como me agradou, como me deu prazer, lembrança disto e daquilo. Só pode haver relacionamento entre duas pessoas quando não há imagens entre elas.

— 2 —

Relacionamento não é dependência

Para muitos de nós, o relacionamento com outro é baseado em dependência, econômica ou psicológica. Essa dependência gera medo, cria em nós possessividade, resulta em fricção, suspeita, frustração. A dependência econômica de uma outra pessoa talvez possa ser eliminada através de leis ou organização apropriada, mas estou me referindo mais à dependência psicológica, que é resultado da ânsia por satisfação pessoal, felicidade e assim por diante. Nesse relacionamento possessivo a pessoa se sente enriquecida, ativa e criativa, sente que a pequena chama de seu próprio ser é fortalecida, e assim surge o medo de perder a pessoa que a completa, o medo possessivo, com todos os problemas resultantes. Assim, num relacionamento de dependência psicológica, sempre há medo, consciente ou inconsciente, há suspeita, quase sempre disfarçada por palavras doces. A reação desse medo faz com que a pessoa ande sempre em bus-

ca de segurança e enriquecimento através de canais variados, ou que se isole em idéias e ideais, ou, então, que procure outras fontes de satisfação.

Mesmo que uma pessoa seja dependente de outra, sempre tem o desejo de permanecer inteira, inviolada. O complexo problema do relacionamento é saber amar sem dependência, sem fricção e conflito, é saber vencer o desejo de isolar-se, de fugir da causa do conflito. Se dependemos de outras pessoas, da sociedade ou do ambiente para sermos felizes, eles se tornam essenciais para nós, de modo que nos agarramos a eles e nos opomos a que sofram qualquer alteração, porque dependemos deles para nossa segurança e conforto psicológicos. Embora possamos perceber, intelectualmente, que a vida é um processo de fluxo, mutação, que necessita de incessante mudança, de modo emocional ou sentimental nos apegamos a valores estabelecidos e reconfortantes, de maneira que há batalha constante entre a mudança e o desejo de permanência. Será possível pôr fim a esse conflito?

— 3 —

Podemos amar sem possuir?

Não podemos viver sem relacionamento, mas, quando o baseamos em amor possessivo, ele se torna uma horrível agonia. Podemos amar sem possuir? Não encontraremos a verdadeira resposta em fugas, ideais ou crenças, mas na compreensão das causas da dependência e da possessividade. Se entendermos

profundamente esse problema do relacionamento com outra pessoa, talvez possamos compreender e solucionar os problemas de nosso relacionamento com a sociedade, pois ela é uma extensão de nós.

— 4 —

Relacionamentos pessoais criam toda a sociedade

O ambiente que chamamos de sociedade foi criado por gerações passadas e nós o aceitamos, pois nos ajuda a manter a ganância, a possessividade e a ilusão. Nessa ilusão não pode haver unidade e paz. A mera unidade econômica, surgida através de compulsão e legislação, não pode pôr fim à guerra. Enquanto não compreendermos o relacionamento individual, não teremos uma sociedade pacífica. Como nosso relacionamento é baseado no amor possessivo, temos de estar vigilantes para detectar esse tipo de amor em nós, assim como suas causas e ações. Estando totalmente atentos ao processo de possessividade, com seus medos, reações e violência, alcançamos total compreensão. Essa compreensão basta para que o pensamento se livre da dependência e da possessividade. É dentro de nós que a harmonia no relacionamento pode ser encontrada, não em outra pessoa, não no ambiente.

— 5 —

Olhe para si mesmo, não para a outra pessoa, para resolver conflitos

A principal causa de atrito no relacionamento é o próprio ego, o ego que é o centro da ânsia unificada. Se pudermos ao menos perceber que não é como o outro age que tem maior importância, mas como nós mesmos agimos e reagimos, e que essas ações e reações podem ser totalmente compreendidas, o relacionamento passará por uma profunda e radical mudança. Nesse relacionamento com um outro não há apenas o problema físico, mas também o do pensamento e do sentimento em todos os níveis, e alguém só pode estar em harmonia com o outro quando está completamente em harmonia consigo mesmo. Num relacionamento, é importante que nos concentremos em nós mesmos, não no outro, mas isso não significa que devemos nos isolar, mas compreender profundamente as causas de conflito e sofrimento. Quando dependemos do outro para nosso bem-estar psicológico, ou seja, intelectual ou emocionalmente, é inevitável que essa dependência crie medo, e medo gera sofrimento.

— 6 —

A vida é relacionamento com coisas, pessoas, idéias

A vida é relacionamento com coisas, pessoas, idéias, e se não compreendermos esse relacionamento corretamente, completamente, conflitos surgirão do impacto desse desafio.

— 7 —

O espelho do relacionamento

O relacionamento é o espelho no qual descobrimos a nós mesmos. Sem relacionamento, não existimos. Existir é relacionar-se. Existimos apenas no relacionamento. Se não há relacionamento, não existimos, a existência não tem sentido. Não é porque pensamos que existimos que temos existência. Existimos porque nos relacionamos, e é a falta da compreensão do relacionamento que causa conflito.

— 8 —

O segredo da felicidade é o autoconhecimento no relacionamento

Você já está se compreendendo através do espelho de seus próprios pensamentos, no espelho do relacionamento. Acredito que a felicidade está em nossas mãos, e que o segredo dela é o autoconhecimento — não o autoconhecimento de Freud, Jung ou Shankara, nem de outros, mas aquele que vem com as descobertas que fazemos em nosso relacionamento, dia após dia. É através da observação, da percepção, sem o esforço do pensamento dia após dia, quando estamos em um ônibus, ou viajando de carro, quando falamos com a esposa, com os filhos, com os vizinhos, é através da observação de tudo isso, como se olhássemos num espelho, que começamos a descobrir como falamos, como pensamos e reagimos, e vemos que, nessa com-

preensão de nós mesmos, temos algo que não é encontrado em livros, em filosofias, nos ensinamentos de nenhum guru.

— 9 —

Pare a máquina que produz a imagem

Então, estabelecer o relacionamento certo é destruir a imagem. É preciso destruir a máquina que cria a imagem, a máquina que tanto existe em nós como no outro. Se não for assim, destruiremos uma imagem e a máquina criará outra.

— 10 —

Como começa a imagem, ou seja, a opinião?

O que temos de fazer é descobrir como a imagem começa, e se é possível parar a máquina que a cria. Dessa forma, há relacionamento entre dois seres humanos, não entre duas imagens, que são entidades mortas. É muito simples. Você me lisonjeia, você me respeita, e eu tenho uma imagem de você, de desprezo ou lisonja. Tenho experiência, conheço dor, morte, miséria, conflito, fome, solidão. Tudo isso cria uma imagem em mim, eu sou essa imagem. Não que eu seja a imagem, o "eu" é a imagem, o pensador é a imagem. É o pensador que cria a imagem. Através de suas respostas, de suas reações físicas, psicológicas, intelectuais e assim por diante, o pensador, o observador, o experimentador, cria a imagem através da memória, através do

pensamento. Então, a máquina é pensamento, é criada através dele. E pensamento é necessário, do contrário não podemos existir.

Assim, veja o problema. O pensamento cria o pensador e o pensador começa a criar uma imagem de si próprio. Cria a imagem e vive nela. Então, o pensamento é o começo da máquina. Você pergunta: como posso parar de pensar? Não pode. Mas podemos pensar e não criar a imagem.

— 11 —

Opiniões são apenas imagens

Não há relacionamento entre imagens, evidentemente. Se você tem uma opinião a meu respeito e eu tenho a minha sobre você, como pode haver relacionamento? Relacionamento só existe quando está livre dessa formação de imagem.

— 12 —

Auto-imagem leva a sofrimento

Por que você está magoado? Porque se dá importância, não é? E por que isso acontece? Porque você tem uma idéia, um símbolo, uma imagem de si mesmo, do que deveria ser, do que não deveria ser, ou do que é. Por que cria essa imagem de si mesmo? O que desperta a raiva é o ataque ao seu ideal, à idéia que

tem de si mesmo. A idéia que fazemos de nós mesmos é uma fuga do que de fato somos. Mas, quando vemos o que somos, ninguém pode nos magoar. Então, se um homem é mentiroso, e lhe dizem que é mentiroso, isso não significa que ele ficará magoado, pois trata-se de um fato.

2

Amor, desejo, sexo, dependência

— 1 —

Onde há dependência, apego, não há amor

Então, psicologicamente, nossos relacionamentos são baseados na dependência, e por isso há medo. O problema não é saber como não depender, mas aceitar o fato de que dependemos. Onde há apego não há amor. Como não sabemos a quem amar, dependemos, e daí por diante há medo. O importante é reconhecer esse fato, não perguntar como amar, como eliminar o medo.

— 2 —

Onde há dependência, há medo

Sem refutar, aceitar ou dar opiniões, sem citar este ou aquele, é preciso entender o fato de que onde há apego não há amor, e de que onde há dependência há medo. Estou falando da depen-

dência psicológica, não da dependência do leiteiro para nos entregar o leite, ou da dependência de uma estrada de ferro ou de uma ponte. É a dependência de idéias, pessoas ou bens que gera o medo.

— 3 —

O amor vem quando se compreende o relacionamento

O amor é algo que não pode ser cultivado. O amor não é algo que pode ser comprado pela mente. Se alguém diz que vai praticar a compaixão, então a compaixão é uma coisa da mente, de modo que não é amor. O amor chega sem que seja percebido, ocultamente, completamente, quando compreendemos todo esse processo do relacionamento. Então, a mente está quieta, pára de encher o coração com suas coisas, deixando o amor acontecer.

— 4 —

Por que fizemos do sexo algo tão importante?

A que nos referimos quando falamos do problema do sexo? Ao ato em si ou ao pensamento sobre o ato? Não é ao ato, evidentemente. O ato sexual não é problema, assim como comer também não é, mas, se vocês pensarem em comida ou em qualquer outra coisa o dia inteiro porque não têm mais nada em que

pensar, então, sim, isso será um problema. Por que estamos construindo isso tão evidentemente? Os filmes, revistas, histórias, o modo como as mulheres se vestem, tudo isso intensifica os pensamentos sobre sexo. E por que a mente constrói isso? Por que a mente pensa em sexo? Por quê, senhoras e senhores? Isso é um problema para vocês. Por quê?

Por que o sexo tornou-se um assunto central em sua vida? Quando há tantas coisas pedindo, exigindo sua atenção, vocês dedicam todos os seus pensamentos ao sexo. O que está acontecendo? Por que a mente se ocupa tanto com esse assunto? Porque é uma maneira de fuga, não é? É uma maneira de esquecer-se completamente de si mesmo.

Durante algum tempo, pelo menos por um momento, vocês se esquecem de si próprios, e essa é a única maneira de conseguirem isso. Tudo mais que vocês fazem na vida enfatiza o "eu". Seus negócios, religião, deuses, líderes, ações políticas e econômicas, fugas, atividades sociais, juntando-se a partidos, um atrás do outro, tudo isso dá força ao "eu". E quando encontram uma única coisa na vida que oferece uma fuga total, esquecimento de si mesmos, ainda que por alguns segundos, vocês se apegam a ela porque é o único momento em que são felizes.

O sexo, então, continuará a ser um problema extraordinariamente complexo, enquanto vocês não compreenderem a mente que tanto se ocupa dele.

— 5 —

Por que o sexo é um problema?

Por que transformamos em problema tudo o que tocamos? Por que o sexo tornou-se um problema? Por que nos sujeitamos a viver com problemas em vez de eliminá-los? Por que não morremos para os problemas, em vez de carregá-los, dia após dia, anos após ano? Claro, sexo é uma questão importante, mas há outra, de maior importância: por que transformamos a vida em um problema? Trabalho, sexo, dinheiro, pensamento, sentimento, experiências, todas essas coisas da vida, por que são um problema? Não será porque sempre pensamos a partir de um determinado ponto de vista, de um ponto de vista fixo?

— 6 —

Desejo não é amor

Desejo não é amor. Desejo leva ao prazer, desejo é prazer. Não estamos negando o desejo. Seria uma enorme estupidez dizer que precisamos viver sem desejo, pois isso é impossível. O homem tentou viver assim. Há pessoas que se negam todos os tipos de prazer, que se disciplinam, que se torturam, no entanto o desejo persiste, criando conflito com todos os seus efeitos brutais. Não estamos defendendo a eliminação do desejo, mas é preciso compreender todo esse fenômeno de desejo, prazer e dor, de modo que possamos ir além e alcançar a felicidade, o êxtase, que é o amor.

3

Família e sociedade: relacionamento ou exclusão?

— 1 —

Família e sociedade

A família é contra a sociedade, é contra o relacionamento humano como um todo. É como morar em uma parte de uma grande casa, em um quartinho, e transformar esse pequeno cômodo em algo extraordinário, a família. A única importância da família é em relação ao todo da casa. Assim como esse cômodo é relacionado a todo o resto da casa, a família é relacionada a toda existência humana. Mas nós a separamos e nos agarramos a ela. Nós nos importamos muito com essa questão de família — meus parentes, seus parentes — e batalhamos uns contra os outros incessantemente. E a família é apenas um pequeno cômodo em relação ao todo da casa. Quando esquecemos a casa, o pequeno cômodo torna-se tremendamente importante, da mesma forma que a família torna-se muito im-

portante quando esquecemos o todo da existência humana. A família só tem importância em relação ao todo da existência humana, de outra forma torna-se algo assustador, monstruoso.

— 2 —

Amamos, realmente, nossa família?

Quando dizemos que amamos a família, não a amamos realmente. Não amamos nossos filhos, não amamos realmente. Quando você diz que ama seus filhos, o que de fato quer dizer é que eles se tornaram um hábito, brinquedos que servem para diverti-lo por algum tempo. Mas, se os amasse, se importaria com eles.

Sabe o que é importar-se? Quando planta uma árvore e se importa com seu desenvolvimento, você a nutre, cuida dela, trata-a com carinho. É preciso cavar uma cova funda antes de plantar a árvore, depois ver se o solo é bom. Plantada a árvore, é preciso protegê-la, cuidar dela todos os dias, tratá-la como se ela fosse parte de seu ser. Mas não amamos nossos filhos dessa maneira. Se amássemos, daríamos uma educação completamente diferente e, como resultado, não haveria guerras, não haveria pobreza. A mente não seria treinada para ser meramente técnica. Não haveria competição, não haveria nacionalidade. Mas, como não amamos, permitimos que todas essas coisas cresçam.

— 3 —

Dependência gera incapacidade

Quando você diz que ama uma pessoa, não está dependendo dela? É normal um jovem depender do pai, da mãe, do professor, de um tutor. Como é jovem, precisa de alguém que cuide dele, que lhe dê roupas, abrigo e segurança. Quando se é jovem, é preciso alguém que supra suas necessidades, é preciso também sentir-se protegido, saber que alguém garantirá isso. Mas essa dependência continua, mesmo quando o jovem se torna adulto. Vocês já notaram isso nas pessoas mais velhas, em seus pais e professores? Notou como elas dependem de alguém, que pode ser a esposa, um filho, ou a mãe? Mesmo tornando-se adultas as pessoas querem apoiar-se em alguém, ainda acham que precisam ser dependentes. Se não têm a quem recorrer, se não têm alguém que as guie, se não encontram conforto e segurança em outra pessoa, sentem-se solitárias, não é verdade? Sentem-se perdidas. Então, essa dependência de outro é chamada de amor, mas, se observarmos bem de perto, veremos que dependência é medo, não amor. Como têm medo de ficar sozinhas, como têm de medo de pensar por si mesmas, como têm medo de sentir, observar e descobrir todo o significado da vida, elas acham que amam a Deus. Então, passam a depender do que chamam Deus, mas não se pode depender do que é criado pela mente, porque não é Deus, o desconhecido. Acontece o mesmo com um ideal ou uma crença. Acredito em alguma coisa, e isso me conforta.

É justo que vocês ajam assim quando jovens, mas se continuarem dependendo mesmo depois de chegarem à maturida-

de, isso os tornará incapazes de pensar, não permitirá que sejam livres. Onde há dependência, há medo, e onde há medo, não há amor, mas autoridade.

— 4 —

Ter uma família é natural, mas esconder-se nela é uma catástrofe

A família, como é agora, é uma unidade de relacionamento limitada, exclusiva e fechada. Precisamos compreender o desejo de segurança interior, psicológica, não meramente substituir um padrão de segurança por outro.

Assim, o problema não é a família, mas o desejo de nos sentirmos seguros. E o desejo de segurança, em qualquer nível, não é exclusivo? O espírito de exclusividade manifesta-se como família, bens, Estado, religião e assim por diante. Esse desejo de segurança interior cria formas exteriores de segurança que são sempre exclusivas, não é verdade? É nosso próprio desejo de nos sentirmos seguros que destrói a segurança. Exclusão, separação, inevitavelmente, causam desintegração, e seus sintomas são nacionalismo, luta de classes e guerra. A família, como meio de segurança interior, é fonte de desordem e catástrofe social.

— 5 —

A única segurança está em aprendermos a viver sem segurança interior

É só quando não procuramos segurança interior que podemos viver exteriormente seguros.

Usar outra pessoa como meio de satisfação e segurança não é amor. O amor nunca é segurança. No amor, não há desejo de segurança. Amor é um estado de vulnerabilidade, é o único estado no qual exclusividade, inimizade e ódio são impossíveis. Uma família pode existir nesse estado, mas não será exclusiva, fechada.

4
A natureza e a terra

— 1 —

Qual é nosso relacionamento com a natureza?

Não sei se você descobriu seu relacionamento com a natureza. Não há relacionamento "correto", apenas a compreensão do relacionamento. Relacionamento correto implica mera aceitação de uma fórmula, assim como o pensamento correto. Pensamento correto e pensar correto são duas coisas diferentes. Pensamento correto é conformidade com o que é correto, respeitável, enquanto que o pensar correto é movimento, produto de compreensão, e a compreensão está sempre passando por modificações, sempre mudando. Do mesmo modo, há diferença entre relacionamento correto e a compreensão de nosso relacionamento com a natureza. Qual é seu relacionamento com a natureza, isto é, os rios, as árvores, os pássaros de vôo rápido, os peixes, os minerais sob a terra, as cascatas e os lagos. Qual é seu relacionamento com tudo isso? Muitos de nós não se aper-

cebem desse relacionamento. Nunca olham uma árvore ou, se olham, é visando usá-la, seja sentando-se à sua sombra ou cortando-a para usar a madeira. Em outras palavras, muitos olham uma árvore com um propósito utilitário, nunca sem se projetarem nela, sem querer usá-la de acordo com sua conveniência.

— 2 —

Amamos a terra ou a usamos como usamos uns aos outros?

Tratamos a terra e seus produtos da mesma maneira. Não há amor pela terra, apenas o uso dela. Se a amássemos realmente, seríamos frugais no uso das coisas da terra. Isto é, senhores, se desejamos compreender nosso relacionamento com a terra, devemos ter muito cuidado no uso das coisas que ela nos dá. Compreender nosso relacionamento com a natureza é tão difícil quanto compreender nosso relacionamento com o vizinho, com a esposa, com os filhos. Mas nem pensamos nisso, nunca nos sentamos para olhar as estrelas, a Lua, as árvores. Estamos sempre ocupados demais com atividades políticas ou sociais. É claro que essas atividades são meios que usamos para fugir de nós mesmos, assim como venerar a natureza também é. Estamos sempre usando a natureza, seja como fuga ou por um fim útil, mas nunca paramos e amamos a terra e seus produtos. Nunca apreciamos os campos ricos; no entanto, nos alimentamos e vestimos com o que eles produzem. Não gostamos de cultivar a terra com nossas mãos, temos vergonha desse tipo de trabalho.

— 3 —

Mapas são opiniões políticas, não fatos:
o planeta não é seu, nem meu

Então, perdemos nosso relacionamento com a natureza. Se chegássemos a compreender esse relacionamento, seu real significado, não dividiríamos propriedades em "suas" e "minhas". Embora cada um pudesse ter um pedaço de terra onde construir uma casa, essa propriedade deixaria de ser "sua" ou "minha", no sentindo de exclusividade, seria mais um meio de todos terem um lugar onde se abrigar. Como não amamos a terra, nem o que ela produz, apenas os usamos, somos insensíveis à beleza de uma cascata, perdemos o toque da vida, nunca nos sentamos no chão apoiando as costas no tronco de uma árvore. E como não amamos a natureza, também não sabemos amar os seres humanos e os animais.

— 4 —

Somos zeladores temporários

Não estou dizendo que não podemos usar a terra, mas sim que devemos usá-la como ela deve ser usada. A terra está aqui para ser amada e cuidada, não para ser dividida em "sua" e "minha". Plantar uma árvore em uma área cercada e chamá-la de "minha" é tolice.

5

Casamento: amor e sexo

— 1 —

O casamento é uso mútuo?

Você chama seu relacionamento com a esposa de amor, quando há possessividade, ciúme, constante reclamação, dominação e exigências? Isso pode ser chamado de amor? Quando você ama uma pessoa e, assim, cria uma sociedade que o ajuda a continuar possuindo-a, pode chamar isso de amor? Quando você usa alguém para sua satisfação sexual, ou de qualquer outro tipo, pode chamar isso de amor? Não é amor, obviamente. Quando há ciúme, medo, possessividade, não há amor. O amor não admite contenção, não admite ciúme. Quando você possui, há medo, e embora possa dizer que é amor, não é. Na verdade, está bem longe de ser. Pensem nisso, senhoras e senhores, enquanto continuamos. Vocês são casados e têm filhos, têm esposa ou marido, a quem possuem, a quem usam, de quem têm medo ou ciúme. Observem isso e vejam se é amor.

— 2 —

Não se pode pensar no amor

Podemos pensar em uma pessoa a quem amamos, mas não podemos pensar no amor. O amor não pode ser pensado. Embora possamos nos identificar com uma pessoa, um país ou uma Igreja, no momento em que pensamos no amor, não é amor, é apenas uma atividade mental. Como a mente é ativa, enche o coração vazio com coisas suas, e com essas coisas nós brincamos e criamos problemas. Para que possa solucionar os problemas que são produtos seus, a mente precisa parar, e só quando ela pára é que há amor.

— 3 —

Quando sabemos amar um, sabemos amar o todo

Não podemos pensar no amor, cultivá-lo, praticá-lo. A prática do amor, da fraternidade, ainda pertence ao campo da mente, portanto não é amor. Quando tudo isso pára, o amor acontece, e vocês passam a saber o que é amar. Desse modo, o amor não é quantitativo, mas qualitativo. Ninguém diz "Amo o mundo todo", mas quando sabemos amar um, sabemos amar o todo. Como não sabemos amar um, nosso amor pela humanidade é fictício. Quando amamos, não há um, nem muitos, há apenas amor. Nossos problemas só poderão ser resolvidos quando existir amor, então conheceremos sua felicidade.

— 4 —

O amor no relacionamento

O amor no relacionamento é um processo purificador, enquanto revela as atividades do ego.

Como é fácil destruir aquilo que amamos! Com que rapidez ergue-se uma barreira entre nós, na forma de uma palavra, de um gesto, até de um sorriso! Saúde, humor e desejo lançam uma sombra, e o que era brilhante torna-se opaco e pesado. O hábito nos desgasta, e o que era claro e vivo torna-se cansativo e confuso. Através de constante atrito, de esperança e de frustração, o que era lindo transforma-se em algo cheio de medo e expectativas. O relacionamento é complexo e difícil, são poucos os que dele conseguem sair ilesos. Gostaríamos que o relacionamento fosse algo estático, contínuo, durável, mas relacionamento é movimento, um processo que precisa ser profunda e completamente compreendido, não transformado em algo que se adapta a algum padrão interno ou externo. Conformidade, que é a estrutura social, perde seu peso e autoridade apenas quando há amor. O amor é um processo purificador, enquanto revela as atividades do ego. Sem essa revelação, o relacionamento tem pouca importância.

— 5 —

Não amamos, desejamos ser amados

No entanto, lutamos com todas as forças contra essa revelação! Essa luta assume muitas formas: dominação ou subserviência,

medo ou esperança, ciúme ou aceitação e assim por diante. A dificuldade reside no fato de que não amamos e, se *realmente* amamos, queremos que o relacionamento funcione de um determinado modo, não lhe damos liberdade. Amamos com a mente, não com o coração. A mente pode modificar-se, mas o amor não pode. A mente pode tornar-se invulnerável, mas o amor não pode. A mente sempre pode retrair-se, ser exclusivista, tornar-se pessoal ou impessoal. O amor não admite comparação, nem limitação. O que chamamos de amor é na verdade produto da mente, e aí está a dificuldade. Enchemos o coração com coisas da mente, de modo que o mantemos sempre vazio e expectante. É a mente que se apega, que é invejosa, que segura e destrói. Nossa vida é dominada pelo físico e pela mente. Não amamos, e não nos importamos com isso, mas desejamos ser amados, só damos com a intenção de receber, o que é uma generosidade da mente, não do coração. A mente está sempre procurando segurança e certeza, mas pode fazer do amor uma coisa segura? Pode a mente, cuja essência é de tempo, captar o amor, que é sua própria eternidade?

Mas, mesmo o amor do coração tem suas fraudes, porque corrompemos tanto o coração que o tornamos hesitante e confuso. É isso o que faz com que a vida seja tão dolorosa e exaustiva. Num momento, pensamos que temos amor, no momento seguinte, perdemos. Surge, então, uma força imponderável, não da mente, cujos recursos são insondáveis. Essa força é novamente destruída pela mente, pois nessa batalha a mente sempre parece ser a vencedora. Esse conflito em nosso íntimo não é resolvido pela mente astuta, nem pelo coração hesitante. Não há nada que possa resolvê-lo. A busca de uma solução é outra

ânsia de dominação da mente, que quer pôr fim ao conflito para ficar em paz, ter amor e tornar-se alguma coisa.

— 6 —

O amor não é seu, nem meu

Nossa maior dificuldade é perceber plena e profundamente que amar não pode ser uma finalidade desejável da mente. Quando entendemos isso realmente, existe a possibilidade de recebermos algo que não é deste mundo. Podemos fazer de tudo, mas sem o toque desse algo não haverá felicidade duradoura em um relacionamento. Se você recebeu essa bênção e eu não, naturalmente há conflito entre nós. Talvez não haja conflito para você, mas há para mim e, com minha dor, meu sofrimento, eu me isolo. O sofrimento é tão exclusivo quanto o prazer, e enquanto não houver um amor que não seja criação minha, relacionamento será sofrimento. Se há a bênção desse amor, não há nada que você possa fazer a não ser me amar, seja eu o que for, pois, então, não estará modelando o amor de acordo com meu comportamento.

— 7 —

O que é que nos desgasta em um relacionamento?

É o pensamento, o cálculo, o julgamento, a avaliação e o ajuste exigido de nós que nos desgastam em um relacionamento, e a

única coisa que nos liberta é o amor, que não é um processo do pensamento.

— 8 —

Quando não há amor, inventamos o casamento

Quando não há amor, o casamento como instituição torna-se uma necessidade. Quando há amor, sexo não é um problema, pois o que o torna um problema é a falta de amor. Não sabiam disso? Quando amamos alguém de modo profundo e verdadeiro, não com o amor da mente, mas do coração, dividimos com essa pessoa tudo o que temos, não apenas o corpo, mas tudo. Em momento de dificuldade, você pede a ajuda dela, e ela o ajuda. Não há divisão entre homem e mulher quando há amor verdadeiro, mas há um problema sexual quando as pessoas não conhecem esse amor.

— 9 —

Satisfação não é a chama do amor

Pergunta: O senhor falou do relacionamento baseado no uso de outra pessoa para satisfação própria, e muitas vezes referiu-se a um estado chamado amor. O que quer dizer com "amor"?

Krishnamurti: Sabemos o que é nosso relacionamento: satisfação e uso mútuos. Mas o disfarçamos, chamando-o de amor.

No uso, sentimos ternura por aquilo que usamos e o protegemos. Protegemos nossas fronteiras, nossos livros, nossa propriedade. Da mesma forma, tomamos o cuidado de proteger a esposa, a família, a sociedade, porque sabemos que sem isso tudo seríamos solitários, perdidos. Sem o filho, os pais se sentem solitários. O que os pais não são, o filho será, transformando-se, então, em instrumento da vaidade deles. Conhecemos o relacionamento de necessidade e uso. Precisamos do carteiro e ele precisa de nós, no entanto, não dizemos que o amamos. Mas dizemos que amamos a esposa, dizemos que amamos filhos, embora os usemos para nossa satisfação pessoal e estejamos dispostos a sacrificá-los por uma vaidade chamada patriotismo. Conhecemos esse processo muito bem, e, obviamente, não podemos chamá-lo de amor. Amor que usa, explora e depois se arrepende, não pode ser amor, porque amor não é coisa da mente.

Vamos tentar descobrir o que é o amor, descobrir não apenas verbalmente, mas experimentando esse estado. Quando você me usa como guru e eu o uso como discípulo, há uma exploração mútua. Do mesmo modo, há exploração quando vocês usam a esposa ou os filhos como apoio. Isso, com certeza, não é amor. Quando há uso, há posse, e posse, invariavelmente, gera medo, que por sua vez traz ciúme, inveja e suspeita. Quando há uso, não pode haver amor, pois o amor não é produto da mente. Pensar em uma pessoa não é ter amor por ela. Pensamos em uma pessoa apenas quando ela não está presente, quando morreu, quando foi embora, ou quando não nos dá o que queremos. Então, a insuficiência interior põe o processo da mente em movimento. Quando uma pessoa está perto, não

pensamos nela, porque a temos como algo certo. Ter um hábito é um meio de esquecer e estar em paz, de não ser perturbado. Assim, o uso só pode levar à invulnerabilidade. E isso não é amor.

Que estado é esse, quando não há uso, isto é, quando não há um processo do pensamento para encobrir, de modo positivo ou negativo, a insuficiência interior? Que estado é esse em que não há sentimento de satisfação? Procurar satisfação é da natureza da mente. Sexo é sensação que a mente cria, imagina, para depois agir ou não. Sensação é um processo do pensamento, e isso não é amor. Esse processo de usar, pensar, imaginar, segurar, fechar, rejeitar, é todo feito de fumaça, e quando não há fumaça, brilha a chama do amor. Às vezes, nossa chama é rica, viva, completa, mas a fumaça volta...

— 10 —

Nem celibato nem promiscuidade; não debatamos opostos

Aqueles que estão tentando ser celibatários para chegar a Deus não são castos, pois estão procurando um resultado ou ganho, quando substituem o sexo por uma finalidade, e isso é medo. Não há amor no coração dessas pessoas. Quando a mente e o coração não carregam o fardo do medo, da rotina de hábitos sensoriais, quando há generosidade e compaixão, existe amor, e esse amor é casto.

— 11 —

Por que sexo e casamento tornaram-se problemas tão grandes?

Como é possível atender à exigência sexual com inteligência, de maneira a não fazer disso um problema?

O que entendemos por sexo? É o ato puramente físico ou é o pensamento que excita, estimula e prolonga esse ato? O sexo pertence à mente e, como tal, busca satisfação do contrário, se frustra...

Como vimos anteriormente, o sexo adquiriu tamanha importância em nossa sociedade porque, durante o ato, aparentemente nos livramos do ego e, conseqüentemente, da infelicidade, do tumulto, do conflito que a autoconsciência nos traz. Portanto, o problema não é o sexo em si, mas como nos livrarmos do ego.

Senhores e senhoras, o ego não é uma entidade objetiva que possamos estudar através de um microscópio, que possamos aprender nos livros ou compreender através de citações, por mais respeitáveis que sejam. O ego só pode ser compreendido no relacionamento. Afinal, o conflito está no relacionamento, seja com bens, com uma idéia, com a esposa, com um vizinho, e não resolvê-lo, apenas procurar alívio através do sexo, obviamente, é desequilíbrio. E somos desequilibrados, porque fazemos do sexo uma fuga, e a sociedade, a chamada cultura moderna, nos ajuda nisso. Olhem para os anúncios, os filmes, os gestos, as posturas, a aparência das pessoas.

Muitos de vocês se casaram ainda bastante jovens, quando a exigência biológica era muito forte. Tomaram uma esposa ou um marido, e é com ela ou com ele que terão de viver alegre-

mente pelo resto da vida. Seu relacionamento é meramente físico, e tudo mais precisa ajustar-se a isso. Então, o que acontece? Você é intelectual, e sua esposa, talvez, muito emotiva. Onde está a comunhão entre vocês? Ou, então, ela é do tipo prático e, você, é sonhador, vago, até apático. Onde está o contato entre os dois, quando você a usa? Nossos casamentos agora baseiam-se nessa idéia, nesse impulso sexual, mas há cada vez mais contradições, cada vez mais conflitos no casamento e, assim, mais divórcios.

Esse problema pede uma abordagem inteligente, e isso significa que precisamos alterar toda a base de nossa educação, o que exige que compreendamos não apenas os fatos da vida, mas também nossa existência diária, que conheçamos as exigências biológicas, o impulso sexual, mas que também saibamos lidar com isso com inteligência.

— 12 —

Com percepção, vemos os limites do pensamento em tudo isso

Misericórdia, piedade, perdão e respeito não são emoções. Só há amor quando sentimentalidade, emoção e devoção deixam de existir. Devoção não é amor, mas uma forma de auto-expansão. Respeito não é para uns poucos, mas para todos os homens, sejam eles superiores ou inferiores. Generosidade e misericórdia não têm recompensa.

Só o amor pode acabar com a insanidade, a confusão, a contenda. Não há teoria, não há sistema de direita ou de esquer-

da que possa trazer paz e felicidade ao homem. Onde há amor não há possessividade, inveja, mas misericórdia e compaixão, não em teoria, mas de modo real, para você, para sua esposa e para seus filhos, para seu próximo.

Há amor, com sua bem-aventurança, quando o "você" deixa de existir.

— 13 —

O amor pode ser fixo, estático?

Quando temos uma experiência de prazer, queremos mais, e o "mais" é o desejo de estarmos seguros em nossos prazeres. Se amamos alguém, queremos ter certeza de que nosso amor é retribuído, e procuramos estabelecer um relacionamento que, esperamos, será permanente. Toda nossa sociedade tem como base esse relacionamento. Mas existe algo que seja permanente? Nosso constante desejo é de que a sensação seja permanente, não é? E aquilo que não podemos tornar permanente, o amor, passa ao largo.

— 14 —

Considerando o casamento: quando somos importantes, o amor não é

Estamos tentando compreender o problema do casamento, que envolve relacionamento sexual, amor, companheirismo, comu-

nhão. Mas, obviamente, se não há amor, o casamento se torna uma desgraça, mera satisfação. Amar é uma das coisas mais difíceis, não é verdade? O amor só pode existir quando o ego está ausente. Relacionamento sem amor é sofrimento. Por mais que proporcione satisfação, ou por mais superficial que seja, leva ao tédio, à rotina, ao hábito, com todas as suas implicações. Então, os problemas sexuais tornam-se muito importantes. Analisando o casamento — se é necessário, ou não —, devemos primeiro compreender o amor. O amor é casto. Sem amor, você não pode ser casto. Um homem ou mulher que escolhem o celibato não são castos, puros, se nisso não há amor. Se você tem como ideal a castidade, se quer ser casto, isso não é amor, apenas seu desejo de tornar-se algo que acha nobre, que pensa que o ajudará a descobrir a realidade. Nisso não há amor, absolutamente. Se a licenciosidade leva à degradação, à infelicidade, o mesmo acontece com a busca de um ideal, pois nos dois casos o amor é excluído, nos dois casos há o desejo de ser alguma coisa, de entregar-se a algo, de ser importante. E quando somos importantes, o amor não é.

— 15 —

Não há amor no hábito

Casamento como hábito, como cultivo de prazer habitual, é fator de deterioração, porque não há amor no hábito.

É apenas para aqueles poucos que verdadeiramente amam que o relacionamento conjugal tem importância, torna-se indissolúvel, porque não é simples hábito ou conveniência, nem tem

como base necessidade biológica, sexual. Nesse amor, que é incondicional, as identidades se fundem, nele há cura e esperança.

Mas, para a maioria das pessoas, o relacionamento conjugal não é uma fusão. Para que haja a fusão das identidades separadas, é preciso que o homem e a mulher conheçam a si mesmos. Isso é amar. Do contrário, não há amor, e esse é um fato óbvio. O amor é viçoso, sempre novo, não é mera satisfação, nem simples hábito. É incondicional. Vocês não tratam assim sua mulher, ou seu marido, não é verdade? Vivem, cada um, em seu isolamento, estabeleceram seus hábitos de prazer sexual assegurado. O que acontece com um homem que tem renda assegurada? Ele deteriora. Já notaram isso? Observem um homem que tem renda assegurada e logo verão que sua mente está definhando rapidamente. Ele pode ter alta posição, uma reputação de homem astuto, mas a verdadeira alegria da vida abandonou-o.

De modo semelhante, vocês têm um casamento que lhes dá uma fonte permanente de prazer, um hábito sem entendimento, sem amor, um estado no qual são forçados a viver. Não estou lhes dizendo o que fazer, mas que examinem o problema. É certo um relacionamento assim? Isso não significa que devam se desfazer da esposa e procurar outra mulher. Que sentido tem esse relacionamento? Amar é estar em comunhão com alguém, mas estão vocês em comunhão com suas esposas, a não ser fisicamente? Vocês as conhecem, a não ser fisicamente? Elas os conhecem? Ou estão isolados, cada um atrás de seus próprios interesses, ambições e necessidades, um buscando no outro apenas satisfação, segurança econômica ou psicológica? Tal relacionamento não é relacionamento, é um processo de mútua

necessidade psicológica, biológica e econômica, e o resultado é conflito, infelicidade, queixas, medo possessivo, ciúme e assim por diante.

Então, o casamento como hábito, como cultivo de prazer habitual, é fator de deterioração, porque no hábito não há amor. O amor não é habitual, é alegre, criativo, novo.

6
Paixão

— 1 —
Sem paixão a vida é vazia

Para muitos, a palavra "paixão" é relacionada a uma única coisa: sexo. Ou, então, sofremos apaixonadamente e tentamos resolver esse sofrimento. Mas eu estou usando a palavra "paixão" no sentido de um estado mental, um estado de ser, um estado de estar no centro do próprio íntimo, se é que isso existe, e que é altamente sensível, tanto à sujeira, esqualidez, pobreza, como à riqueza imensa, corrupção, e também à beleza de uma árvore, de um pássaro, do movimento da água, do lago que reflete o céu do anoitecer. É necessário sentir tudo isso intensamente, pois sem paixão a vida torna-se vazia, sem profundidade e sem muito sentido. Quem não consegue ver a beleza de uma árvore, quem não a ama e não se importa intensamente com ela, não está vivendo.

— 2 —

Como alguém pode amar se não é apaixonado?

Não podemos ser sensíveis se não formos apaixonados. Não tenham medo da palavra "paixão". Muitos livros religiosos, gurus e líderes dizem que não se deve ter paixão. Mas, se não a temos, não podemos ser sensíveis ao belo e ao feio, às folhas que sussurram, ao crepúsculo, a um sorriso, a um pranto. Como podemos ser sensíveis se não nos abandonamos à paixão? Por favor, ouçam o que eu digo e não me perguntem como adquirir paixão. Sei que todos vocês são bastante apaixonados para poderem conseguir um bom emprego, odiar algum pobre coitado ou ter ciúme de alguém, mas estou falando de algo diferente, de uma paixão que ama. O amor é um estado no qual o "eu" não existe, onde não há julgamento do sexo, se é certo ou errado, onde não há condenação de coisa alguma. Não existem contradições no amor. E como alguém pode amar se não é apaixonado? Sem paixão, como pode alguém ser sensível? Ser sensível é sentir a pessoa sentada a seu lado, é ver a feiúra da cidade, com sua esqualidez, sujeira, pobreza, e ver a beleza de um rio, do mar, do céu. Se não somos apaixonados, como poderemos ser sensíveis a tudo isso? Como sentiremos um sorriso, uma lágrima? Amor, eu lhes asseguro, é paixão.

— 3 —

A paixão é perigosa

Só pode ser apaixonada a mente que está aprendendo. Usamos aqui a palavra "paixão" não no sentido de um prazer intenso, mas daquele estado da mente que está sempre aprendendo e, portanto, sempre em movimento, interessada, viva, vigorosa, jovem, ou seja, apaixonada. São poucos os apaixonados. Temos prazeres sensuais, mas o sentimento de paixão a maioria não tem. Sem paixão, no sentido amplo da palavra, como podemos aprender, descobrir coisas novas, pesquisar, seguir o movimento da investigação?

A mente muito apaixonada está sempre em perigo. Talvez muitos de nós percebamos, inconscientemente, essa mente apaixonada que está sempre aprendendo e, dessa forma, sempre agindo, mas talvez, também inconscientemente, tenhamos fracassado em segui-la, o que pode ser uma das razões pelas quais nunca somos apaixonados. Somos respeitáveis, aceitamos, obedecemos. Respeitabilidade e dever são palavras, entre muitas outras, que usamos para sufocar o ato de aprender.

— 4 —

Continue aprendendo, não fique preso num trilho

Esse ato de aprender é disciplina. Nessa disciplina não há conformidade nem repressão, porque, quando estamos aprendendo sobre nossos sentimentos, apetites sexuais, raiva e outras

coisas, não há oportunidade para isso. É muito difícil seguir essa disciplina, por causa da tradição, do passado, da memória, dos hábitos, que puseram a mente em um trilho, e é nesse trilho que vamos em frente, recusando-nos a sair. Assim, para muitos de nós, disciplina é apenas conformidade, repressão, imitação, tudo resultando em uma vida muito respeitável, se podemos chamar isso de vida. Um homem preso nessa estrutura de respeitabilidade, repressão, imitação, conformidade, não está vivendo. Tudo o que aprendeu foi a ajustar-se a um padrão. A disciplina que ele seguiu, destruiu-o.

7
Verdade, Deus, morte

— 1 —

O que queremos dizer com "morte"?

Gostemos ou não, a morte está à espera de todos nós. Você pode ser um alto funcionário do governo, ter títulos, riqueza, posição, pode andar sobre um tapete vermelho, mas, no fim, algo inevitável o aguarda. Assim, o que queremos dizer com "morte"? É óbvio que significa o fim da continuidade. Há a morte física, e isso nos deixa um pouco nervosos, mas isso não importa, se pudermos vencê-la, continuando sob alguma outra forma. Então, quando perguntamos sobre a morte, estamos preocupados em saber se há continuidade ou não. E o que é essa coisa que continua? Não é o corpo, naturalmente, porque todos os dias vemos os mortos sendo cremados ou enterrados.

— 2 —

O que é que continua?

Então, estamos falando de uma continuidade supra-sensível, uma continuidade psicológica, uma continuidade do pensamento, da personalidade, e isso que continua é chamado de alma ou qualquer outro termo. Queremos saber se o pensamento continua. Tenho meditado, tenho praticado muitas coisas, não acabei de escrever meu livro, não completei minha carreira, sou fraco e preciso de tempo para ficar forte, quero continuar a ter prazer e assim por diante — e tenho medo de que a morte ponha fim a tudo isso. Então, a morte é uma espécie de frustração, não é? Estou fazendo alguma coisa e que não quero parar, quero continuidade para me sentir realizado. Haverá realização através da continuidade? Há, obviamente, algum tipo de realização na continuidade. Se estou escrevendo um livro, não quero morrer antes de terminá-lo, quero tempo para desenvolver um certo personagem e assim por diante.

— 3 —

Assim, o medo da morte só existe quando há o desejo de realização, porque para isso são necessários tempo, longevidade, continuidade. Mas se nos realizarmos de momento a momento, não teremos medo da morte.

Bem, então nosso problema é descobrir se pode haver continuidade apesar da morte, não é? Você quer que eu lhe garanta

que há continuidade, e se eu não puder fazer isso, procurará outra pessoa, seu guru, seus livros ou outras formas de distração e fuga. Então, nós dois juntos, eu falando e você ouvindo, vamos descobrir o que continuidade realmente significa para nós, o que é que continua e o que queremos que continue. O que continua é um anseio, um desejo. Não sou poderoso, mas gostaria de ser. Não construí minha casa, mas gostaria de construir. Não tenho um título, mas gostaria de ter. Ainda não juntei muito dinheiro, mas vou juntar. Eu gostaria de encontrar Deus. Então, continuidade é o processo de querer. O fim disso é o que chamamos de morte. Queremos dar continuidade ao desejo como uma forma de realização, um processo através do qual nos realizamos. É muito simples, não é?

— 4 —

O pensamento continua

É evidente que o pensamento continua, apesar da morte física, e isso tem sido comprovado. O pensamento é uma continuidade, pois, afinal, o que somos? Somos apenas um pensamento, não é verdade? Somos o pensamento de um nome, de uma posição, de dinheiro, somos meramente uma idéia. Removendo a idéia, removendo o pensamento, o que somos? Somos a incorporação de pensamento, na forma do "eu". Dizemos que o pensamento precisa continuar porque é ele que vai permitir que nos realizemos, é ele que por fim vai encontrar o que é real. Por isso, queremos que o pensamento continue, porque achamos

que é ele que vai encontrar o real, que chamamos de felicidade, de Deus ou de qualquer outra coisa.

Encontramos o que é real através da continuidade do pensamento? Falando de outro modo, o processo do pensamento encontra o que é real? Entendem o que estou dizendo? Quero a felicidade e a procuro através de vários meios: bens, posição, riqueza, mulheres, homens, qualquer coisa. Tudo isso é o desejo que um pensamento tem de ser feliz. Mas, pode o pensamento encontrar a felicidade?

— 5 —

Na renovação não há morte

Então, nossa pergunta é: pode haver uma renovação, uma regeneração, um novo vigor através da continuidade do processo do pensamento? Afinal, se há renovação, não precisamos ter medo da morte. Se há para nós uma renovação de momento a momento, não há morte. Mas a verdade é que há morte e, se exigirmos uma continuidade do processo do pensamento, teremos medo de morrer.

— 6 —

Renovação através do fim do processo do pensamento

Há esperança apenas quando vemos a verdade de que não há renovação através da continuidade. E quando vemos isso, o que

acontece? Passamos a nos preocupar com o fim do processo do pensamento de momento a momento, e isso não é insanidade!

— 7 —

O amor é sua própria eternidade

Quando há amor, não há morte. Só há morte quando surge o processo do pensamento. Quando há amor, não há morte, porque não há medo. E o amor não é um estado contínuo, o que, novamente, é processo do pensamento. O amor existe meramente de momento a momento. Assim, o amor é sua própria eternidade.

— 8 —

Morte e imortalidade

Na morte, procuramos imortalidade. No movimento do nascimento e da morte, ansiamos por permanência. Apanhados no fluxo do tempo, desejamos o infinito; estando nas sombras, acreditamos na luz. A morte não leva à imortalidade, pois só há imortalidade numa vida sem morte. Vivos, conhecemos a morte porque nos agarramos à vida. Acumulamos, tornamo-nos. Porque acumulamos, a morte vem, e, como a conhecemos, nos agarramos à vida.

Ter esperança e crer na imortalidade não é experimentar a imortalidade. Crença e esperança precisam acabar para que o

imortal exista. Você que crê, que fabrica desejo, deve deixar de existir para que exista o imortal. Sua crença e esperança fortalecem o ego.

— 9 —

O presente é o eterno

Não compreendemos a vida, o presente, então olhamos para o futuro, para a morte.

O presente é o eterno. O infinito não é conhecido através do tempo. O agora existe sempre. Mesmo que fujamos para o futuro, o agora está sempre presente.

— 10 —

Existe alegria permanente?

Existe a possibilidade de encontrarmos alegria permanente? Existe, mas para isso é preciso haver liberdade. Sem liberdade, a verdade não pode ser descoberta, sem liberdade o real não é conhecido. Devemos procurar ser livres, livres de salvadores, mestres, líderes, livres dos muros isoladores do bem e do mal, livres da autoridade e da imitação, livres do ego, a causa do conflito e do sofrimento.

Na alegria do real, a experiência e o experienciador deixam de existir. Mente e coração carregados da memória de ontem

não podem viver no presente eterno. Mente e coração devem morrer a cada dia para que o eterno seja...

Morrer para as experiências, para a memória. Morrer para o seu preconceito, agradável ou desagradável. Quando morremos, há o incorruptível. Isso não um é um estado de nada, mas de existência criativa. Essa é a renovação que, se permitirmos, dissolverá nossos problemas e sofrimentos, por mais intrincados e dolorosos que sejam. Só existe vida na morte do ego.

— 11 —

Medo da morte é medo de desistir daquilo que conhecemos

O ego é uma trouxa de memórias, nada mais. Não há nenhuma entidade espiritual como o "eu" ou separada do "eu" porque, quando dizemos que há uma entidade espiritual separada do "eu", isso ainda é produto do pensamento, ainda continua no campo do pensamento, e pensamento é memória. Assim, o "você", o "eu", superior, inferior, não importa em que ponto estão fixos, são memória.

O que queremos dizer com "morte"? Todos sabemos que uma coisa que é usada constantemente, um dia acaba. Qualquer máquina desgasta-se com o uso constante. Do mesmo modo, um corpo, sendo constantemente usado, chega ao fim, seja através de doença, da idade ou acidente. Isso é inevitável. O corpo pode durar dez ou 100 anos, mas, sendo usado, infalivelmente se esgota. Reconhecemos e aceitamos esse fato porque o vemos acontecer continuamente.

— 12 —

O conhecido

Não temos contato direto com o desconhecido, por isso tememos a morte.

O que vocês sabem da vida? Muito pouco. Não conhecem seu próprio relacionamento com bens, o próximo, a esposa, com idéias. Conhecem apenas as coisas superficiais, e querem dar continuidade a elas. Pelo amor de Deus, que vida infeliz! Continuidade não é uma coisa estúpida?

— 13 —

Morte e vida são uma só

A pessoa que deseja continuar é estúpida. Nenhum homem que tenha compreendido as ricas emoções da vida desejará continuidade. Quando compreendemos a vida, encontramos o desconhecido, pois a vida é o desconhecido, e morte e vida são uma só. Não há separação entre a vida e a morte, são os tolos e ignorantes que as separam, aqueles que estão preocupados com o corpo e sua insignificante continuidade. Tais pessoas usam a teoria da reencarnação como meio de encobrir seu medo, como garantia de sua pequena e estúpida continuidade. Claro, o pensamento continua, mas um homem que está procurando a verdade não está interessado no pensamento, pois o pensamento não leva à verdade. A teoria de que o "eu" continua através da reencarnação, em direção à verdade, é uma idéia falsa. O "eu" é

uma trouxa de memórias, o que significa tempo, e a simples continuação do tempo não nos leva ao eterno, que está além do tempo. O medo da morte acaba somente quando o desconhecido entra em nosso coração. A vida é o desconhecido, como a morte é o desconhecido, como a verdade é o desconhecido.

— 14 —

Podemos deixar o ego? Não percam esse maravilhoso espetáculo

A vida é o desconhecido, mas nós nos agarramos a uma pequena expressão dessa vida, nós nos agarramos àquilo que é meramente memória, que é um pensamento incompleto. Assim, aquilo a que nos agarramos é irreal, não tem validade. A mente agarra-se àquela coisa vazia chamada memória, e memória é a mente, o ego, seja qual for o nível onde queiram colocá-la. Então, a mente, que está no campo do conhecido, nunca pode aceitar o desconhecido. É só quando há o desconhecido, um estado de total incerteza, que o medo cessa e acontece a percepção da realidade.

— 15 —

O que é Deus?

Como vão descobrir isso? Vão aceitar informações de outras pessoas ou descobrir por si mesmos o que é Deus?

8

Meditação é atenção

— 1 —

Meditar significa prestar atenção

Não buscar qualquer forma de segurança psicológica, nenhuma forma de satisfação, requer investigação, constante vigilância, observação de como a mente opera, e isso, com certeza, é meditação, não é? Meditação não é a prática de uma fórmula ou a repetição de certas palavras, o que é tolice, imaturidade. Sem o conhecimento de todo o processo da mente, consciente ou inconsciente, qualquer forma de meditação é um meio de fuga, uma atividade infantil, auto-hipnose. Mas perceber o processo do pensamento, analisá-lo cuidadosamente, passo a passo, e descobrir as atividades do ego, isso é meditação. É somente através do autoconhecimento que a mente pode ser livre para descobrir o que é a verdade, o que é Deus, o que é a morte, o que é isso que chamamos de viver.

— 2 —

Meditação não é algo separado da vida diária

Por que uma pessoa é preguiçosa? Pode ser que não tenha se alimentado direito, ou tenha trabalhado, andado, falado demais, feito muitas coisas; e, naturalmente, quando se levanta pela manhã, está com o corpo cansado. Quando não passamos o dia de maneira inteligente, o corpo fica cansado no dia seguinte. E de nada vale disciplinar o corpo. Se estivermos completamente atentos, mesmo que por apenas cinco minutos, quando falamos, quando estamos trabalhando, isso já será suficiente. Quando estiver comendo, esteja atento e não coma depressa, nem se empanturre com todos os tipos de comida, e veja que o corpo se torna por si só inteligente. Não precisa forçá-lo a isso; ele se tornará inteligente e lhe dirá quando levantar da cama e quando não levantar. Desse modo, você começará a descobrir que pode viver uma vida de trabalho e todo o resto sem essa constante batalha, porque não houve desperdício de energia, mas seu uso total, o tempo todo, e isso é meditação.

— 3 —

Atenção ao total movimento do relacionamento é o começo da meditação

Compreendem? Meditação não é isso que fazem pelo mundo inteiro. Não é repetir palavras, sentar-se em certa postura, res-

pirar em determinado ritmo, nem recitar algum *sloka* ou mantra vezes e mais vezes. Isto, naturalmente, torna a mente estúpida, embotada, e devido a essa estupidez, a esse embotamento, a mente se cala, e você pensa que conseguiu silêncio. Esse tipo de meditação é simplesmente auto-hipnose. Não é meditação de maneira alguma. É o meio mais destrutivo de meditar. Mas há a meditação que exige que você preste atenção — ao que diz a sua esposa ou a seu marido, a seus filhos, ao modo como se dirige aos empregados, se os tiver, ao modo como fala com seu chefe. Preste atenção ao momento, mas não se concentre, porque concentração é algo muito ruim. Todo menino de escola sabe concentrar-se porque é forçado a isso. Você acha que se forçar concentração conseguirá ter um pouco de paz. Não, não conseguirá. Não terá o que chamam de "paz de espírito". Concentração é exclusão. Quando você se concentra em alguma coisa, está excluindo, está resistindo, está afastando coisas que não deseja. Por outro lado, se está atento, pode observar cada pensamento, cada movimento; então, não há distração, e assim você consegue meditar.

— 4 —

Meditação é clareza

Essa meditação, então, é algo maravilhoso, porque traz clareza. Meditação é clareza. Meditação é silêncio, e esse silêncio é o processo de disciplina da vida, não a disciplina que você se impõe para consegui-lo. Mas quando alguém presta atenção a

cada palavra, cada gesto, a tudo o que diz e sente, a seus motivos, sem tentar corrigi-los, então vem o silêncio, e dele vem a disciplina. Nisso não há esforço, mas um movimento que não é do tempo, de modo algum. Tal ser humano é alegre, não cria inimizade, não causa infelicidade.

— 5 —

Meditação, não o pensamento coletivo, é que compreende a vida: seja sua própria luz

A verdade é algo que ninguém pode lhe dar. Você mesmo precisa encontrá-la e, para que a encontre, é necessário que você seja uma lei e um guia para si mesmo, pois ninguém o guiará, nem o político que vai salvar o mundo, nem o comunista, o líder, o sacerdote, o asceta, ou livros. Você tem de viver e ser uma lei para si mesmo. Assim não há autoridade, o que significa você permanecer sozinho, não exteriormente, mas interiormente, que é a ausência de medo. E quando a mente compreender a natureza do medo, a natureza da morte e dessa coisa maravilhosa que é o amor, terá de fato compreendido, não falado ou pensado a respeito, mas realmente vivido tudo isso. Dessa compreensão, nasce uma mente ativa, mas completamente quieta. Meditação é todo esse processo de compreensão da vida, de libertação de todas as batalhas, não no futuro, mas imediatamente, dar toda sua atenção a isso. Sentar num canto, segurando o nariz, repetindo palavras tolas, não é meditar, é praticar auto-hipnose. Mas compreender a vida, estar livre do sofrimen-

to, realmente, não em teoria, estar livre do medo e da morte cria uma mente completamente quieta. E tudo isso é meditação.

— 6 —

Meditação é autoconhecimento

Meditação é autoconhecimento, e sem autoconhecimento não há meditação. Se você não está atento a todas as suas reações, o tempo todo, de todas as suas atividades diárias, se simplesmente se tranca num quarto e senta diante da foto de seu guru, seu mestre, para meditar, isso é fuga, porque sem autoconhecimento não há pensar correto e, sem esse pensar correto, o que você faz não tem sentido, por mais nobres que sejam suas intenções. Dessa maneira, orar não tem sentido, quando não há autoconhecimento, mas quando há autoconhecimento, há o pensar correto e, conseqüentemente, ação correta.

— 7 —

Meditar é esvaziar a mente de todo o passado

Meditar, então, é esvaziar a mente de todo o passado, e isso não é apenas uma idéia, mas algo que você vai praticar dia após dia. Por que o homem ou a entidade que esvazia a mente, eliminando o passado, é o resultado do passado. Para que compreendamos toda essa estrutura mental, que é o resultado do

passado, e esvaziemos a mente, precisamos ter uma profunda atenção. Atenção a nosso condicionamento, nosso jeito de falar, nossos gestos, à insensibilidade, à brutalidade e à violência, atenção sem condenação — então, emerge dessa atenção um estado mental que é completamente quieto. Para compreendermos essa quietude, esse silêncio da mente, é preciso haver a compreensão do sofrimento, porque temos uma vida de sofrimento, quer atentemos a isso ou não. Nunca damos um fim ao sofrimento, que é como uma sombra sobre nós, como a noite sobre o dia.

— 8 —

A felicidade está na mente silenciosa

Há muita autopiedade no sofrimento, preocupação com a solidão, o vazio. Quando a mente torna-se atenta a esse vazio, a essa solidão, vem a autopiedade, e essa autopiedade é o que chamamos de sofrimento. Enquanto há sofrimento, consciente ou inconsciente, a mente não silencia, não se aquieta. A quietude da mente vem quando há beleza e amor. Beleza não é um ornamento, nem bom gosto. Não reside no contorno de montanhas, nem na arquitetura. Há beleza quando sabemos o que é o amor, e ninguém pode saber o que ele é quando não há inteligência, austeridade e ordem. Ninguém, ninguém pode nos dar isso, nenhum santo, nenhum deus, nenhum *mahatma*, ninguém! Nenhuma autoridade pode nos dar isso. Como seres humanos, temos de compreender toda a estrutura e a natureza de

nossa vida cotidiana, o que fazemos, o que pensamos, nossos motivos, nosso comportamento, como fomos apanhados em nossas próprias conclusões, em nosso condicionamento. Isso deve começar aqui, na vida diária, e se não pudermos alterar tudo completamente, causar uma total mudança em nós mesmos, nunca conheceremos aquela mente quieta, silenciosa. Só essa mente pode saber o que é a verdade. Como essa mente não tem imaginação, não projeta desejos, é totalmente tranqüila; então acontece a felicidade daquilo que não pode ser posto em palavras.

— 9 —

Quando estiver comendo, coma

Pergunta: Não vejo nenhuma importância em minha vida diária, acho que deveria estar fazendo outra coisa.

Krishnamurti: Quando estiver comendo, coma. Quando sair para caminhar, caminhe. Não diga que deveria estar fazendo outra coisa. Quando estiver lendo, dê total atenção ao que lê, seja um romance policial, uma revista, a Bíblia, ou qualquer outra coisa. Atenção completa é ação completa, de modo que não há lugar para o "Eu deveria estar fazendo outra coisa".

O importante é dar total atenção ao que estamos fazendo, seja o que for.

— 10 —

Os problemas são resolvidos no silêncio: a xícara só é útil quando está vazia

Pergunta: O senhor defende a idéia de que precisamos acabar com nosso ambiente interior. Por quê? Qual a utilidade disso?

Krishnamurti: Não estou defendendo nada. Mas, como você sabe, a xícara é útil apenas quando está vazia. Muitos de nós têm a mente anuviada, cheia de uma infinidade de pensamentos, experiências agradáveis e desagradáveis, conhecimento, padrões ou fórmulas de comportamento e assim por diante. A mente nunca está vazia. E a criação só pode acontecer na mente que está totalmente vazia.

Não sei se vocês já notaram o que às vezes acontece quando estão tentando resolver um problema, seja matemático ou psicológico. Pensam muito, preocupam-se, agarrados ao problema como um cão mordendo um osso. Mas não encontram uma resposta. Então, deixam o problema de lado, afastam-se, vão dar um passeio, e, do nada, vem a resposta. Como isso acontece? A mente estava muito ativa dentro de suas limitações com respeito ao problema, mas vocês não encontravam a solução, então fizeram uma pausa. A mente, então, conseguiu ficar um tanto silenciosa, um tanto quieta, vazia e, nessa quietude, nesse vazio, o problema foi resolvido. Do mesmo modo, quando morremos a cada minuto para o ambiente interior, para os compromissos, lembranças, segredos e agonias interiores, há um vazio, e é só nesse vazio que algo novo pode acontecer.

— 11 —

A mente silenciosa

Apenas uma mente silenciosa, não uma mente disciplinada, compreende e, portanto, é livre. Apenas a mente silenciosa pode saber o que é criação. Criação, porque a palavra "Deus" foi inutilizada.

Mas, para compreendermos algo que está além do tempo é preciso que a mente esteja em silêncio. Essa não é uma mente morta, mas tremendamente ativa. Qualquer coisa que se mova na mais alta velocidade e é ativa, é sempre silenciosa. É a mente obtusa que se preocupa, que é ansiosa e temerosa. Tal mente nunca consegue estar em silêncio. Só a mente quieta pode ser religiosa. E é apenas a mente religiosa que pode descobrir aquele estado de criação e permanecer nele. E só uma mente assim pode trazer paz ao mundo. E essa paz é responsabilidade de cada um de nós, não do político, do soldado, do advogado, do homem de negócios, do comunista ou do socialista. É de nossa responsabilidade o modo como vivemos nossa vida cotidiana. Se queremos paz no mundo, temos de viver pacificamente, não odiando uns aos outros, não sendo invejosos, não buscando o poder, não competindo. É nos libertando dessas coisas que temos amor. A mente capaz de amar é a única que saberá o que é viver em paz.

Índice remissivo

Considerado pelo XIV Dalai Lama um dos maiores pensadores da nossa era, KRISHNAMURTI foi eleito pela revista *Time* um dos cinco santos do século XX, numa lista que inclui também Madre Teresa de Calcutá. Com mais de setenta livros publicados em quase trinta idiomas, J. KRISHNAMURTI estendeu uma ponte entre ciência e religião e criou fundações e escolas visando uma educação que enfatizasse a compreensão da mente e do coração.

Os textos contidos neste livro foram extraídos de escritos, diálogos e palestras de J. KRISHNAMURTI nos quais, ao longo de quase setenta anos, ele defendeu a liberdade psicológica e a importância de se conhecer a verdade sobre nós mesmos. Leia e descubra quem você é, o que está fazendo com sua vida, com seus relacionamentos, com seu trabalho, e de que maneira pode ajudar a mudar o mundo para melhor.

J. Krishnamurti

O que você está fazendo com a sua vida?